

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CÂMPUS DO
PANTANAL**

OTAVIO HENRIQUE RODRIGUES DOS SANTOS

**ATAQUES AO TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA DA COVID-
19: ARTEFATOS MIDIÁTICOS, CURRÍCULO E PEDAGOGIA
CULTURAL EM MATO GROSSO DO SUL**

**CORUMBÁ/MS
2023**

OTAVIO HENRIQUE RODRIGUES DOS SANTOS

**ATAQUES AO TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA DA COVID-
19: ARTEFATOS MIDIÁTICOS, CURRÍCULO E PEDAGOGIA
CULTURAL EM MATO GROSSO DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação Social, do Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação. Orientador: Prof. Dr Tiago Duque

**CORUMBÁ/MS
2023**

OTAVIO HENRIQUE RODRIGUES DOS SANTOS

Dissertação intitulada **Ataques ao trabalho docente na pandemia da Covid-19: Artefatos midiáticos, Currículo e Pedagogia Cultural em Mato grosso do Sul** apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração Educação Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago Duque – UFMS (Orientador)

Profa. Dra. Isabella Fernanda Ferreira – UFMS/CPAN (Examinadora Interna)

Profa. Dra. Juliana do Prado – UEMS/PARANAÍBA (Examinadora Externa)

Corumbá, 17 de agosto de 2023

DEDICATÓRIA

Dedico essa pesquisa a todos profissionais da educação que mesmo em tempos de pandemia não mediram esforços para dar continuidade em seus trabalhos. Mesmo tendo inúmeras dificuldades, tais como financeiras, tecnológicas, entre outras, se mantiveram de pé exercendo suas funções com excelência. Esse trabalho mostra o reconhecimento e o valor que um professor tem na sociedade, mesmo quando, em um momento histórico, foram atacados, desmoralizados, invalidados, mas que lutam diariamente pela sua valorização e por uma educação de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a Deus e meus guias pela vida e a oportunidade de realizar esse sonho de um dia ser Mestre em Educação. Para além disso, agradeço a Ele todo ânimo, força e sabedoria que me deu para conduzir essa etapa profissional em minha vida.

Agradeço a minha família, meu alicerce, por todo apoio e incentivo de investir no conhecimento, que apesar das dificuldades, a longo ou curto prazo, a colheita sempre chega.

Agradeço aos amigos que estiveram comigo nessa trajetória compartilhando angústias e conquistas, sempre dispostos a me ouvir, em especial a Cristiane Maria de Jesus Garcia e Hugo Augusto Turaça Leandro que tornaram os dias mais leves.

Agradeço ao meu querido orientador por todos os ensinamentos, pela confiança depositada em minha pessoa, pela sua humildade, atenção e sensibilidade, se tornou parte importante de minha vida profissional.

Agradeço ao corpo docente do PPGE/CPAN pela forma que conduziram a mediação de conhecimento e troca de experiências, sempre com muito entusiasmo e amor por aquilo que fazem.

Por fim, agradeço às professoras da banca de qualificação e defesa por terem aceitado fazer parte desse processo formativo e pelas contribuições para minha dissertação.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o currículo e a pedagogia cultural de parte dos artefatos das mídias digitais que produzem ataques contra o trabalho docente durante a pandemia da Covid-19 em contextos sul-mato-grossenses. A pandemia da Covid-19 fez com que as escolas fechassem seus portões, tornando assim as aulas no formato de ensino remoto emergencial. Durante esse período, inúmeras dificuldades educacionais foram enfrentadas, tanto por alunos, quanto por professores. Trata-se de um estudo de método etnográfico on-line, tendo como campo de pesquisa os artefatos presentes na mídia digital, através de páginas de jornais do Facebook e um canal do YouTube. Com isso, foram selecionados três jornais para análise de conteúdo que tratassem de trabalho docente na pandemia, e desses jornais foram escolhidas 18 notícias ao todo. Ademais, foi analisado também uma página governamental do YouTube que oferecia capacitação aos professores de uma rede municipal de ensino. Na introdução há um breve relato sobre a pandemia e as dificuldades enfrentadas pelos docentes, e uma discussão sobre a perspectiva utilizada como referências dessa pesquisa, o pós-crítico em educação. No segundo capítulo há o levantamento de produção e uma discussão sobre os trabalhos encontrados. Nesse capítulo trago também o processo metodológico, os artefatos, as fases de pesquisa, a bricolagem. Por fim, no último capítulo faço a discussão dos dados encontrados em uma olhar centralizado no processo curricular-pedagógico que produziram ataques ao trabalho docente. Conclui-se que durante a pandemia os professores sofreram inúmeros ataques com variados discursos. Foram encontrados ataques com discurso de ódio, incitação à violência contra a categoria, ataques com discursos sexuais, políticos, como também o silenciamento do direito de expressar suas opiniões.

Palavras-chave: Pandemia. Ataques. Trabalho Docente. Artefatos Digitais.

ABSTRACT

This research aims to analyze the curriculum and cultural pedagogy of part of the digital media artifacts that produce attacks against teaching work during the Covid-19 pandemic in Mato Grosso do Sul contexts. The Covid-19 pandemic caused schools to close their gates, thus making classes in the emergency remote teaching format. During this period, numerous educational difficulties were faced, both by students and teachers. This is an online ethnographic method study, having as a research field the artifacts present in digital media, through Facebook newspaper pages and a YouTube channel. With this, three newspapers were selected for content analysis that dealt with teaching work in the pandemic, and from these newspapers, 18 news items were chosen in all. In addition, a governmental YouTube page that offered training to teachers in a municipal education network was also analyzed. In the introduction there is a brief report on the pandemic and the difficulties faced by teachers, and a discussion on the perspective used as references in this research, the post-critical in education. In the second chapter there is a production survey and a discussion about the works found. In this chapter I also bring the methodological process, the artifacts, the research phases, the bricolage. Finally, in the last chapter I discuss the data found in a centralized look at the curricular-pedagogical process that produced attacks on teaching work. It is concluded that during the pandemic teachers suffered numerous attacks with various speeches. Attacks with hate speech, incitement to violence against the category, attacks with sexual and political speeches, as well as the silencing of the right to express their opinions were found.

Keywords: Pandemic. Attacks. Teaching Work. Digital Artifacts.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADUFMS – Associação dos Docentes da UFMS

AL – Alagoas

AM – Amazonas

ANPEd – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação

AP – Amapá

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CPAN – Campus do Pantanal

DAV – Divisão de Avaliação

DED – Divisão de Educação e Diversidade

DEE – Divisão de Educação Especial

EC – Estudos Culturais

FASI – Faculdade de Saúde e Humanidades Ibituruna

FETEMS – Federação dos Trabalhadores em Educação do Mato Grosso do Sul

FMGR – Faculdade Metropolitana da Grande Recife

FURG – Universidade Federal do Rio Grande

GEFEM – Gerente do Ensino Fundamental e Médio

GEINF – Gerente da Educação Infantil

GT – Grupo de Trabalho

IFG – Instituto Federal de Goiás

IFRS - Instituto Federal do Rio Grande do Sul

IFSM – Instituto Federal do Sul de Minas

IFTM – Instituto Federal do Triângulo Mineiro

MEC – Ministério da Educação

MS – Mato Grosso do Sul

MT – Mato Grosso

PPGE – Programa de Pós-graduação em Educação

PROPED – Programa de Pós-graduação em Educação

PUC – Pontifícia Universidade Católica

REAEND – Regime Especial de Atividades Escolares Não Presenciais

REE – Rede Estadual de Ensino

REME – Rede Municipal de Ensino

RJ – Rio de Janeiro

RS – Rio Grande do Sul

SciELO – Scientific Eletronic Library Online

SED – Secretaria Estadual de Educação

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

SIMTED – Sindicato Municipal dos Trabalhadores em Educação

SINTRAE – Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Privado de Mato Grosso do Sul

SUPED - Superintendências de Gestão das Políticas Educacionais

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

TPACK – Technological Pegagogical Content Knowledge

UCP – Universidade Católica de Petrópolis

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana

UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFAL – Universidade Federal de Alagoas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFLA – Universidade Federal de Lavras

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPI - Universidade Federal do Piauí

UFPR - Universidade Federal do Paraná

UFRB - Universidade Federal do Recôncavo Baiano

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFS - Universidade Federal de Sergipe

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UFVJM - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso
UNESP – Universidade Estadual Paulista
UNIB – Universidade Ibirapuera
UNIFAP – Universidade Federal do Amapá
UNIFESSPA – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
UNIFIEO – Fundação Instituto de Ensino para Osasco
UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba
UNIMONTES – Universidade de Montes Claros
UNINTER – Centro Universitário Internacional
UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa
UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNIS – Centro Universitário do Sul de Minas
UNISC – Universidade de Santa Cruz
UPM – Universidade Presbiteriana Mackenzie
USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Descritores.	22
QUADRO 2: Trabalhos selecionados da ANPEd.....	24
QUADRO 3: Trabalhos selecionados da SciELO.	32
QUADRO 4: Trabalhos selecionados da CAPES.....	40
QUADRO 5: Informações sobre os jornais.	57
QUADRO 6: Emojis.....	96

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nome de autoridades na roda de conversa.....	91
Figura 2 – Print do arquivo pessoal.....	94
Figura 3 – Print de comentários da página do YouTube.....	95

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. LEVANTAMENTO DE PRODUÇÃO	22
2.1 Anais ANPEd – 40º Reunião Nacional e XV Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste	22
2.2 SCIELO – Scientific Electronic Library Online	31
2.3 Portal de Teses e Dissertações da CAPES	39
2.4 Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS – Campus do Pantanal	47
2.5 Breve reflexão sobre o levantamento bibliográfico	48
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	52
3.1 Etnografando e bricolando os ambientes jornalísticos on-line.....	57
3.2 Etnografando e Bricolando um canal do <i>YouTube</i>	60
4. ARTEFATOS MIDIÁTICOS DA PESQUISA	62
4.1 Do artefato jornalístico à produção de currículo e pedagogia cultural.....	62
4.1.1 Campo Grande News.....	63
4.1.2 Correio do Estado.....	71
4.1.3 Mídia Max	75
4.2 Sobre o Canal do YouTube.....	79
5. PROCESSOS CURRICULARES-PEDAGÓGICOS DAS PÁGINAS JORNALÍSTICAS E DO CANAL DO YOUTUBE.....	84
5.1 Do Currículo.....	84
5.2 Da Pedagogia.....	98
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa faz parte do curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus do Pantanal (CPAN). Ela é ligada ao Impróprias – Grupo de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Diferenças (UFMS/CNPq). O recorte geográfico do estudo, tendo o foco em Mato Grosso do Sul, se dá devido a esta pesquisa estar submetida ao projeto “guarda-chuva” do meu orientador, prof. Dr. Tiago Duque, cujo título é: “Currículos, artefatos e diferenças: gênero e sexualidade via as pedagogias culturais em contextos sul-mato-grossenses”.

Esse projeto “guarda-chuva” foi importante para dar o pontapé inicial na minha pesquisa por situar nosso estado como uma localidade que tem sua importância e valor para as análises currículo-pedagógicas, além disso, ele nos permite entender melhor como essas trocas produzem determinadas experiências que se diferem de outras localidades limítrofes. Além disso, o projeto a qual essa dissertação está submetida, assim como outras pesquisas já desenvolvidas sob esse “guarda-chuva”, seja de graduação ou pós-graduação, oferece novas maneiras de pensar a educação, desde à sua bibliografia sobre uma perspectiva pós-crítica até os diferentes caminhos metodológicos que uma pesquisa pode estar adequada, como o uso da etnografia on-line/off-line.

As discussões coletivas em torno do projeto “guarda-chuva” auxiliaram muito a pensar sobre currículo e diferentes artefatos que produzem e possuem um processo curricular-pedagógico. Isso acabou dando muito suporte teórico que sustentou essa dissertação. Embora meu foco central nessa pesquisa não seja gênero e sexualidade, essas marcas da diferença acabaram aparecendo quando cheguei à campo, nesse sentido, mostra a força e a importância do projeto frente às pesquisas vinculadas a ele que estão sendo desenvolvidas. Nós estamos buscando especificidades regionais em relação às experiências que nos interessa estudar. O tema desse estudo e de outros que têm sido desenvolvidos sob o referido projeto “guarda-chuva”, pode tanto contribuir com a área da Educação por apresentar cenários ainda poucos explorados se comparados com outras regiões, como para a própria compreensão analítica da realidade sul-mato-grossense.

Minha pesquisa desenvolvida envolve o trabalho docente em tempos de pandemia da Covid-19. Devido a forma de contágio da doença e riscos à saúde, encerraram-se as aulas presenciais em março de 2020, tornando as mesmas em formato de ensino remoto no estado de Mato Grosso do Sul (MS). Esta nova realidade de ensino remoto trouxe novos desafios ao

campo da educação, especialmente no que se refere a relação professor-aluno fora da escola e professor-comunidade. Por isso, aqui vou pensar na educação dentro e fora dos muros da escola, não somente porque o trabalho docente tornou-se remoto, mas porque o que envolve essa nova realidade tem pedagogias e currículos próprios.

De acordo com Maknamara (2020), no mundo contemporâneo novas configurações culturais têm concorrido com a escola pelo privilégio sobre a educação das pessoas. E são a partir dessas novas configurações que a pesquisa parte de uma localidade diferente, a do ambiente online. Para Bortolazzo (2020) a pedagogia não está circunscrita a um território institucionalmente balizado, como é a escola, mas se encontra espalhada em várias instâncias que operam para modificar os modos dos sujeitos habitarem o mundo. Tem-se ressaltado que muitas das representações disponibilizadas em diferentes artefatos culturais não apenas “chegam” às escolas, mas também entram em conflito com o que nelas se ensina.

É em uma contemporaneidade caracterizada por artefatos e currículos variados que essa pesquisa dialoga com as experiências culturais que acontecem na sociedade, para além da escola, mas não a excluindo. Os artefatos são as produções culturais em que o pesquisador se debruça constituindo uma pedagogia e um currículo diversificado pela qual cada artefato se apresenta de modos operantes diferenciados.

Conforme Maknamara (2020), artefatos como a televisão, o cinema, os jornais, a literatura, o rádio, as revistas, os brinquedos, a música etc., podem ser vistos como “máquinas de ensinar”. Estes artefatos podem ser muitos outros que tomamos como lugar de relações e pesquisa na produção de conhecimento. Por fim, os artefatos podem ser compreendidos nesse trabalho como oportunidades de análise desafiadoras para a pesquisa. Em meu percurso de pesquisa, optei utilizar as mídias digitais que se caracterizam como um ambiente de interação que produz cultura e é produzido por ela, que é capaz de demonstrar como as relações vão acontecendo ao longo do tempo. Com isso, a pesquisa se faz presente em páginas de jornais no *facebook* e em um canal governamental educacional presente no YouTube. Tanto as notícias nas páginas jornalísticas do Facebook como os vídeos do referido canal, são caracterizados como artefatos culturais que pretendi trazer à essa pesquisa, e que estão presentes em um contexto de conexões e interações. Diante da diversidade de artefatos nesses ambientes e, ao mesmo tempo, de conteúdo curricular-pedagógico neles presentes, interessa-me uma pedagogia cultural, e um currículo em específico, que tem relação direta com os ataques que os professores sofreram durante o trabalho remoto. Esses artefatos e ambientes serão apresentados em detalhes posteriormente.

Quando se fala no campo da Educação nos artefatos culturais, refere-se a eles como apresentando um currículo. Nesse sentido, durante o trabalho remoto, interessou-me o modo do professor ser compreendido, o trabalho remoto docente em tempos pandêmicos, isso porque há currículos não-escolares que também se referem ao modo como determinada experiência cultural compreende o trabalho docente. Meu campo de pesquisa é as mídias digitais, portanto, em si, são artefatos culturais tecnológico (Facebook e YouTube), que me permitem entender, a partir de seus usos a representação do trabalho docente durante o ensino remoto, o que se ensina e o que se aprender, isto é, o que há de currículo-pedagógico sobre o ser professor.

Silva (2013) tem contribuído para aumentar a compreensão entre as relações de conhecimento e suas múltiplas formas em que o currículo se envolve na produção do social. Para esse autor o currículo é uma relação social, no sentido que a sua composição se realiza através da relação de pessoas. Falar do currículo que circula por meio dos artefatos se torna necessário pois, de acordo com Silva,

[...] é importante ver o currículo não apenas como sendo constituído de “fazer coisas”, mas também vê-lo como “fazendo coisas às pessoas”. O currículo é aquilo que nós, professores/as e estudantes, fazemos com as coisas, mas também é aquilo que as coisas que fazemos fazem a nós. O currículo tem de ser visto em suas ações (aquilo que fazemos) e em seus efeitos (aquilo que ele nos faz). Nós fazemos o currículo e o currículo nos faz. (2013, p. 189)

Dito aqui algumas considerações introdutórias sobre artefato e currículo, situo neste momento algumas considerações sobre o trabalho docente e, posteriormente os artefatos que serão analisados para a pesquisa.

O trabalho docente em si já sofre, por exemplo, ataques violentos, sejam eles nas redes sociais ou presencialmente, independentemente do momento histórico. A exemplo disso, ao pesquisar violência contra o trabalho docente, encontrei muitos estudos que apontam as tipologias, usam como método as entrevistas e/ou questionários. De acordo com um estudo realizado por Santos *et al.* (2019) na cidade de Dourados (MS), 56% dos professores constataram ter sofrido violência no ano letivo de 2018; cerca de 10,3% sofreram violência física, 20,6% violência verbal e 6,8% represálias.

Em tempos pandêmicos, quando o trabalho docente passou a ser remoto devido a Covid-19, inúmeras narrativas acerca da profissão surgiram produzindo determinados currículos sobre a atuação dos professores. Um exemplo atual de ataques direcionados ao trabalho docente se deu a partir da notícia divulgada em contextos sul-mato-grossenses de que professores, preocupados com a saúde coletiva, disseram não se sentirem aptos a voltar às

aulas antes de vacinação de todos, a notícia foi postada pelo Campo Grande News, uma página jornalística do *facebook*. Esse tipo de notícia gera reação entre os pais de alunos que, ao se depararem com reportagens sobre isso, atacam os professores dizendo que eles não querem trabalhar. São inúmeros comentários atacando a classe professoral que fazem circular e dão origem a um currículo, isto é, modos de discursos violentos de identificar o trabalho docente.

De acordo com Santos *et al* (2020) o fechamento das escolas públicas e a impossibilidade de realização de atividades escolares de forma presencial trouxeram à tona inúmeras questões e desafios que impactaram diretamente o trabalho docente. Por exemplo, durante a pandemia, que ainda não acabou, o professor triplicou sua jornada de trabalho, ao mesmo tempo, recebeu críticas por supostamente não estarem trabalhando. Há também casos em que eles foram valorizados pela dedicação e esforços diante das mudanças rápidas e inesperadas trazidas pela pandemia. É claro, para os discentes também trouxe inúmeras dificuldades, mas o que se caracteriza como sendo do meu interesse aqui é o trabalho do professor e os ataques a ele dirigido.

Para Silva e Ferreira (2017) as representações da docência e da profissão docente podem ser reconhecidas em documentos que instituem políticas públicas de formação de professores, mas também na internet, como em redes sociais, em canais do YouTube ou em outros espaços de comunicação on-line que representam, caracterizam e produzem imagens do que é ser professor. Esses espaços são entendidos por pesquisadores como artefatos culturais (como um site ou uma plataforma digital), mas neles também circulam diferentes artefatos culturais (como memes, vídeos e textos jornalísticos), são eles, seja esses espaços ou o que neles circulam, que nos permitem pensar em um certo currículo com conteúdo violento sobre o trabalho docente em tempos pandêmicos.

Para além dos conceitos aqui trabalhados, essa pesquisa apresenta em suas referências os estudos em educação pautados em uma perspectiva pós-estruturalista. De acordo com Paraíso (2004) as correntes teóricas que conhecemos sob os rótulos de pós-estruturalismo e de pós-modernismo influenciaram profundamente, como sabemos, as teorizações e as pesquisas em diversos campos das ciências sociais e humanas. Ainda para Paraíso (2004) as teorias pós-críticas realizam, no campo educacional brasileiro, substituições, rupturas e mudanças de ênfases em relação às pesquisas críticas.

Segundo Aguilar e Gonçalves (2017, p. 37) “o pós-estruturalismo surge como uma forma de repensar as teorias estruturalistas instaurando uma desconstrução de alguns conceitos considerados como verdades absolutas e centrais”. Ainda, os autores dizem que uma

característica importante que difere a perspectiva estruturalista da pós-estruturalista refere-se à centralidade do sujeito (AGUILAR; GONÇALVES, 2017). Algumas mudanças trazidas por perspectivas pós-estruturalistas podem ser percebidas por parte das contribuições dos Estudos Culturais (EC), especialmente autores/as pós-estruturalistas dos EC, indicando, entre outras coisas, que há potencialidade de pensar currículo e pedagogia cultural a partir dos artefatos culturais. Para Escosteguy (1998) os estudos culturais não se constituem como uma disciplina, mas resulta da insatisfação com algumas disciplinas e seus limites. É um campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam dos estudos de aspectos culturais da sociedade contemporânea. Já Silveira, Costa e Sommer (2003) definem que:

Os Estudos Culturais (EC) vão surgir em meio às movimentações de certos grupos sociais que buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso. Uma educação em que as pessoas comuns, o povo, pudessem ter seus saberes valorizados e seus interesses contemplados (2003, p. 37).

A partir dos EC, portanto, é possível identificar que os artefatos estão presentes nos mais diversos locais, oferecendo informações sobre a cultura e, inclusive, trazendo novas maneiras de pensar educação. Em concordância com essa compressão, Paraíso (2012) entende que os EC permitem compreendermos que existe modos de ensinar e possibilidades de aprender com mais diferentes artefatos culturais. Esses modos de aprender passam pelas pedagogias culturais.

A Pedagogia Cultural não é simplesmente uma nova expressão que conecta pedagogia e cultura, mas reitera uma importância significativa conferida às questões culturais no campo pedagógico (BORTOLAZZO, 2020). A pedagogia cultural é uma multiplicidade de processos educativos de um mundo elitizado que repercute a identidade e a diferença. Nem sempre a pedagogia cultural irá ampliar o conhecimento sobre o mundo, mas remete a nós mesmos, nossos modos de sentir, ver, agir, pensar.

Remetendo a nossos modos de sentir, ver, agir e pensar, me fez refletir sobre um caso ocorrido em uma escola que leciono. Um episódio narrado por coordenadoras que me inquietou e me levou a atentar as práticas odiosas contra a profissão docente. Foi um exemplo da invalidação profissional que ocorreu quando um pai foi até a escola e, ao pegar as atividades impressas para realizar em casa, indagou as coordenadoras o valor que receberia para ensinar os filhos em casa, porque o professor não estava trabalhando. Paralelamente, o caso presenciado a partir da narrativa das coordenadoras também pode ser encontrado nas narrativas que circulam

em diferentes artefatos que se referem a realidade do trabalho docente no período pandêmico. Por este e tantos outros motivos, entendemos que há um amplo conjunto de referências, críticas e ataques que têm circulado, envolvendo diferentes artefatos culturais. Nesse sentido, a pergunta norteadora deste estudo é: Qual o currículo e a pedagogia cultural de parte dos artefato das mídias digitais que produzem ataques contra o trabalho docente durante a pandemia da Covid-19 em contextos sul-mato-grossenses?

Os ataques contra a trabalho docente ganharam características específicas em tempos de pandemia da Covid-19 que precisam ser estudadas, o que justifica os meus interesses de pesquisa. Essas experiências dentro dos espaços escolares existem, mas, para além dos muros da escola essas experiências também acontecem. Aqui, mais do que delimitar um espaço “dentro” ou “fora”, interessa-me pensar suas relações em um processo educativo, com currículo e pedagogia cultural específicas. De acordo com Sabat (2001), as pedagogias e os currículos produzem valores e saberes, regulam condutas e modos de ser, fabricam identidades e representações. Aí parte da importância de um estudo no campo da Educação que analise esses artefatos culturais que estejam no contexto de um discurso que ataca o trabalho docente nesse período pandêmico. Bortolazzo afirma que:

a utilização do conceito de pedagogia atua em um jogo de visibilidades e, pelo fato da pedagogia estar associada à condução das pessoas é que ela se encontra, frequentemente, vinculada aos temas que vão despontando como importantes para serem pensados no tempo presente (2020, p. 319).

Partindo dessa afirmativa, os ataques contra a profissão docente presente nos artefatos durante o período pandêmico é um tema inédito – considerando a pesquisa inicial realizada para a construção desse trabalho. De acordo com Carmo e Correa (2021) a forma como os professores e seus atos são descritos pela mídia influencia a opinião da sociedade e ajuda a criar representações. A mídia citada por Carmo e Correa (2021) é um campo que vem sendo pesquisado, pois ela produz currículos e possui pedagogias culturais próprias que necessitam ser analisadas. Nesse estudo não desconsiderarei artefatos da mídia jornalística ou de profissionais da comunicação, mas, há outros artefatos que são midiáticos, mas aparecem caracterizados como reações nas redes sociais ou postagens não profissionais ou jornalísticas que também merecem atenção, sejam elas tidas como espontâneas ou não.

Por isso, essa pesquisa apresenta um potencial significativo nas pesquisas acadêmicas acerca do trabalho docente na pandemia no estado de MS e para o campo da Educação em Geral, como também para o PPGE/UFMS-CPAN por usar como material empírico de análise

os artefatos da mídia digital ainda pouco ou nada explorados, ampliando as possibilidades de estudos na área e na própria linha em que esta pesquisa está inserida, sendo ela “Gênero e sexualidade, cultura, educação e saúde”.

Sendo assim, o objetivo geral dessa pesquisa é: analisar o currículo e a pedagogia cultural de parte dos artefatos das mídias digitais que produzem ataques contra o trabalho docente durante a pandemia da Covid-19 em contextos sul-mato-grossenses. Diante disso, considerando o currículo e a pedagogia cultural aqui referidos durante a pandemia da Covid-19 em contextos sul-mato-grossenses, os objetivos específicos são: 1) Descrever o de parte dos artefatos das mídias digitais que produzem ataques contra o trabalho docente 2) Apresentar os ataques contra o trabalho docente por meio dos artefatos das mídias digitais; 3) Refletir sobre parte dos artefatos das mídias digitais que produzem ataques contra o trabalho docente; 4) Caracterizar os espaços on-line de parte dos artefatos das mídias digitais que produzem ataques contra o trabalho docente são publicados e/ou divulgados; 5) Sistematizar os ataques por meio dos artefatos das mídias digitais contra o trabalho docente publicados e/ou divulgados.

É considerável trazer também nessa introdução, diante do que já foi exposto até aqui, a concepção de mídias digitais. Martino (2015, p. 24) nos diz que “um dos conceitos principais para se compreender mídias digitais é a noção de informação”, nesse sentido, a informação entendida pelo autor pode ser compreendida como um dado novo que surge em um sistema. A informação se torna crucial em nosso meio social, os modos com que elas surgem e se emancipam vinculam novos saberes, isso ocorre muito no campo educacional.

A presença midiática no campo da educação se coloca à disposição de uma sociedade que cada vez mais busca utilizar desse meio que tende a satisfazer interesses e desejos pessoais e coletivos. A pandemia impôs mais desafios, uma vez que a educação sempre os enfrentou. O Enfoque dessa dissertação, contudo, não é a mídia como “objeto de estudo”, isto é, não produzieste estudo na área de “mídia-educação” ou da “educação para as mídias”, que surgiu em um contexto de mudanças aceleradas (BELLONI, 2001). Isso não significa que esse estudo não considera que as instituições de ensino não devam agir diante da tecnologias de informação que já estão presentes ou influenciando todas as esferas da vida social. Antes, entendo que cabe “à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando” (BELLONI, 2001, p. 10).

Assim, ao invés de tomar a dimensão didática das mídias no campo da educação escolar, interessa-me tratar das mídias digitais e investigar o conteúdo curricular, assim como a sua

forma de ser pedagogicamente posto em circulação a partir do tema aqui já apresentado. Considerando isso, a presente dissertação conta com essa introdução em que abordo em uma visão geral sobre uma nova forma de pensar educação com o uso de pedagogias e artefatos culturais, algumas considerações acerca da chegada da pandemia da Covid-19 e o processo de implantação das aulas em regime remoto, abordando também o trabalho docente, suas dificuldades e suas novas configurações com a chegada do ensino não presencial.

No primeiro capítulo será apresentado o levantamento de produção, momento em que eu fiz buscas de trabalhos que pudessem contribuir para a pesquisa assegurando uma qualidade científica. As buscas foram, consecutivamente, nos anais da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd); ScientificElectronic Library Online – (SCIELO); Portal de Teses e Dissertações da Capes e junto às dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal.

No segundo capítulo apresento a metodologia, descrevo minha trajetória em campo on-line para busca de dados através da etnografia e bricolagem. Consta também nesse capítulo, a apresentação detalhada dos ambientes jornalísticos do *facebook* e o canal do *YouTube* que usei como artefato midiático para a busca de dados.

No terceiro capítulo trago uma análise de dados que encontrei durante a busca on-line. Essa organização se apresenta dividida em partes para melhor entendimento do/a leitor/a, isto é, evidencio o que encontrei nos jornais on-line do *facebook* (notícias e comentários dos leitores), sendo apresentado separadamente por cada jornal on-line escolhido. Finalizando, mostro os dados que a partir da etnografia encontrei no canal do *YouTube*.

Nas discussões tecerei as narrativas de ataques ao trabalho docente por parte dos artefatos midiáticos, buscando compreender os aspectos curriculares-pedagógicos que disseminaram esses ataques, como também a presença de comentários informais a partir de emojis que também são importantes para compreensão.

Após as discussões sobre os aspectos curriculares-pedagógicos finalizarei a dissertação com minhas considerações finais e percepção através desse estudo.

2. LEVANTAMENTO DE PRODUÇÃO

Para execução do presente levantamento de produção foram utilizadas as ferramentas de busca on-line nos anais da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação- ANPEd; ScientificElectronic Library Online - SCIELO; Portal de Teses e Dissertações da Capes e as dissertações defendidas no Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – campus do Pantanal.

As buscas foram dirigidas em cada uma dessas ferramentas com o uso de descritores, separadamente e/ou combinados entre si para refinar as buscas.

QUADRO 1. Descritores

Pandemia
Trabalho docente / Professor
Ensino remoto
Mídia

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

2.1 Anais ANPEd – 40° Reunião Nacional e XV Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste

A 40° Reunião Nacional da ANPEd, ocorrida em 2021, aconteceu nos meses de setembro e outubro em Belém do Pará, teve como tema “Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo!”. Devido ao momento pandêmico em que se encontrara o país e a necessidade de fortalecimento da associação, a mesma ocorreu em formato remoto. A pesquisa não considerou as reuniões anteriores pelo fato da pandemia da Covid-19 ter sido registrada no Brasil apenas em 2020.

Já o XV Encontro Regional da ANPEd ocorreu no período de 16 a 19 de novembro de 2020 na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), teve como tema principal “Educação e Pesquisa: impactos, responsabilidade social, perspectivas”. Diante do quadro de emergência da pandemia da Covid-19 o evento também ocorreu por meio de atividades remotas. A escolha do encontro regional da região se justifica pelo fato do estado de Mato Grosso do Sul, contexto

desse estudo em tela, pertencer a essa região.

As buscas foram feitas dentro dos Grupos de Trabalho (GT) que por sua vez apresentam o total de 23 grupos da 40ª Reunião e 17 grupos do XV Encontro Regional. As buscas seguiram o critério de fazer uso dos descritores dentro de cada GT para encontrar pesquisas pertinentes e relevantes que contribuem diretamente para este trabalho. A escolha dos trabalhos e sua sistematização fez uso inicialmente ao critério de leitura do resumo para poder selecionar e, posteriormente, fazer seu uso nesse capítulo após leitura na íntegra.

Em primeiro momento dentro da reunião nacional, fazendo a busca com os descritores dentro dos GTs, com o descritor “pandemia” apareceram o total de 49 trabalhos, sendo assim, após os critérios de seleção foram selecionados 14. No descritor “trabalho docente” totalizaram 10 trabalhos, que por sua vez foram selecionados apenas 02; o descritor “ensino remoto” apresentou 10 trabalhos, considerando apenas 03 para análise; já o descritor “mídia” lançado na busca apontou 03 trabalhos, porém nenhum foi selecionado, não atendendo aos critérios e aproximação com o tema da pesquisa.

Após a reunião nacional, neste segundo momento foi abordado as pesquisas selecionadas dentro da reunião regional, partindo dos mesmos critérios anteriormente utilizados. No descritor “pandemia” surgiram 11 trabalhos, sendo 03 escolhidas. O descritor “ensino remoto” apresentou 04 trabalhos, selecionando apenas 01 deles para uso. Saliento que as buscas entre o descritor “trabalho docente” apresentaram um único trabalho, não selecionado e “mídia” não apresentou nada dentro da reunião regional.

O quadro 2 possibilita visualizar os trabalhos selecionados, os/as autores/as, a instituição, gênero, a diferenciação pela qual consta se o trabalho foi da reunião nacional ou regional e o GT a qual pertence. Em relação aos GTs, são eles: GT 03 (Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos); GT 04 (Didática); GT 05 (Estado e Política Educacional); GT 08 (Formação de Professores); GT 09 (Trabalho e Educação); GT 12 (Currículo); GT 13 (Educação Fundamental); GT 16 (Educação e Comunicação) e GT 20 (Psicologia da Educação).

QUADRO 2. Trabalhos selecionados da ANPEd

Autores/as (ano)	Instituição	Gênero	Reunião ANPEd	GT
Peixoto, Wanzeler e Estácio (2021)	UEA	M/F	Nacional	12
Delmondes (2021)	UFES	F	Nacional	12
Machado, Lobo e Castro (2021)	UERJ	F/M	Nacional	12
Caldeira (2021)	UFMG	F	Nacional	12
Duarte (2021)	UNIRIO	F	Nacional	16
Silva e Mendes (2021)	UNIS-MG UFLA	M	Nacional	16
Will, Espíndola e Cerny (2021)	UFSC	F	Nacional	16
Fantin e Santos (2021)	UFSC	F	Nacional	16
Castro e Santos (2021)	UERJ/PROPED	M/F	Nacional	16
Castro e Alonso (2021)	UFMT/ Campus Rondonópolis UFMT/ Campus Cuiabá	F	Nacional	16
Pucci e Ferreira (2021)	UNIMEP	F	Nacional	08
Dias (2021)	UNIFAP	M	Nacional	09
Carvalho (2021)	UERJ/PROPED	M	Nacional	16
Silva, Rolim e Carvalho (2021)	UFAM	F	Nacional	03
Machado, Silva e Bortolazzo (2021)	UFRGS IFRS	F/M	Nacional	13
Lopes (2021)	UPM	F	Nacional	04
Silva, Oliveira e Ferreira (2021)	UFPA	M/F	Nacional	13
Rosa (2021)	UNISC	F	Nacional	09
Santos e Giraffa (2021)	PUC-RS	M/F	Nacional	04
Freire, Rodrigues e Urt (2020)	UFMS	F	Regional	20

Marque e Tavares (2020)	UFG	F	Regional	04
Fernandes, Lima, Oliveira e Rocha (2020)	UFMT UNEMAT	F/M	Regional	08
Silva e Basta (2020)	UFGD	F/M	Regional	05

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Diante do quadro que pretendeu listar os trabalhos selecionados entre os anais das reuniões, tanto nacional quanto regional, obtive o quantitativo de 23 trabalhos escolhidos para esse capítulo.

A respeito do trabalho de Peixoto, Wanzeler e Estácio (2021), “Pode ser a gota d’água” - vozes de professoras e a pandemia na Amazônia”, ele teve como objetivo principal expandir as histórias vivenciadas por estas professoras da Amazônia brasileira, no contexto da pandemia de Covid-19, analisando o impacto na vida cotidiana de cada uma delas. Para chegar ao objetivo utilizaram como método análise de narrativas de três professoras, em diálogo com suas existências, resistências e sentimentos. Os autores usam a metáfora gota d’água representando as condições de existência em que se encontram as escolas. A pandemia representou uma alteração na organização do trabalho das professoras que fazem de sua missão superação seus medos e suas dores, garantindo assim os direitos individuais e coletivos.

Delmondes (2021) em seu trabalho “As pesquisas com os cotidianos escolares em tempo de pandemia e necropolíticas: insurgências possíveis” tece considerações acerca do trabalho docente em que as atividades pedagógicas estavam ocorrendo via artefatos tecnológicos, WhatsApp, sites, blogs, google sala de aula. Os escritos de autora evidenciam que as escolas estavam sendo preparadas adequadamente para o retorno das aulas, garantindo a segurança, mas em contrapartida houve os discursos e imagens de governantes que enunciavam o não uso da máscara, aglomerações, contrariando tudo aquilo que a escola estava preparando.

Levando em conta ao processo de ensinar, Machado, Lobo e Castro (2021), em “Cotidianos, travessias e criações – pandemia e possibilidades de migrações curriculares”, tiveram como objetivo apresentar ideias de um estudo ainda em desenvolvimento tendo como limites e possibilidades a produção de atualizações acerca das escolas e seus currículos. Embora a pesquisa não tenha sido concluída, as autoras indicam que ainda é cedo para apontar todos os impactos causados pela pandemia na educação.

Ainda, sobre as possibilidades de currículo no contexto da pandemia, Caldeira (2021) em “Um currículo em dois tempos: reflexões sobre a transição educação infantil/fundamental no contexto da pandemia”, tendo por base teórica uma perspectiva pós-estruturalista e com

objetivo de compreender a transição da educação infantil para o ensino fundamental, apresenta elementos metodológicos de uma etnografia educacional e análise de discurso, trazendo os conceitos de saber, discurso e posição de sujeito desenvolvidos por Michel Foucault relacionados às práticas curriculares. Para ela a pandemia produziu efeitos nas crianças e professores, o currículo, por sua vez, precisou se abrir para permitir a emergência de outros saberes durante a pandemia, como aqueles que envolvem o cuidado consigo, com as relações e com o outro.

Como sabemos, o cenário da educação se abriu para além do “chão da escola”, sendo assim, Duarte (2021) com o trabalho “Visualidades da infodemia: memes, desinformação e os desafios para a educação” objetivou investigar as dimensões visuais da Infodemia derivada da pandemia do Covid-19 no Brasil, a desinformação nas redes sociais digitais, suas relações com memes e os embates com a educação. Em seu estudo, Duarte se inquietou visualizando no seu feed do Facebook uma postagem que se tratava de um meme desinformativo, com conteúdo antivacina. O fato ativou o olhar pedagógico dele, querendo então comentar para alertar aos/às demais sobre a desinformação e o quanto ela implica na educação das pessoas.

Ao mesmo tempo, os embates educacionais também apareceram no estudo de Silva e Mendes (2021), intitulado “Quando o ensino híbrido se encontra com a pandemia”, que discute o ensino híbrido e seu uso na educação, os embates, as dificuldades e as possibilidades e as solicitações empregadas aos/às professores/as, constituído de um referencial teórico-analítico. Para eles, o ensino híbrido serviu muito mais a interesses de mercado capital e muito menos para se falar de formação e trabalho docente, das políticas públicas voltadas para educação e valorização docente, dos aspectos sociais, culturais e políticas que limitam a melhoria da educação brasileira.

A formação docente não ficou de fora nesse período pandêmico, o olhar de Will, Espíndola e Cerny (2021) em “Formação docente na pandemia de covid-19: iniciativas mapeadas nas redes estaduais de ensino brasileiras” se deu a partir de um estudo documental, abarcando vinte e sete sites das secretarias de educação dos estados brasileiros e do Distrito Federal. Todo o trabalho detém um olhar para a educação das redes estaduais de ensino no período da pandemia, e o uso dessas ferramentas em prol do processo educacional. Foi possível afirmar que as secretarias ofereceram formações, orientações pedagógicas e buscas autônomas por parte dos/as professores/as para sanar suas necessidades.

Fantin e Santos (2021), no trabalho “As trilhas percorridas por docentes da educação infantil na pandemia: entre meios, produções e mediações”, tiveram como objetivo refletir

sobre as mudanças do cenário da educação de crianças diante da pandemia Covid-19, tais reflexões partiram de uma pesquisa de mestrado que se aprofundaram em teorias da infância, cultura e mídia da educação com aplicação de questionário em uma roda de conversa com professores/as. Destacando o uso das tecnologias digitais, constatou que ainda estamos longe de uma educação para/com/através das mídias, não foi possível assegurar qualidade e acesso de uma educação não presencial a todos/as, bem como também melhoria dos equipamentos tecnológicos nas instituições.

Ainda sobre os recursos tecnológicos, assim como Fantin e Santos (2021), os autores Castro e Santos (2021) em “Ambiências formativas em tempos de pandemia: aprendendo ensinando com os usos do google e do whatsApp”, propuseram investigar e mapear as práticas de aprendizagem e ensino a partir de recursos tecnológicos. Essas práticas se tornaram necessárias devido ao isolamento de grande parte da população mundial, por esse motivo esses aparatos se tornaram corriqueiros na vida dos docentes e dos estudantes. Com esse cenário é possível maior interação e favorece o acesso ao aprendizado, por esse motivo, Castro e Santos (2021), mesmo com a pesquisa em desenvolvimento, concluem que o WhatsApp tem se apresentado essencial nas interações professor-aluno, aluno-professor para o processo de aprendizagem.

Ainda sobre tecnologia em tempos pandêmicos, o trabalho de Castro e Alonso (2021) intitulado “A educação básica e o uso das TIC na pandemia: entre o insólito e o possível” teve como objetivo identificar os principais desafios enfrentados e conhecer as apropriações tecnológicas por parte da comunidade escolar. O trabalho se firmou em uma abordagem qualitativa por meio de análise documental em duas escolas na cidade de Cuiabá/MT. No entanto, segundo as autoras, revelou-se que houve baixo índice de participação das aulas pela falta de acesso à internet, pela baixa qualidade da conexão e pela falta de dispositivos. Tudo isso demonstra que os alunos exilados desta infraestrutura foram os mais prejudicados, e gerando uma desigualdade escolar.

A respeito do trabalho de Pucci e Ferreira (2021), intitulado “Formação, autoria e resistência: a escuta de professoras no tempo-espço da pandemia da covid-19”, ele teve foco principal na narrativa das professoras durante o momento crítico que vivenciamos.

No que tange à formação docente, as autoras viram crescente oferta de iniciativas, como tutoriais, lives, mentorias e manuais, reforçando a ideia errônea de que as docentes precisariam de soluções prontas, uma espécie de atualização para que se tornem mais eficientes na tarefa de ensinar. A partir da escuta narrada pelas professoras foi externado por

elas o excesso de trabalho, incapacidade de atingir a todos os estudantes com eficiência.

Dias (2021), em “Trabalho docente no ensino médio amazônico em contexto de covid-19: análise sobre antes e durante a pandemia na Escola José do Patrocínio (AP)”, analisou o professor e seu trabalho através de uma pesquisa de campo, fazendo uso de entrevistas. Em seus escritos, Dias anuncia que no âmbito educacional a situação de pandemia da Covid-19 modificou as dinâmicas estruturais e organizacionais do professor, interferindo diretamente nas relações de ensino e aprendizagem. Ainda, sobre a situação emergencial que a pandemia trouxe, esse fato chegou ao desenvolvimento das aulas dos/as professores/as, pois nenhum/nenhuma deles/as sentiram que estavam preparados/as, assim como os/as discentes, a condição social que se encontram origens humildes, inclusive preocupante pois não possuíam computador e acesso à internet. Por esse motivo, os/as professores/asse adaptaram a essa realidade para não reproduzirem ainda mais exclusão nas aulas.

Ainda, Carvalho (2021) desenvolveu o trabalho “Pedagogias ciberfascistas: uma análise do trabalho das milícias digitais”, que se trata de um desdobramento de uma pesquisa de tese recém-concluída com o qual objetivou compreender como grupos de milícias digitais operam suas ações e os instrumentos pedagógicos. O autor partiu de uma análise de estudos pós-estruturalistas problematizando a realidade, o trabalho que se envolve na mídia, sendo ela um artefato cultural. Carvalho (2021) trata de uma pedagogia ciberfascistas e pedagogias operacionalizadas concluindo que tais ações governam as condutas do sujeito, por meio de produção e propagação de conteúdos discurso de ódio e notícias falsas.

A respeito dos desafios que a educação enfrenta, Silva, Rolim e Carvalho (2021), em “Desafios da educação escolar quilombola no contexto da pandemia da covid-19 em uma comunidade no município de Barreirinha – AM”, centram atenção na verificação dos desafios da educação escolar quilombola na pandemia da Covid-19, visando o relato de professores/as de uma comunidade do Município de Barreirinha-AM a partir de áudios do aplicativo WhatsApp. Diante dessa pesquisa, foi levantado que as desigualdades aumentaram durante a pandemia, principalmente em relação aos recursos tecnológicos, segundo as palavras dos/as professores/as entrevistados/as, dificultando o processo educacional. Além do mais, os/as professores/as se desdobraram, precisando reinventar seus modos de ensinar, mesmo quando o interesse pelas aulas apresentou declínio.

Em decorrência do ensino presencial ter se tornado remoto, muitas discussões sobre a volta dos educandos para a escola levantaram inquietações, como apresentadas por Machado, Silva e Bortolazzo (2021), em “Educação em tempos de pandemia: uma análise dos

movimentos ‘mães e pais pela democracia’ e ‘lugar de criança é na escola’”, propuseram analisar os discursos de ambos os movimentos. O percurso foi feito através de análise das postagens em rede social, o Instagram, se embasando teoricamente aos estudos foucaultianos. Machado, Silva e Bortolazzo (2021) consideraram que os movimentos produzem discursos dentro do cenário atual, sendo a crise mundial da saúde. Além disso, utilizam de estratégias operantes na produção subjetiva de opiniões e em suas conduções enquanto sujeitos para que atendessem as demandas requeridas, sendo elas relacionadas ao retorno presencial das aulas mesmo com a periculosidade que a Covid-19 exerce.

As mesmas inquietações envolveram também o ensino superior, Lopes (2021), em seu trabalho “Cultura digital e prática docente: rupturas e continuidade no contexto do ensino superior pós covid-19”, visou a performance do/a professor/adentro da cultura da mídia, seus desdobramentos, adaptações à realidade e a demanda para mediação de conhecimento aos/às estudantes. O trabalho contou com um formulário pela qual participaram 723 estudantes universitários, analisando as respostas por categorias em que as aulas presenciais passaram a ser remotas. Lopes (2021) contribui afirmando que o impacto da pandemia afetou nos modos de aprender e ensinar, revelando que há limites e possibilidades nas práticas docentes, rupturas e continuidades que abraçam a cultura digital.

Para além dos/as estudantes e professores/as, as gestões escolares também não ficam isentas das práticas educacionais no contexto da pandemia, por isso, Silva, Oliveira e Ferreira, em “Gestão escolar e pandemia da covid-19: o papel do gestor e os desafios para a (re)organização da escola básica na Amazônia Paraense”, tiveram o objetivo de analisar o papel do gestor frente a pandemia da Covid-19, utilizando técnicas qualitativas de análise partindo de uma abordagem teórica bibliográfica e documental. De acordo com Silva, Oliveira e Ferreira (2021) os resultados preliminares evidenciaram que novas faces de mudanças surgiram para os gestores educacionais, visto que essas mudanças necessárias deveriam solucionar ou amenizar as consequências trazidas pela pandemia. Esses/as gestores/as precisavam dar conta de organização escolar, o educando, como também apoio pedagógico e formativo aos/às professores/as.

Considerando o trabalho docente, o estudo de Rosa (2021), intitulado “Sentidos e significados do trabalho docente na educação infantil: um diálogo a partir das condições de trabalho”, apresentou os essenciais resultados de uma pesquisa em que o objetivo foi descrever, analisar e compreender os sentidos e significados atribuídos a professoras da educação infantil em um município do Rio Grande do Sul. Rosa (2021) bebe da fonte do materialismo histórico

dialético com base de questionários semiabertos abrangendo 34 professoras. As análises evidenciaram as condições de trabalho que afeta os aspectos físicos relacionados a saúde, as sobrecargas de trabalho exercida pelas professoras, considerando que o a precariedade desses aspectos se mostra presente nos dados obtidos. Ainda sobre esse tema em específico, Santos e Giraffa (2021), em “A experiência docente em tempos de pandemia: pedagogia e desafios tecnológicos na rede estadual de Pernambuco”, objetivaram analisar as experiências docentes e o uso das tecnologias na transição do ensino presencial ao remoto. A pesquisa de cunho qualitativa e exploratória contou com um questionário online aplicado a 24 professores.

No estudo, Santos e Giraffa (2021) mostram que as ferramentas utilizadas pelos docentes foi vídeos do YouTube e sala de aula criada pela escola e pela secretaria de educação. Relacionado a isso, os/as docentes mostraram pendências em relação ao processo de ensino dentro da plataforma, uma vez que os/as estudantes encontraram dificuldades de acompanhar as aulas, seja pela falta de aparato ou de conectividade.

O viés do fazer docente também aparece no trabalho de Freire, Rodrigues e Urt (2020), intitulado “A (des) empatia emergida e denunciada em tempos de pandemia: os dissabores vivenciados pelo professor”, com objetivo de explorar e denunciar a falta de empatia relacionada ao trabalho docente durante a pandemia, as inseguranças pessoais e profissionais. A perspectiva utilizada no estudo envolve a psicologia histórico-cultural que compreende o homem e suas relações com o mundo. As conclusões externadas mostram que o estudo acerca do trabalho docente frente ao adoecimento merece olhares mais contínuos, a pandemia expos ainda mais como o professor é concebido na sociedade e o quanto seu trabalho não tem o reconhecimento merecido.

Marques e Tavares (2020), em “Educação, pandemia e ensino remoto: reflexões de notas públicas e *lives*”, analisaram minuciosamente a portaria de nº 343 do Ministério da Educação (MEC) do dia 17 de março de 2020, que autorizava a execução das aulas remotas devido a pandemia da Covid-19. Elas elencaram posições favoráveis e contrária à referida portaria. O que chama atenção e que contribui para a pesquisa é que elas citam opiniões contrárias às aulas remotas por dois principais motivos: precarização do trabalho docente, excesso de trabalho e exposição do profissional.

Fernandes, Lima, Oliveira e Rocha (2020), em “Pandemia da covid-19 nas práticas de professoras iniciantes em Mato Grosso: Por entre as pedras”, analisam qualitativamente como se deu o processo de adaptação das professoras iniciantes que atuam na rede estadual de educação mato-grossense com os novos episódios referentes ao ensino remoto. Foi evidenciado

que as professoras iniciantes relataram dificuldades no exercício da profissão em tempos de pandemia ao ensinar e aprender. Também foi percebido que a formação oferecida pela SEDUC/MT durante o ensino remoto apresentou fragilidades e dificuldades dos docentes em lidar com a modalidade de ensino pelas mídias digitais.

Silva e Basta (2020), em “A regulamentação do ensino remoto na rede estadual de ensino de Goiás”, analisaram documentos normativos publicados pelas autoridades, sendo do Governo Estadual, Secretaria Estadual de Educação e do Conselho Estadual de Educação. Selecionaram cinco decretos/resoluções que julgaram mais relevantes. Os autores registraram que a inquisição das aulas remotas em Goiás, em que os/as docentes atuavam em regime de teletrabalho, as plataformas virtuais de ensino e aprendizagem disponibilizadas foram utilizadas como recurso pedagógico.

2.2 SCIELO – Scientific Electronic Library Online

Na busca da SCIELO as pesquisas foram feitas utilizando palavras-chave separadas e/ou combinadas, dinamizando as possibilidades de combinação e filtragem das especificidades. Ao utilizar o descritor “ensino remoto”, o portal apresentou 76 artigos relacionados ao tema. Dentre o total, a seleção também foi feita através da leitura dos títulos e resumos, selecionando aqueles com maior aproximação a temática da pesquisa. Em respeito aos critérios, foram selecionados 09 artigos que contemplaram o tema proposto. Durante a dinamização dos descritores, “ensinoremoto e professores” foram encontrados 14 artigos, sendo selecionado apenas 1. Nos descritores “ensino remoto e pandemia” os artigos encontrados são predominantemente repetidos quando comparados aos descritores anteriores, com exceção de apenas um deles. O descritor “trabalho docente” apontou 996 artigos como resultado. Devido ao número elevado acerca da palavra-chave, foi feita a combinação entre “trabalho docente e pandemia”, totalizando 17 artigos. Da totalização dos artigos encontradas, dois são duplicados, sendo assim, foram selecionados 4 artigos. Entre “pandemia e professores” o portal disponibilizou 47 artigos, destes foram escolhidos 2. Com “mídia” aparecem 1725 como resultado, combinando “mídia e professor” foi possível minimizar para 10 artigos, selecionando apenas 3 deles.

Demais possibilidades de combinações não me levaram a quantitativos expressivos, nem tampouco úteis para esse levantamento. De agora em diante, a exploração do quadro 3 contemplará os artigos selecionados e os seus autores/as, o gênero, a instituição, além das

revistas. Foram selecionados 20 artigos, todos são de brasileiros/as.

QUADRO 3. Pesquisas selecionadas da Scielo

Autores/as (ano)	Gênero	Instituição dos autores/as	Revista
Magalhães (2021)	M	COLÉGIO PEDRO II	História, Ciências, Saúde
Almeida e Scheifer (2021)	F	IFRS FURG	Rev. Brasileira de Linguística Aplicada
Macedo (2021)	F	USP	Estudos Históricos
Souza <i>et al.</i> (2021)	F/M	FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ	Trabalho, Educação e Saúde
Pinho <i>et al.</i> (2021)	F/M	UFRB/UEFS/UFBA	Trabalho, Educação e Saúde
Camizão, Conde e Victor (2021)	F	UFES	Educação e Pesquisa
Lunardi <i>et al.</i> (2021)	F/M	UNIFIEO/UNIB	Educação e Realidade
Ferreira <i>et al.</i> (2021)	M/F	IFSM/IFTM	Movimento
Charczuk (2021)	F	UFRGS	Educação e Realidade
Máximo (2021)	F	UFSC	Civitas – Revista de Ciências Sociais
Nicolini e Medeiros (2021)	M/F	UFG/IFG	Estudos Históricos
Barreto (2021)	F	UERJ	Educação e Sociedade
Souza <i>et al.</i> (2022)	F/M	FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ	Interface – Comunicação, Saúde, Educação
Silva <i>et al.</i> (2021)	F	UNIMONTES	Ciência e Saúde Coletiva
Troitinho <i>et al.</i> (2021)	F/M	UNIFESSPA	Trabalho, Educação e Saúde

Cipriani, Moreira e Carius (2021)	F/M	UCP	Educação e Realidade
Freitas <i>et al.</i> (2021)	M/F	FASI/UNIMONTES/ UFVJM/FMGR	Jornal Brasileiro de Psiquiatria
Figueiredo e Bonini (2017)	F/M	UFSC	Delta
Carmagnani (2009)	F	USP	Ver. Brasileira de Linguística Aplicada
Zanchetta (2007)	M	UNESP	Educação e Sociedade

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Magalhães (2021), em “Pandemia de covid-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais”, teve como objetivo discutir a adoção da modalidade de ensino remoto em que o panorama da pandemia fez com que países do mundo inteiro aderissem às aulas não presenciais, a fim de diminuir os impactos da pandemia, garantindo o acesso à educação. Infelizmente, houve a acentuação da desigualdade no Brasil devido a grande maioria não terem acesso tecnológico para estudarem. Isso não implica somente nos/as estudantes, o/a professor/a foi diretamente atingido/apor este cenário, uma vez que redobrou seu tempo de trabalho utilizando recursos próprios sem apoio do Estado.

Essa mesma experiência é discutida por Almeida e Scheifer (2021) na pesquisa “Caindo na rede, caindo na real: Em busca do inédito viável no mundo em (pós) pandemia”, que buscou refletir sobre os desafios impostos pelo ensino remoto. Paralelas, a pandemia provocou rupturas nas bases tecnológicas, espaciotemporais e epistemológicas, defendendo também que o ensino remoto não é sinônimo de educação a distância, ao mesmo tempo entendem que o próprio desafio na pesquisa é buscar alternativas que rearticulem as linhas de fuga que se abrem com as referidas rupturas. Além disso, a escola tem papel fundamental para assegurar os recursos materiais e simbólicos para que os/as estudantes se apropriem da riqueza do meio digital e de fato caiam na rede e no real enfrentando desafios globais.

Nesse cenário, é notório o quanto a pandemia desencadeou inúmeras condições precárias no seio educacional. Macedo (2021) apresenta em sua pesquisa “Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública” uma discussão da transferência do ensino presencial ao remoto a partir de um estudo de caso de uma escola pública de São Paulo. Além disso, evidencia a ausência de políticas direcionadas ao acesso da educação em tempos pandêmicos. Macedo (2021) contribui dizendo que houve a necessidade

de discutir sobre as desigualdades digitais emergidas durante a pandemia, isto é, debateu a necessidade da democratização do acesso à internet como meio interventor para manter a conexão entre os estudantes e a escola pública, uma vez que a aprendizagem não envolve somente a transmissão de conteúdo, como também outras variadas dimensões.

Já Souza, Santos, Rodrigues, Félix, Gomes, Rocha, Conceição, Rocha e Peixoto (2021), no estudo “Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia”, propuseram refletir sobre as mudanças ocorridas no trabalho de docentes do ensino privado e suas repercussões relativizadas à saúde. Perfazendo um percurso cíclico, Souza *et al.* (2021) realizaram encontros periódicos por meio de plataformas digitais baseando-se no ponto de vista dos/as docentes. Além disso, Souza *et al.* (2021) teceram considerações sobre as questões de gênero e os impactos que a pandemia trouxe, alegando a divisão desigual de trabalho, concomitante ao profissional e doméstico. Por fim, a pesquisa afirma que há uma extrema necessidade de monitoramento da saúde dos profissionais de educação e que toda essa reestruturação do trabalho docente intensificou a precarização das condições de trabalho.

Outro artigo, de autoria de Pinho, Freitas, Cardoso, Silva, Reis, Muniz e Araújo (2021), intitulado “Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da covid-19”, evidencia e descreve as características do trabalho remoto, situação da saúde mental dos/as professores/as e a qualidade do sono durante a pandemia no estado da Bahia. Os dados trazidos são de extrema relevância, apontam que cerca de 51,4% sofreram alterações em seus contratos; as mulheres foram mais afetadas, em que 42,3% referiram sobre a sobrecarga doméstica, elevados números de crise ansiedade, mau humor e outros fatores emocionais que afeta intensivamente a vida dos/as profissionais. Tudo isso fez com que os dados obtidos mostrassem um quadro preocupante ao considerar o papel docente e sua saúde. De acordo com o estudo de Camizão, Conde e Victor (2021), intitulado “A implementação do ensino remoto na pandemia: qual o lugar da educação especial?”, o contexto da pandemia somente reafirmou e evidenciou as mazelas sociais, ampliando a desigualdade e a precarização do trabalho. Por esse motivo justificável o acesso à educação garantido por lei tem que ser mantido a todos/as. O estudo traz contribuições acerca do acesso à educação para o público da pessoa com deficiência a partir da vivência de duas professoras. Para eles, a pandemia afetou diretamente no professorado, a partir do estudo constataram que a educação especial, que envolve tanto aluno quanto professores foi considerado como uma condição secundária na implementação das aulas em formato remoto.

A pandemia, considerando o contexto educacional não afetou somente professores/as e estudantes, os pais também se viram vítima. Lunardi, Nascimento, Sousa, Silva, Pereira e Fernandes (2021), em “Aulas remotas durante a pandemia: dificuldades e estratégias utilizadas por pais”, pretenderam ter um olhar diferenciado aos pais, isto é, suas dificuldades e estratégias que foram necessárias para que pudessem participar do processo de ensino e aprendizagem dos/as filhos/as. Para a amostra da pesquisa participaram 147 pais/responsáveis de estudantes que se encontravam no ensino integralmente remoto. As principais questões levantadas na pesquisa foram o acesso à internet, administração do tempo, uma vez que trabalham fora de casa e detêm dos afazeres domésticos. Concluíram que os pais enfrentaram diversas dificuldades, o anseio de mais informações e a necessidade de maior suporte por parte da comunidade escolar também se mostrou forte na pesquisa. Evidenciaram também a dificuldade financeira no aumento de custos em manter os/as filhos/as em casa durante todo o período do dia.

A implementação das aulas remotas foi muito difícil, ainda mais para os profissionais da Educação Física. Ferreira, Miotto, Pereira, Lopes, Gontijo, Pereira, Klehm e Santos (2021), no estudo “E a educação física? Narrativas de professores- pesquisadores sobre as aulas remotas em institutos federais”, propuseram observar a transição do ensino que sofreu grande transformação didático-pedagógica evidenciando a falta de capacitação dos profissionais em usar recursos tecnológicos. Foi um desafio muito grande, uma vez que as aulas de Educação Física são majoritariamente práticas e lúdicas. Na pesquisa os/as professores/as se encontraram limitados/as em sua capacidade de docência, mostrando despreparo. Em função disso, os/as profissionais precisaram repensar suas aulas, como o uso de avaliações diagnósticas, atividades relacionadas à especificidade local do estudante, diferentes unidades temáticas dentro das aulas. Portanto, concluíram que os/as professores/as sentiram dificuldades impostas pela pandemia, porém não ficaram na zona de conforto, fizeram o replanejamento contemplando o uso da tecnologia em favor de suas aulas, se aproximando desse recurso didático.

Outro trabalho de relevância é o de Charczuk (2021), intitulado “Sustentar a Transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia”, que também problematiza os entraves dos/as docentes durante a pandemia e o ensino remoto. A autora quis pensar o papel docente que ao se enquadrar nessa realidade trouxe novas configurações no educar. Ela evidencia que todo esse momento culminou em depoimentos e narrativa que podem ser acompanhadas pelos meios digitais, isto é, informa os impasses, desafios e sofrimentos de crianças e professores/as nesses meses de isolamento. Charczuk (2021) afirma que

professores/as, de todos os níveis educacionais, se depararam com o enorme desafio de trabalhar/educar sem contar com o espaço físico da escola. Outro elemento considerado importante foi a interação entre professor/a aluno/a e os conhecimentos compartilhados, motivo este que aparece como subsídio de valia nas percepções e avaliações feitas sobre esse modo de ensino.

As experiências vividas na pandemia também se mostraram presente na pesquisa de Máximo (2020), quando em “No desligar das câmeras: experiências de estudantes de ensino superior com o ensino remoto no contexto da covid-19” pesquisou a suspensão das atividades presenciais na pandemia, pela qual professores/as e estudantes se viram imersos/as em desafios decorrentes de um afrouxamento dos vínculos que sustentam a relação ensino-aprendizagem. Ao analisar a relação professor/a estudante, ela aponta que eles/as encararam, na maior parte do tempo, suas telas “sem gente”, pois os/as alunos/as não abriam a câmera para serem visualizados.

A pesquisa de Nicolini e Medeiros (2021), intitulada “Aprendizagem histórica em tempos de pandemia”, aborda especialmente o ensino de História em tempos de pandemia e em diversos contextos e diferentes regiões brasileiras. Analisa-se as repercussões do ensino de História, as aprendizagens que o momento oportunizou e o contexto educacional dentro desse quadro histórico. No texto é relatado que no campo educacional, as escolas suspenderam atividades em cumprimento às orientações sanitárias e vários problemas surgiram quando implantaram o ensino remoto emergencial: desde acesso aos processos pedagógicos de ensino-aprendizagem e o trabalho docente mecanizado. De acordo com as autoras, alunos/as e professores/as precisaram enfrentar obstáculos, se desdobrando para dar conta das demandas em diversificadas situações educacionais.

Pensando nas barreiras que a pandemia encaminhou à educação, Barreto (2021) em “A escola entre os embates na pandemia” buscou analisar os discursos sobre a escola em tempos de pandemia, em que o principal embate nesse período foi a discussão da reabertura das escolas para receberem os/as estudantes. Ademais, a autora evidencia que o isolamento social fez com que diversos lugares fossem fechados, como por exemplo lojas, teatros, cinemas e a escola. Esses espaços culturais se reinventaram de diversas formas, aguardaram a flexibilização de reabertura. Já as escolas sofreram grande pressão social para que o ensino remoto fosse implementado o mais rápido possível.

Buscando dados sobre o trabalho docente, o artigo de Souza (2022), intitulado “Diários de professores (as) na pandemia: registros em cadernetas digitais de trabalho e saúde”, contou

com 8 professores/as da educação básica no estado do Rio de Janeiro. A pandemia exigiu ressignificação dos aspectos sociais, físicos e intelectuais de professores/as bem como a relação do processo de trabalho. O pesquisador considera que os sentimentos de medo e insegurança vivenciados principalmente por professores/as se deram à variadas possibilidades, como o desemprego, diminuição do salário devido à diminuição da carga horária de trabalho (mas não da carga de trabalho). Pensando nas aulas, o estudo confirma e dialoga com outros quando afirma que houve impedimentos do trabalho docente como acesso à internet, falhas de conexão, e problemas na relação com artefatos tecnológicos. Os/as profissionais se sentiram desmotivados em continuar com a árdua jornada de lecionar diante de tantos embates que afetaram sua vida profissional e pessoal.

O levantamento de Silva, Barbosa, Silva, Pinho, Ferreira, Moreira, Santos e Haikal (2021) na pesquisa “Pandemia da covid-19: insatisfação com o trabalho entre professores (as) do estado de Minas Gerais, Brasil” retrata a adoção da modalidade remota no ensino que exigiu dos/as professores/as adequação e reestruturação do planejamento em um contexto em que chamam de “disponibilidade irrestrita” de tempo para que dessem conta das demandas familiares e dos/as estudantes. O/a profissional precisou lidar com incontáveis situações, a evasão durante as aulas e a necessidade de atingir metas estabelecidas. Portanto, a totalidade da responsabilização dos/as professores/as durante a pandemia estiveram associadas à ausência de capacitações, a sobrecarga de trabalho que acarretou o aumentando da exaustão, influenciando uma insatisfação com o trabalho desempenham que é essencial da vida das pessoas.

No estudo foi envolvido professores/as que atuam na educação básica da rede estadual de ensino de Minas Gerais. Diante das amostras realizadas foi concluído que 80% dos/as professores/as não estavam satisfeitos/as com seu trabalho durante a pandemia. As mudanças impostas implicaram diretamente na rotina desses/as profissionais e fazem apelo às políticas educacionais para que envolvam os/as professores/as remodelando a prática docente a ser prazerosa.

Ainda sobre o trabalho docente, Troitinho, Silva, Sousa, Santos e Maximino (2021) contribuem com sua publicação “Ansiedade, afeto negativo e estresse de docentes em atividade remota durante a pandemia da covid-19” contemplando as situações em que professores/as realizaram atividades que corrompiam sua identidade docente e conflitavam com atividades domésticas. De fato, a pandemia não somente interferiu nas condições de trabalho, mas também influenciou diretamente na saúde das pessoas. Em especial, os/as docentes desenvolveram distúrbios como ansiedade entre tantos outros que são seriamente prejudiciais. Portanto, se a

precarização do trabalho docente, independente do espaço não for discutida, o trabalho remoto emergencial continuará sendo uma válvula de escape para sofrimento psicológico dos docentes.

Na pesquisa realizada por Cipriani, Moreira e Carius (2021) intitulada “Atuação docente na educação básica em tempo de pandemia” o público-alvo foi professores/as da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. As amostras indicam a participação de 209 professores/as. A pesquisa manteve seu foco no trabalho docente diante dos impactos trazidos pela pandemia indagando-os através de questionário suas perspectivas e dificuldades. Cerca de 31,03% dos/as professores/as pesquisados/as atuam no ensino médio; 26,65% nas séries finais do ensino fundamental e 24,76% nas séries iniciais. No quesito de recursos tecnológicos, as ferramentas mais utilizadas pelos professores foram o *google meet* (22,58%); Youtube (12,67%); *Google Classroom* (11,98%). Conclui, então, chamando a atenção no que tange à saúde, que o estado emocional dos/as profissionais é preocupante. Eles/as demonstraram estado de ansiedade, preocupação e angústia, sobrecarga de trabalho, palavras que mais foram abordadas no questionário.

É de extrema importância trazer considerações acerca do trabalho docente no ensino superior, por isso Freitas, Ramos, Freitas, Souza, Pereira e Lessa (2021) fizeram a pesquisa “Prevalência e fatores associados aos sintomas de depressão, ansiedade e estresse em professores universitários durante a pandemia da covid-19” que se preocupou com os/as professores/as de ensino superior, trazendo visibilidade a esta etapa de formação cidadã. Na pesquisa foi abordado os problemas relacionados à saúde mental, índices que cresceram consideravelmente durante a pandemia. O público-alvo do estudo foi composto por professores/as universitários/as que lecionam em sete cursos superiores da área da saúde de uma instituição de ensino superior (IES) privada da cidade de Montes Claros, Minas Gerais. O estudo buscou considerar a prevalência e os fatores associados aos sintomas da depressão, ansiedade e estresse nesses profissionais no período da pandemia da Covid-19. Analisando os resultados, consideravelmente os professores analisados apresentaram sintomas de depressão, ansiedade e estresse que se desencadearam durante a pandemia, intensificando ainda mais o que já é visto como doença do século.

Tendo em vista os meios de comunicação, a pesquisa de Figueiredo e Bonini (2017), intitulada “Recontextualização e sedimentação do discurso e da prática social: como a mídia constrói uma representação negativa para o professor e para a escola pública”, analisa a representação do/a professor/a produzida pela mídia brasileira e o modo como essa

representação, através da recontextualização da docência em diversos gêneros, se sedimenta na sociedade, inclusive na escola e no discurso do próprio professor. Ainda, relatam que a prática social da docência (e seu agente principal, o/a professor/a) é recontextualizada de forma negativa em gêneros da mídia jornalística (notícia e reportagem) e em gêneros de outras mídias. Outro apontamento da pesquisa, Figueiredo e Bonini (2017) mencionam que a mídia jornalística apresenta uma posição ambivalente e contraditória no que diz respeito à educação e ao papel social da escola, disseminando representações negativas e desestimula a docência como carreira profissional.

Na análise de Carmagnani (2009), em “Linguagem e exclusão: o discurso da mídia sobre o professor e a escola”, é trazido o discurso produzido pela mídia acerca da escola brasileira, sobretudo o discurso sobre professores/as e o modo como são representados/as. O foco do estudo foi discurso midiático sobre a escola, os modos em que professores/as vêm sendo atacados/as e colocados/as como os responsáveis pela crise da educação brasileira. Muito se lê ou ouve que professores/as, especialmente na pandemia, durante o ensino remoto não trabalharam, estavam em casa recebendo sem trabalhar. Carmagnani (2009) defende que o/a professor/a é incluído está sendo indevidamente criticado, responsabilizado pelas mazelas da educação, discurso que desqualifica e desmoraliza.

Por fim, Zanchetta (2007) em “Estudos sobre recepção midiática”, esboça o panorama e contribui com a evolução dos estudos relacionados à recepção midiática e sobre como a escola brasileira se apropriou dessas ideias, problematizando a formação midiática, centralidade na formação histórico-política do/a professor/a. O autor cita o termo “educomunicação” em que se faz pela junção de educação e comunicação. Com isso, Zanchetta afirma que a chegada dos estudos da mídia na educação foi observada tardiamente e até hoje apresenta um descompasso. No que diz respeito a mídia e o docente, a preparação para lidar com a mídia o autor chama de “objeto ensaístico”, pois nas licenciaturas não existem espaços para lidar com os meios de comunicação e que há poucos estudos sobre a inserção desses meios no contexto escolar.

2.3 Portal de Teses e Dissertações da CAPES

No portal de teses e dissertações da CAPES ao pesquisar “trabalho docente” foram encontrados 6432 trabalhos. Diante disso foi necessário de antemão combinar com outros descritores para melhor filtragem; ao juntar “trabalho docente e pandemia” apareceram 50 trabalhos em que a escolha manteve o crivo da leitura dos títulos e resumos, selecionando

aqueles com maior aproximação com a temática da pesquisa. Partindo dessa perspectiva, foram selecionados 5 trabalhos; em “ensino remoto e pandemia” das 284 pesquisas foram selecionadas 9 delas; “pandemia e professor” trouxeram 219 trabalhos dos quais 2 se adequam aos critérios, “mídia e trabalho docente” evidenciou 61 trabalhos, apenas 2 foram escolhidos. O quantitativo de estudos selecionados para esta etapa do levantamento de produção chegou ao número de 18 pesquisas, os quais 16 são dissertações e 2 são teses conforme o quadro 4.

QUADRO 4. Trabalhos Selecionados da CAPES

Autores/as (ano)	Gênero	Instituição	Tipo de Trabalho
Guimarães (2021)	F	UFPR	Dissertação
Costa (2021)	F	UFJF	Dissertação
Ferreira (2021)	F	PUC-SP	Dissertação
Assis (2021)	F	UERJ	Dissertação
Brum (2022)	F	UFRGS	Dissertação
Nussle (2021)	F	UFRN	Dissertação
Rufato (2021)	M	UNINTER	Dissertação
Bezerra (2021)	F	UFRN	Dissertação
Miranda (2021)	F	UNIPAMPA	Dissertação
Freitas (2021)	F	UFPR	Dissertação
Marques	M	UFRJ	Dissertação
Milliet (2022)	F	PUC-RJ	Tese
Neves (2021)	M	UFS	Dissertação
Santos (2020)	F	PUC-SP	Dissertação
Justino (2021)	F	UFPI	Dissertação
Teixeira (2021)	F	PUC-RS	Dissertação
Jesus (2011)	M	UNESP	Tese
Lima (2018)	M	UFAL	Dissertação

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Entre as buscas, Guimarães (2021) apresenta sua pesquisa, intitulada “O ensino remoto emergencial e o mal-estar docente: uma análise dos seus impactos sobre as condições de trabalho dos professores de Sociologia no Estado do Paraná diante da pandemia de Covid-19”, envolvendo professores/as de sociologia no estado do Paraná, investigando o impacto da

pandemia, as imposições acerca de seu honroso trabalho, gerando desqualificação e desvalorização diante das imposições que a pandemia trouxe. Para a autora, a precarização da atividade docente tornou-se ainda mais evidente com a implantação do ensino remoto, levando os/as professores/as a responderem por exigências além da sua formação impostas pelo governo do estado. A pesquisa mostrou grande preocupação com os/as docentes, ao serem indagados/as em uma resposta aberta foi possível perceber o mal-estar já mencionado em pesquisas anteriores e a utilização de palavras e expressões que demonstram sentimento de negatividade frente aos limites e adversidades que os docentes enfrentam em seu trabalho. Ainda, os/as profissionais elencaram ausência de apoio psicológico, apoio financeiro, tecnológico, capacitações, valorização. Mostraram presentes também aumento de trabalho docente, excesso de tarefas burocráticas, cobranças e dificuldade na transposição de conteúdo.

Para Costa (2021), em sua pesquisa “Os conflitos vivenciados em torno do trabalho docente na perspectiva de professoras da educação básica em contexto de pandemia”, a pandemia da Covid-19 tem estruturado novas produções languageiras em torno do trabalho docente. O contexto faz com que os/as professores/as tenham novas formas de agir, criar e recriar suas ações dentro do processo de ensino. Buscou-se entender quais os conflitos existentes que professores/as da educação básica vivenciaram durante a pandemia e o distanciamento social. Mantendo seus critérios a autora escolheu 3 docentes de localidade indefinida para participarem de sua pesquisa pela qual o interesse maior foi dialogar sobre as condições de trabalho. Nos trechos, ficou exposto alguns impedimentos ao trabalho docente, um deles é a falta de recursos disponibilizados, outro ponto importante foi a presença de um capítulo em que contemplou sobre o trabalho de professor/a contratado/a, que se sentiram desvalorizados/as, sentindo muitas vezes como uma classe inferior.

Ao mesmo tempo, o trabalho docente também se mostra presente na pesquisa de Ferreira (2021), que em sua dissertação “Docência no contexto da pandemia da covid-19 em 2020: possível representação de professores sobre seu trabalho” quis reluzir as representações que professores/as vêm construindo sobre ser professor/a no contexto do ensino remoto. Os 72 docentes que participaram da pesquisa a partir de um questionário mostraram que com o termo indutor “ser professor na pandemia”, pode-se afirmar que os/as professores/as representam seu trabalho docente como um chamado para uma tarefa árdua, desafiadora, acima de suas capacidades regulares causando medo. Os resultados apontaram que diferentes tipos de conflitos circulam as atividades docentes, o contexto da pandemia intensificou ainda mais, vivenciando situações até então nunca enfrentadas.

Por sua vez, Assis (2021) em sua pesquisa “Desafios do trabalho docente em educação Física Escolar durante a pandemia” resgata a dificuldade encontrada por professores/as de Educação Física ao se depararem na ausência das aulas presenciais, sendo elas, aulas práticas. Diante disso, houve novos desafios, sendo necessário refletir até que ponto o uso da plataforma virtual pode viabilizar a prática pedagógica da Educação Física. A análise dos discursos docentes identificou dificuldades como sentimentos de inabilidade e angústia; ausência de conhecimento e de formação para o uso de tecnologias; a falta de acesso dos discentes e a falta de interação dos sujeitos. Para a autora a interação e socialização das aulas de Educação Física tem se deslocado do coletivo para o individual, a precariedade de alcance dos alunos no quesito da aprendizagem também se intensificou desmotivando docentes e discentes que necessitam de espaço coletivo para que as aulas aconteçam.

Assim como em tantas outras pesquisas que se preocuparam com a saúde docente no período da pandemia, Brum (2022) em “Trabalhador docente do ensino fundamental e as cargas de trabalho vivenciadas no ensino remoto emergencial” buscou investigar as cargas de trabalho exercidas pelos/as docentes e os desgastes a saúde apresentados durante o ensino remoto. Em seu estudo, participaram 44 professores/as da educação básica do ensino fundamental de local indefinido. Ela confirma que houve mudanças das posições de trabalho, no aumento das horas de trabalho, também foram associados o estresse e o cansaço durante as aulas. Destacou-se que os/as professores/as precisaram adequar seus lares para executarem o trabalho remoto. Por sua vez, a falta estrutural dos/as discentes nesse período ficou evidente e impactou diretamente no trabalho do docente. Os/as docentes alegaram também grande dificuldade de conciliar docência e serviços do lar, gerando mais uma demanda de trabalho.

Ademais, Nussle (2021) reflete sobre a educação básica no ensino privado, seu estudo “Como as professoras de escola privada vivenciam o seu trabalho durante a pandemia do covid-19?” envolveu 12 professoras de escolas privadas da cidade de Natal, Rio Grande do Norte, buscou verificar como professoras de escola privada vivenciam o seu trabalho durante a pandemia da Covid-19. Foi constatado que a maioria das escolas não deu qualquer suporte ou capacitação para as professoras, impactou de forma distinta no trabalho das professoras, pois elas passaram por pressões de produtividade, entregas, prazos, padronização que não são observadas no sistema público. Sob todas essas demandas sobre as condições do/a professor/a houve aumento de suas horas trabalhadas, preencheram inúmeros documentos que, por vezes, não são da sua alçada, sofreram pressões por parte da coordenação das escolas e dos pais, bem como a invasão do ambiente privado. O ensino privado para a Nussle tende a ser mais envolto

do sistema capitalista, pela qual os/as alunos/as além de discentes também se enquadram como clientes dentro da rede de ensino privado.

Ruffato (2021), alega em seu trabalho “Práticas docentes na educação básica em tempos de covid-19: implicações para o processo de formação continuada e condições de trabalho no ensino remoto” que a rede pública de ensino estadual do Paraná, devido à pandemia tomaram a decisão de que os estudantes assistissem às aulas por meio de um aplicativo e em canais abertos de TV, ou pelo Youtube. Nesse contexto, a prática docente envolveu a formação para realizar as aulas online; o acesso às ferramentas; o trabalho na preparação das aulas garantindo a inclusão e novamente a alteração da jornada e do processo de trabalho. A partir de um questionário, Ruffato em suas amostras identificou que mais de 70% não tiveram nenhuma abordagem sobre a utilização das ferramentas digitais na formação inicial. Dentre eles, 90% trabalham na rede pública, 42% trabalham numa única escola, 38% em duas escolas, e os demais 20% em três ou mais escolas, com casos de professores/as que trabalham em seis escolas. Esses dados de quantitativo de escolas em que lecionam em duas mais unidades escolares implica na jornada de trabalho triplicada, tendo em vista as especificidades de cada escola, bem como as orientações acerca do fazer docente que se diferem uma de outra. Trazendo um resgate à questão do gênero, o autor afirma que a pesquisa contou com participação de 70% de mulheres. Os relatos trouxeram preocupações devido a dupla jornada, a grande dificuldade de conciliar as atividades domésticas com as profissionais, auxílio nos estudos dos/as filhos/as em idade escolar, tudo isso acontecendo ao mesmo tempo. O/a professor/a passou por momentos de incertezas acerca de seu papel, a sobrecarga de trabalho, de aumento das demandas familiares, e modificação repentina na forma de ensinar, na maioria das vezes sem o preparo.

A dissertação de Bezerra (2021) intitulada “Letramento digital em tempos de pandemia: o olhar de professores e alunos sobre o ensino remoto emergencial e as tecnologias digitais” objetivou analisar o cenário pandêmico mediado pelas tecnologias digitais de comunicação e informação. O estudo partiu através de discurso de professores/as de língua portuguesa e 40 estudantes das séries finais do ensino fundamental localizado em um município da Paraíba. O trabalho da autora também trouxe considerações relacionado ao trabalho docente, bem como sobrecarga de trabalho, desigualdade enfrentada pelos/as estudantes e uso das tecnologias digitais. De acordo com ela os discursos revelaram problemas enfrentados no ensino remoto, dentre eles, a falta de equipamentos e acesso à internet de qualidade dos estudantes. Além disso, as professoras apontam o aumento da carga horária, em decorrência das inúmeras demandas

diárias.

Já a pesquisa de Miranda (2021), intitulada “Peso de estar em casa: uma análise acerca da percepção das profissionais docentes em relação a sobrecarga de trabalho no home office”, buscou responder é qual a percepção das mulheres docentes sobre a sobrecarga de trabalho durante o trabalho home office em decorrência da pandemia da Covid-19. Os resultados apontaram que as mulheres docentes indicam percepção de sobrecarga de trabalho no home office durante a pandemia, a grande maioria das docentes não perceberam impacto salarial na pandemia, no entanto, algumas manifestaram redução na carga horária o que acarretou redução salarial. Toda essa perspectiva apresentada faz o resgate das questões de gênero dentro da educação afluindo inúmeras questões sociais, políticas e econômicas.

As mesmas considerações aparecem na pesquisa de Freitas (2021) intitulada “A transformação do trabalho do professor: coanálise das atividades docentes durante a pandemia covid-19 através da clínica da atividade”, cujo objetivo foi coanalisar a atividade dos/as professores/as sob seus próprios olhares acerca da suspensão das aulas devido a pandemia da Covid-19. A partir de seus dados os/as professores/as da rede pública, municipal ou estadual, não tiveram comunicação síncrona com seus/suas alunos/as durante as aulas remotas, eles/as (os/as alunos/as) tiveram baixa frequência, ainda, através dos relatos dos/as professores/as participantes, foi possível observar o aumento das prescrições de trabalho, com o conseqüente aumento das tarefas a serem desenvolvidas.

Na pesquisa de Marques (2021) intitulada “Desafios impostos pelo ensino remoto emergencial nas práticas de professores de matemática”, ele buscou levantar os impactos trazidos pela pandemia no trabalho de docentes atuantes na disciplina de Matemática, retratando também sobre o ensino remoto. Para o autor o ensino remoto expôs a alunos/as e professores/as uma realidade totalmente oculta, desconhecida dentro do campo pedagógico, também, evidencia que antes da chegada da pandemia, o uso de celulares em escolas era proibido, se tornando então recurso principal das atividades escolares imposta pela Covid-19. O autor identificou em seu estudo a precarização de trabalho docente, precisando lidar com limitações pessoais e também com os limites dos estudantes, devendo repensar suas práticas pedagógicas. A pesquisa de Milliet (2022), intitulada “Ensino remoto emergencial e letramentos midiáticos de professores na pandemia da covid-19”, teve como objetivo analisar as possibilidades de relações entre letramentos midiáticos de docentes e suas práticas pedagógicas no ensino remoto.

A pesquisadora se manifesta em torno dos estudos do campo mídia-educação e estudos

críticos sobre tecnologia e educação. A tese contou com aplicação de questionário à professores/as de diferentes regiões do país, posteriormente, se realizou entrevista semiestruturada. De acordo com os dados, profissionais da educação que estavam em regime de ensino remoto afirmaram serem habilidosos ao uso das mídias no ensino dos/as estudantes, e que essa situação vivenciada favoreceu maior experiência sobre o uso pedagógico nas mídias, favorecendo um sentimento de competência para os/as professores/as. As entrevistas realizadas pela pesquisadora também mencionam que os/as docentes mantiveram uma certa preocupação à vigilância e controle de seus trabalhos pelas secretarias de educação, essa apreensão se manifestou na privacidade e exposição no uso da mídia, principalmente em aulas gravadas, o medo de críticas públicas era um risco, já que as aulas gravadas poderiam ser postadas abertamente.

As pesquisas acerca de narrativas docentes se apresentam no estudo de Neves (2021), intitulado “Narrativa dos/as professores/as de ciências da natureza de uma escola em tempo integral em tempos de pandemia”, onde analisou narrativas da gestão escolar e de professores/as das Ciências da Natureza e os embates e possibilidades para o ensino das Ciências Naturais, especialmente na etapa do ensino médio de uma escola em tempo integral, no estado de Alagoas. O autor traz o Regime Especial de Atividades Escolares Não Presenciais (REAENP) descrevendo como se deu a implementação dessa modalidade de ensino, investigando também as opiniões decorrentes a ele. A pesquisa contou com três gestores e três professores em que os dados extraídos foram oriundos de entrevista semiestruturadas e análise documental. O documento analisado é o Programa Alagoano de Ensino Integral, que em suas propostas defende a formação de cidadãos críticos, autônomos e responsáveis. Ele afirma que o regime de ensino não presencial foi um desafio nunca presenciado, aparecendo também nas narrativas dos/as professores/as que encontraram diversos obstáculos recriando seus modos de mediar conhecimento.

Considerado os recursos utilizados durante a pandemia, a pesquisa de Santos (2020), intitulada “Ensino remoto na pandemia: urgências e expressões curriculares da cultura digital”, teve como objetivo analisar, sob o aspecto a urgência e coesão de valores da cultura digital, a implementação de um currículo devido ao ensino remoto de uma escola particular do estado de São Paulo. A pesquisadora aponta que as tecnologias da comunicação e informação teve muita transformação durante as aulas no período da pandemia, toda essa transformação chegou até as escolas reconfigurando as práticas educativas. Santos em torno de seu trabalho se preocupou com o conceito de cultura digital, mesmo não sendo o objetivo central conceituar, porém foi

necessário recuperar facetas para melhor especificar o espaço e contribuir efetivamente dentro da teoria. O texto evidencia que a reorganização curricular, fez do ensino remoto uma experiência de educação criativa, contando com a participação das famílias e articulação das atividades didáticas, mas ao mesmo tempo o papel do educador com as mediações da tecnologia ainda está em processo de construção.

A região do Nordeste também foi o alvo da pesquisa de Justino (2021), intitulada “Percepção dos professores da rede pública de ensino sobre sua saúde no contexto da pandemia da covid-19 em um estado do nordeste”, ela buscou avaliar as emoções dos/as professores/as durante a pandemia, a localidade do estudo foi no estado do Piauí. Para ela foi necessário reconhecer e refletir as dificuldades que surgiram após a suspensão das aulas presenciais, compreendendo que o/a professor/a teve sua função completamente modificada devido ao isolamento social desencadeando sentimentos de medo, ansiedade, insegurança. Todos os dados revelam e confirmam tantos outros estudos aqui debatidos sobre a saúde do docente em tempos de pandemia. De acordo com as considerações de Justino, as emoções mais percebidas durante a pesquisa com os/as professores/as foi a desesperança, em contrapartida os profissionais percebem satisfação em relação a saúde e ao trabalho.

Teixeira (2021) em suas análises na pesquisa intitulada “Percepções sobre a prática docente e sentimentos dos professores de ciências e matemática durante a pandemia: uma análise à luz do TPACK” teve como objetivo compreender as percepções, sentimentos e implicações no fazer docente. A pesquisa envolveu professores de Ciências e Matemática da educação básica de todo Brasil, sendo 110 docentes, região Sul (43%), região Sudeste (32%), região Nordeste (16%), região Norte (5%) e região Centro-Oeste (4%). Grande maioria dos/as professores/as que responderam ao questionário trabalham mais de 30 horas semanais, não houve quebras de contrato e redução da carga horária, ela se manteve durante o ensino remoto, e, ao indagar sobre as maiores dificuldades enfrentadas, os/as professores/as manifestaram estarem trabalhando mais que antes da pandemia. Dados relativos à saúde docente se mostraram presentes. Os docentes afirmaram seus sentimentos mais assíduos durante a pandemia como tristeza, depressão, ansiedade, cansaço, frustração, medo e angústia.

Considerando as relações do trabalho docente e a mídia, a pesquisa de Jesus (2011), intitulada “O programa mídias na educação: relações de aproximação e distanciamento entre o trabalho docente e a mídia”, reflete sobre as relações de aproximação e distanciamento entre docente e mídia. Em sua pesquisa, o autor entende como trabalho docente o que é realizado pelo/a professor/a e consiste em pensar, organizar, realizar e avaliar o processo de ensino e

aprendizagem; mídia é concebida em seu trabalho como os meios de comunicação, impressos, rádio, televisão e computador/internet. Nessa pesquisa, o autor não retrata como o trabalho docente é visto na/pela mídia e como circula sua prática docente, o trabalho diz respeito à mídia como ferramenta de trabalho para os docentes, como ela tem auxiliado no processo de ensino-aprendizagem voltadas ao planejamento dos professores/as a partir de um programa chamado “Mídias na Educação”. Para Jesus (2011) a mídia se configura em espaço privilegiado, pois congrega múltiplas linguagens que exigem igualmente múltiplos domínios de leituras para uma compreensão crítica e criativa, como o domínio da leitura de textos escritos, sonoros e visuais. O que se revelou foi a preferência pela mídia impressa não se restringe a esse grupo midiático, é uma característica do sistema educacional o uso delas.

Paralelamente, Lima (2018), em “O discurso sobre o trabalho docente em textos jornalísticos: sentido, história e memória Maceió/AL”, relaciona o/a docente e seus discursos relacionados a ele/adentro das mídias, especificamente os textos jornalísticos. Para Lima a natureza trabalho docente é sempre definida sob sentidos que levam uma ideia de missão, heroísmo, sacrifício, incompreensão etc., presentes nos mais diversos contextos. O trabalho defende que a informação do texto jornalístico é o principal foco dessa ferramenta midiática presente em todos os segmentos. Tais informações fazem com que os/as leitores/as não sejam neutros/as diante do conteúdo compartilhado na sociedade. O seu estudo explorou textos que foram publicados entre os anos de 2010 e 2015 que repercutiram, de maneira geral, os maus resultados das escolas públicas nos exames nacionais e consequente as greves do magistério, relacionando esses dois fatos de modo a culpabilizar os/as professores/as pelo fracasso escolar dos/as alunos/as. Conclui-se, então a partir dessas análises que o discurso da vocação docente, como enunciado, é recorrente nos textos midiáticos atuais e convive (harmoniosamente ou não) com todas as propostas e alegações de uma educação posta como moderna fundada na meritocracia, no tecnicismo e voltada para as necessidades do mercado. O/a professor/a é responsabilizado/a, nas sequências discursivas que foram analisadas, pelo atroamento das escolas públicas, ao mesmo tempo em que censuram e até se criminalizam suas atividades de greve, de protesto ou de paralisação por busca e garantia de seus direitos.

2.4 Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS – Campus do Pantanal

O Programa de Pós-graduação em Educação da UFMS/CPAN (PPGE/CPAN) se

encontra no município de Corumbá/MS, inserido na região do pantanal do estado de Mato Grosso do Sul. A área de concentração do programa está inserida na Educação Social com as linhas de pesquisa em “Políticas, práticas educacionais e exclusão/inclusão social”, “Práticas educativas, formação de professores (as) /educadores (as) em espaços escolares e não escolares” e “Gênero e sexualidades, cultura, educação e saúde” que é a que se enquadra a pesquisa em tela.

O Programa de Pós-Graduação em Educação teve suas primeiras dissertações defendidas em 2011, já somando 10 anos, com 159 dissertações defendidas até abril de 2023 que trouxeram inúmeras contribuições para o programa e para a região. Com a totalidade das dissertações, durante as buscas não foram encontradas dissertações que falassem sobre trabalho docente na pandemia, sobre ensino remoto e sobre Covid-19 no contexto educacional. Isso ocorre devido ser muito recente as experiências com as quais tenho trabalhado nesta dissertação, que são diretamente ligadas à pandemia da Covid-19.

Contudo, a dissertação de Toledo (2016), intitulada “A apropriação das tecnologias de informação e comunicação na prática pedagógica de professores: um olhar a partir dos cursos de formação continuada de alfabetizadores”, se aproxima dessa minha pesquisa, ela retrata a apropriação da tecnologia na prática pedagógica dos/as professores/as, que se relaciona com a minha temática por eu enfatizar a mídia como um artefato midiático que apresenta modos de fazer cultura, isto é, faz parte da tecnologia. Essa tecnologia se apropriou dos planejamentos e cotidiano dos/as professores/as, sendo ela ferramenta importante para o processo de ensino-aprendizagem.

É fundamental informar que a dissertação acima mencionada também consta no Portal de Teses e Dissertações da Capes, porém trouxe aqui separadamente para evidenciar a história do PPGE/CPAN que têm contribuído para o campo da Educação.

2.5 Breve reflexão sobre o levantamento bibliográfico

Em uma pesquisa, o levantamento bibliográfico é parte indispensável para a produção de um trabalho científico. Considero importante, além de trazer aquilo que os autores discutem, estarmos atentos à maneira com que a pesquisa é realizada, quanto à sua localidade, ao tema em específico, em relação ao referencial teórico, ao método utilizado, ao gênero da autoria e se pertence a instituição pública ou privada. Tudo isso nos dá uma dimensão mais

potencializada das produções e das relações que elas podem nos favorecer estabelecer. Por exemplo, muitas vezes, a perspectiva teórica dos trabalhos diverge entre os demais e com o meu. Ainda assim, ensina de diferentes maneiras sobre o tema a ser estudado. Sobre as metodologias utilizadas, podemos ainda ter a possibilidade de mesmo tomando caminhos diferentes nesse processo., de o resultado ainda ser mesmo, ou parecido com o nosso, mesmo tomando caminhos diferentes nesse processo. Com isso, irei tecer nesse momento algumas considerações sobre os aspectos a qual analisei e considero relevante sobre meu levantamento de produção.

Inicialmente, apresento as regiões nas quais os trabalhos foram produzidos. Na análise da tabela dos trabalhos da ANPEd, considerando apenas o encontro nacional, foi possível identificar que os trabalhos produzidos se encontram em todas as regiões do Brasil, algumas regiões com mais frequência do que outras. A região sudeste do país liderou o índice com 09 trabalhos apresentados seguido pela região sul com 05 trabalhos. A região norte contou com 03 trabalhos enquanto as regiões centro-oeste e nordeste evidenciaram apenas 01 trabalho cada.

A ANPEd Regional nesse caso não foi contada o quantitativo de trabalhos, pois o levantamento foi direcionado apenas a região Centro-Oeste para trazer as contribuições das pesquisas para o conhecimento científico da educação. Posteriormente irei juntar para trazer as questões de gênero quanto à suas produções. Por este motivo, houve uma separação ao trazer o quantitativo da região e a junção para análise do gênero e a identificação das instituições a qual os autores pertenciam.

Ainda nessa análise, agora sobre os trabalhos encontrados no portal da Scielo, levando em consideração à região dos autores: a região sudeste novamente esteve à frente no número de publicações nessa plataforma com 12 trabalhos, a região sul com 05, e as regiões centro-oeste, nordeste e norte com 01 trabalho cada.

Prosseguindo, o portal de teses e dissertações da Capes mostrou um equilíbrio na maior parte das regiões. A região sudeste corresponde ao quantitativo de 07 pesquisas, região sul 06, região nordeste 05 e as regiões centro-oeste e norte o quantitativo de zero. Dessas produções, no total são 2 teses de doutorado e 16 dissertações de mestrado. A explicação para a diferença entre o número de dissertação e o de teses se dá pelo fato de a pandemia da Covid-19 ser recente, portanto, os demais trabalhos de doutorado ainda devem estar sendo produzidos.

Sobre as considerações acima trazidas, foi possível calcular que toda a produção reunida para essa dissertação, em termos regionais, 49,1% foram da região sudeste, 28,07% região sul, 7,01% região norte, 12,28% região nordeste e apenas 3,50% da região centro-oeste.

Para além da região a qual estão inseridas, trago separadamente o carma das instituições dos autores: pude enumerar os autores dos trabalhos correspondentes às reuniões da ANPED nacional, 14 são de vínculo com universidades federais, 04 de universidades estaduais e 05 de universidades privadas. Na Scielo, temos 13 autores de universidades federais, 04 de universidades estaduais e 03 de universidades privadas.

Nota-se que nesses trabalhos científicos as universidades federais tomam a posição de liderança. O mesmo aconteceu com o portal de teses e dissertações da Capes, sendo 12 trabalhos defendidos em universidades federais, 04 trabalhos em universidades privadas e apenas 02 trabalhos em universidades estaduais.

É notória a importância das universidades públicas e dos seus programas de pós-graduação, atentando que os trabalhos, em sua maioria, estão concentrados nesses espaços de produção de conhecimento, uma vez em que, ao juntar os trabalhos dos anais da ANPED, Scielo e Capes conta-se com 80,32% dos trabalhos partindo de universidades públicas e apenas 19,67% oriundos de universidades privadas.

Outra característica de suma importância evidenciar nessas considerações é a questão do gênero quanto à produção. Aqui, irei novamente trazer separadamente o quantitativo de autores masculinos e autoras femininas presentes nessas publicações como também o percentual geral. Saliento que há alguns casos em que os trabalhos foram feitos por ambos os gêneros, tendo o masculino como autor e feminino como coautoria e vice e versa.

Nas produções dos anais da ANPED, contando com a nacional e regional, foram 12 trabalhos realizados pelo gênero feminino, 03 pelo gênero masculino e 08 por ambos os gêneros, deixo aqui registrado que nenhum trabalho selecionado foi feito por duas mulheres ou dois homens, isto é, ou eram somente 1 homem ou somente 1 mulher. Na Scielo as pesquisas apresentadas mostraram que em sua produção 08 partiram do gênero feminino, 02 do masculino e 10 de ambos, não sendo também feito trabalhos por 2 homens ou duas mulheres. No portal da Capes, por serem dissertações e teses, tendo em vista que são trabalhos individuais, não temos produções de ambos os gêneros. Sendo assim, 13 pesquisas foram produzidas pelo gênero feminino enquanto o gênero masculino produziu 05 pesquisas.

Assim como há predominâncias de região e iniciações públicas, é possível afirmar nesse caso em específico que o gênero feminino também predomina ao relacionar a quantidade de trabalhos produzidos, pois de sua totalidade, 54,09% são do gênero feminino, 16,39% do gênero masculino e 29,50% de ambos os gêneros, com ausência também de trabalhos em que 2 são do mesmo gênero.

Em termos temáticos, há compatibilidade considerável de temas abordados nos trabalhos e que foram essenciais para um conhecimento mais aprofundado. Cada leitura contribuiu diretamente para o processo de escrita da dissertação. Em um contexto geral, os trabalhos escolhidos no levantamento de produção retrataram preferencialmente sobre o trabalhdocente na pandemia da Covid-19, quando as aulas passaram do ensino presencial ao ensino remoto. Além disso, neles são abordadas as histórias vivenciadas pelos professores, seus dissabores, e as dificuldades que a pandemia impôs.

Os autores tiveram a preocupação de trazer em evidência os impactos que a pandemia trouxe e ainda pode trazer a curto e/ou longo prazo. Nota-se que esses trabalhos não falaram somente sobre as dificuldades docentes, mas também dos estudantes, uma vez que o inaccess às tecnologias por parte da grande maioria dos estudantes se mostrou presente. Foi essa a preocupação inicial dos professores para conseguirem atingir seus objetivos, dentro do possível, com seus estudantes.

O tema da mídia digital também é presente no que concerne às pesquisas, isto é, trouxeram a mídia digital e as TICs como ferramentas essenciais para o auxílio do processo de ensino e aprendizagem. Muitos trabalhos retrataram do que conceituam de mídia-educação, ou seja, o quanto a mídia e a educação podem caminhar juntas. Além dessa junção essencial e necessária, apenas dois trabalhos trouxeram a mídia enquanto propagadora de conteúdo que diz respeito às representações dos docentes na sociedade, isso mostra a hipótese de que ainda há lacunas para esse tema em específico, que é justamente trazer à tona as experiências currículo-pedagógicas em relação ao papel docente e as suas representações durante a pandemia.

Analisando as perspectivas teóricas dos trabalhos, alguns abordavam teorias críticas. Pouco apareceu referências aos e dos EC. Alguns são ancorados em estudos Foucautiano, outros na teoria das representações sociais.

Em relação às metodologias utilizadas nas pesquisas, não consegui encontrar trabalhos compatíveis com a metodologia dessa dissertação, a não ser em dois deles, cuja existência de certa aproximação metodológica pode ser apontada. Um relatou fazer o uso de uma “cartografia online” a partir de estudos pós-estruturalistas em que trazem uma análise sobre o trabalho das milícias digitais em que traçam linhas de entendimento e análise a partir de um viés histórico, político, social e cultural. Outro trabalho fez uso do que chamaram de “etnografia educacional” a partir dos conceitos de saber, discurso e posição de sujeito de Foucault analisando a transição de estudantes da educação infantil para o ensino fundamental.

Os demais métodos utilizados estavam pautados principalmente em questionários,

análise de conteúdo, documentos. Havia também pesquisas pautadas em estudos de caso, entrevistas semiestruturadas e revisão bibliográfica sobre temas que já estavam sendo pesquisados, trazendo sua historicidade, as mudanças ocorridas ao longo dos tempos, sua importância e seus impactos.

Por fim, toda esse recorte analítico que trouxe aqui considero fundamental, pois nos auxilia a ter uma noção ampliada do que está sendo pesquisado e de que maneira as pesquisas estão sendo conduzidas. Esse momento de análise e escrita me ajudou a compreender meu tema em diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, por isso considero que minhas escolhas no levantamento de produção foram produtivas, principalmente pela diferente maneira teórico-metodológica que escolhi percorrer, diante àquilo que propus analisar.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essas escolhas metodológicas aqui a serem discutidas se justificam a partir do objetivo desde estudo e, além disso, devido ao fato da mídia digital apresentar uma pedagogia. Diante dessa afirmativa, Fischer (1997) caracteriza o que pode denominar "dispositivo pedagógico" da mídia, supondo-se que os meios de informação e comunicação constroem significados e atuam decisivamente na formação dos sujeitos sociais. A mídia digital como artefato, as representações acerca dos docentes e do seu exercício profissional criam verdades e marcam posições de sujeito, produzindo efeitos sobre os processos de subjetivação e identidade dos professores (SILVA; FERREIRA, 2019).

Essa pesquisa tem caráter qualitativo. Para Godoy (1995), na perspectiva qualitativa, um fenômeno pode ser mais bem compreendido no contexto em que ocorre, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Nesse caso, não se trata de encontrar pessoas em campo, mas os artefatos presentes nas mídias digitais, levando em consideração que estes artefatos possuem currículos e pedagogias culturais. Para Reis e Souza “os currículos produzidos, enquanto construtores de saberes, podem também ser entendidos como disparadores de experiência e subjetivações” (2017, p. 207).

Considerando as diversas possibilidades de pesquisar na área da Educação, conforme já anunciado na introdução dessa dissertação, utilizarei a perspectiva pós-crítica, o que implicará

também nos aspectos da escolha metodológica. Para Ribeiro (2017, p. 284) “a ideia de uma vertente pós-crítica permite inferir uma superação sobre a vertente crítica a partir do termo pós”. Ribeiro (2016) enfatiza que a categoria pós- crítica envolve correntes interligadas ao pós-modernismo e pós-estruturalismo, que buscam diferentes premissas superando as concepções críticas. Para Silva (2009) o pós- crítico enfatiza a cultura, gênero, diferença, artefatos e currículos enquanto os críticos focam mais na economia e classes sociais. Pelo fato de eu estar em busca de uma pedagogia cultural, currículo e artefatos, a perspectiva pós-estruturalista abraça esse percurso teórico metodológico, isso justifica a escolha dessa vertente.

No viés metodológico, a perspectiva pós-estruturalista pressupõe que a “metodologia deve ser construída no processo de investigação e de acordo com as necessidades colocadas pelo objeto de pesquisa e pelas perguntas formuladas” (MEYER, PARAÍSO, 2012, p. 15). Meyer e Paraíso evidenciam que:

Afinal, as teorias pós-críticas não possuem um método recomendado para realizarmos nossas investigações. Dedicamos esforços para construirmos nossas metodologias, então, porque sabemos que o modo como fazemos nossas pesquisas vai depender dos questionamentos que fazemos, das interrogações que nos movem e dos problemas que formulamos. Mas é certo que com nossas empreitadas investigativas trocamos muitas experiências e acumulamos um conhecimento sobre esses modos de fazer pesquisa que consideramos importante compartilhar e divulgar (2012, p. 24).

Já sabendo a ênfase em que os estudos pós-críticos se debruçam, há diferentes métodos não recomendados que o pesquisador cria conforme suas necessidades e aquilo que vão encontrando dentro de seu campo, justamente sendo essa concepção que adotei para essa pesquisa. Diante disso, o currículo e a pedagogia cultural como temas de estudo nessa perspectiva estão presentes também no artefato da mídia digital a qual faço uso.

Em busca de enunciar aquilo que está sendo mediado, Silva (2013) evidencia que o currículo está relacionado diretamente com o conhecimento que se “pretende” ensinar a um grupo, e sendo assim, é parte integrante de uma estrutura simbólica que contribui para a construção de significados, atendendo aos interesses de determinado grupo. Com isso, metodologicamente ficarei atento a essa perspectiva curricular que nos ensina algo, quanto ao levantamento de dados a partir dos artefatos selecionados.

Entre os diferentes métodos que poderiam ser explorados para essa pesquisa, será utilizada a etnografia on-line nos ambientes on-line jornalísticos e em um canal do YouTube escolhidos. Essa escolha se deu devido a facilidade de acesso a dados públicos nos diferentes

ambientes da Internet sobre o que quer estudar, e, ao mesmo tempo, por ele ser um método seguro em relação aos protocolos sanitários de prevenção à Covid-19, afinal, ele não exige encontros presenciais com interlocutores/as.

Conforme percebido, ao se debruçar nos ambientes virtuais podem ser encontrados dados relevantes para uma pesquisa, é a partir da entrada nesse campo que se inicia uma etnografia online. Isso é facilitador para que dados possam ser guardados, salvos, para análises futuras. Para Mattos “a etnografia é um processo guiado pelo senso questionador do etnógrafo” (2011, p. 50). Deste modo, não se segue padrões rígidos ou pré-determinados para a utilização de técnicas e procedimentos, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa.

Pereira e Mendes (2020, p. 200) afirmam que a “etnografia consiste, portanto, em um conjunto de técnicas e práticas por meio das quais se opera a coleta de dados em um determinado campo [...]”, ou seja, esse conjunto não está previamente elaborado, são os modos operantes do objeto dentro do campo que irá conduzir o pesquisador. Ainda, Pereira e Mendes (2020, p. 202) mencionam que “a etnografia extrai do fenômeno cultural observado regularidades relevantes, e elas podem ser captadas pelo pesquisador a fim de produzir material científico”.

Mattos (2011, p. 54) contribui alegando que “o objeto da etnografia é esse conjunto de significantes em termos dos quais os eventos, fatos, ações, e contextos, são produzidos, percebidos e interpretados”. No campo da mídia digital há os fatos e nele respectivamente produzem currículos próprios em sua circulação, esses currículos chegam de maneira subjetiva a cada um que percebe e interpreta de maneiras diversificadas.

Minha abordagem dentro do processo etnográfico se compõe através da necessidade que o meu campo irá exigir, conforme as descobertas vão acontecendo, tenho que estar atento a qualquer fenômeno que pode ocorrer na interação presente nos ambientes onde estão os artefatos midiáticos analisados e não limitar minhas possibilidades. Nesse sentido, Peirano (1995) afirma que para se fazer uma boa etnografia, ela precisa ser artesanal, microscópica e detalhista, e que “haverá sempre a ocorrência de novos indícios, dados que falarão mais que o autor e que permitirão uma abordagem diversa (PEIRANO, 1995, p. 52).

Além da etnografia, o ambiente Facebook e YouTube também passaram pelo processo de “bricolagem”. Segundo Meyer e Paraíso “a bricolagem é um momento de total desterritorialização, que exige a invenção de outros e novos territórios” (2012, p. 33).

Na bricolagem Meyer e Paraíso (2012) ainda dizem que é necessário coletar e juntar

todas as informações necessárias e disponíveis de nossos objetos de pesquisa. Partindo dessa premissa que chama de invenção de outros e novos territórios, a mídia digital é um ambiente territorial repleto de artefatos e, ao mesmo tempo temos a possibilidade de explorá-la ainda mais para que o/a pesquisador/a possa usar tudo aquilo que julga necessário em sua pesquisa. Nesse processo, o pesquisador explora outros campos que oferecem dados concretos para uma análise mais detalhada daquilo que está sendo estudado.

A internet como ambiente escolhido para a pesquisa apresenta dados pertinentes. Maknamara (2020) aponta que os diferentes artefatos acionados pela cultura da mídia constituem textos curriculares, textos que precisam ser analisados em suas capacidades de governar e de produzir sujeitos. Nesse sentido, interessa-me o estudo por meio das mídias digitais, exclusivamente de ambiente on-line jornalísticos ou não, via pesquisa no *Google*, *YouTube* ou *Facebook*. A proposta foi encontrar materiais que estão disponíveis para o acesso público na internet, como vídeos, textos escritos, comentários, fotografias.

Diante dos ambientes virtuais acessados em uma atividade intensa de circulação e imersão on-line, optei por perfis de jornais no Facebook e por um canal governamental no YouTube. Minha chegada nesses ambientes on-line, inicialmente nas páginas jornalísticas do *facebook*, se pautou em minha própria rede social quando via os discursos atacando a profissão docente. Essa escolha, após o início do trabalho de campo, se justifica porque ao iniciar de fato o processo etnográfico no ambiente on-line percebi que os perfis de jornais no *facebook* em que fui mergulhar a procura de informações forneceram inúmeros dados que poderiam ser teorizados e utilizados para uma análise mais aprofundada daquilo que estava ocorrendo naquele ambiente. Depois, outro fator que justifica a escolha das páginas no *facebook* foi a facilidade em buscar os artefatos de interesse com uso de descritores, assim como o número grande de notícias acerca do trabalho docente durante o período da pandemia da Covid-19 e os comentários presentes nas publicações atacando o trabalho docente.

Sobre o canal do YouTube, a escolha se procedeu devido ao fato de que, devido a busca ampla de dados qualitativos na Internet, não quis me limitar apenas a um ambiente on-line. Percebi que o canal escolhido é um ambiente que oferece dados importantes para análise em relação contexto institucional da Educação em MS. Minha chegada no canal foi através do próprio *facebook* anunciando o evento que ocorreria no canal. Imediatamente quis assistir e participar pois condiz com minha realidade enquanto professor, e ao perceber a insatisfação dos docentes durante as *lives* que ocorreram no canal, constatei que aquela insatisfação poderia também ser trazida para uma discussão do tema dessa dissertação. Com isso, fui descobrindo

dados além do que tinha percebido nos primeiros momentos. Respeitando o marco temporal da pesquisa, o canal escolhido, que irei apresentar posteriormente, é o único que encontrei em campo que ofereceu formação aos professores durante a pandemia em MS.

Os perfis dos jornais no *Facebook* e o canal não jornalístico aqui escolhido no *YouTube* são públicos para qualquer indivíduo acessar, por isso aqui é possível citar cada um deles. Visando a não exposição de jornalistas e audiência desses jornais, comprometendo-me com a ética na pesquisa, os nomes dos jornalistas e das pessoas que comentaram as notícias não serão divulgados, como também optei por descrever as imagens de pessoas que aparecem no jornal que utilizarei para discussão, não fazendo o uso das imagens. Mesmo considerando que são fotos públicas, estou reforçando aspectos éticos da pesquisa em não identificá-las visualmente.

Especificamente, os ambientes on-line jornalísticos que foram escolhidos são aqueles que apresentaram maior número de acessos e quantidade de informações que dizem respeito ao trabalho docente na pandemia e que divulgam informações referentes à realidade sul-mato-grossense. Já o canal do *YouTube* escolhido não apresenta um viés jornalístico, mas sim uma plataforma que divulga vídeos dentro do viés educativo governamental, envolvendo trabalho docente e práticas educativas no enquadramento da pandemia em um contexto que envolve a região da capital sul-mato-grossense.

O levantamento dos dados teve como marco temporal o período da suspensão das aulas em março de 2020 até o retorno do ensino híbrido em dezembro de 2021. Reitero que o foco da pesquisa abrange apenas o estado de MS, e, portanto, somente as notícias de páginas de jornais on-line encontrados no *Facebook* e do canal governamental do *YouTube* que englobem municípios de Mato Grosso do Sul.

É importante esclarecer que meu objetivo de estudo não envolverá a análise dos ambientes jornalísticos on-line ou do referido canal do *YouTube* enquanto artefatos em si, mas os conteúdos em termos de artefatos veiculados por eles quando tratam dos ataques contra o trabalho docente durante a pandemia. Isto é, ao invés de focar nos ambientes, ainda que eles sejam descritos na pesquisa, o recorte está em textos, imagens, vídeos e comentários específicos nesses ambientes. A especificidade está definida a partir do conteúdo midiático que diga respeito exclusivamente aos ataques ao trabalho docente no período pandêmico.

3.1 Etnografando e bricolando os ambientes jornalísticos on-line

Inicialmente, a escolha dos jornais on-line foi realizada em diferentes fases, isto é, antes de serem definidos para a análise passaram por um critério de seleção. Ao ingressar neste campo que oferece diversas possibilidades de observação e interação, a primeira fase foi uma busca das principais páginas de jornais on-line existentes no estado de MS, saliento que ocorreu com meu perfil pessoal do *facebook*. Após encontrá-las e listá-las, a segunda fase foi observar aquelas páginas que continham maior número de seguidores, isso é importante destacar porque visa o maior número de abrangência e circulação que cada publicação dos jornais poderiam alcançar.

A partir da inserção do pesquisador no campo on-line, e feito a escolha por perfis dos jornais conforme já justificado, inicialmente, foram analisados seis endereços no *facebook* correspondente aos seguintes jornais: Campo Grande News, O Progresso, Mídia Max, Correio do Estado, Dourados News e o Diarionline. Eles estão presentes em três regiões: região de Campo Grande, da Grande Dourados e de Corumbá.

Sobre a geografia dessas regiões, de acordo com o Plano Estadual de Mato Grosso do Sul (2011), a microrregião de Campo Grande é composta por 16 municípios (Bandeirantes, Camapuã, Chapadão do Sul, Corguinho, Costa Rica, Figueirão, Jaraguari, Maracaju, Nova Alvorada do Sul, Ribas do Rio Pardo, Rio Negro, Rochedo, São Gabriel do Oeste, Sidrolândia, Terenos e a capital Campo Grande). A microrregião de Dourados conta 11 municípios (Caarapó, Deodápolis, Dourados, Douradina, Fátima do Sul, Glória de Dourados, Itaporã, Jateí, Laguna Carapã, Rio Brillhante e Vicentina) e a microrregião de Corumbá conta com a própria Corumbá e Ladário.

QUADRO 5. Informação sobre os jornais

Jornal	Número de seguidores das páginas dos jornais online do <i>Facebook</i>	Região
Campo Grande News	517.277 mil	Campo Grande
O Progresso	25.000 mil	Dourados
Mídia Max	465.700 mil	Campo Grande
Correio do Estado	496.731 mil	Campo Grande
Dourados News	77.483 mil	Dourados

Diarionline	55.353 mil	Corumbá
-------------	------------	---------

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com consulta dos dados on-line em 09 de dezembro de 2022.

Em vista do número de seguidores, o quadro acima apresenta seis jornais que continham maior número de seguidores, sendo assim, selecionados para as fases posteriores. Após a segunda fase, a terceira fase seguiu um critério na contagem de notícias/reportagens postadas no *Facebook*, em que os jornais com maior número de publicação passariam para a próxima fase. A contagem foi feita nos seis jornais após colocar os descritores e filtrar as notícias compartilhadas.

Ao debruçar em campo e pesquisar as notícias através das palavras chaves especificamente no *facebook*, conforme definido na terceira fase, elas nortearam os títulos e os conteúdos, garantindo que as notícias sejam locais dos municípios ou a nível estadual.

O acesso para a seleção dos artefatos presentes nos ambientes on-line jornalísticos do *facebook* foi feito através de palavras-chave como “escola e professores”, “professores e pandemia”, “volta às aulas”, “trabalho docente e pandemia”, entre outras descobertas durante o próprio trabalho de busca com o uso de combinações entre si. No *facebook* das páginas jornalísticas foi possível pesquisar as notícias postadas pela página através de um campo específico pela qual insere palavras-chave. Posteriormente foi vantajoso o método pois consegui delimitar o marco temporal das notícias. Ao inserir as palavras-chave e selecionar o ícone pesquisar aparecem inúmeras reportagens textuais, respeitando a temporalidade da pesquisa, foram selecionados os anos em que a notícia foi divulgada, ou seja, foram escolhidos os anos de 2020 e 2021.

Além disso, foi considerado o imponderável diante dos artefatos que poderiam ser “entregues” a este pesquisador por meio da lógica dos algoritmos, considerando que as buscas, o acesso e o consumo destes artefatos em alguns ambientes on-line me levaram a outros sem que previamente eu pudesse buscá-los. Isso ocorre no Facebook e no Youtube. Os algoritmos performatizam nossos usos. Quando pesquisamos, lemos, assistimos, visualizamos ou curtimos algo, imediatamente outras informações relacionadas tematicamente a isso surgem em nossas redes sociais, a partir do “grau de relevância” (leia-se “interesse”) para cada um de nós. Sendo assim, ao pesquisar por meio da etnografia on-line vale a pena considerar os limites da agência humana em campo e a potencialidade da intervenção não humana nos processos de pesquisa.

Para Silveira (2017, p.272) “os algoritmos são invisíveis, complexos e escritos em linguagem matemática. Por ser invisíveis, para muitos, os algoritmos não são percebidos, na prática é como se não existissem”. Enquanto estamos pesquisando, eles são eficazes em sua

finalidade, ou seja, oferecem conteúdo que chamam nossa atenção. Silveira (2017) explica melhor esse “agenciamento não humano” dizendo:

A cada busca que fazemos, os algoritmos aprendem com os temas que mais nos interessam, com escolhas de links que fazemos e com outros elementos que conformam as nossas opções preferenciais. Assim, o algoritmo recolhe dados sobre nossas ações, nossas preferências e define nosso perfil (2017, p. 274).

Em sequência, perante o critério da numerosidade de notícias postadas, as páginas que mais publicaram notícias retratando o trabalho docente no período pandêmico da Covid-19 foram as páginas jornalísticas da região da capital (Campo Grande News, Correio do Estado, Mídia Max), enquanto os demais jornais, por sua vez, apresentaram poucas informações em relação ao enfoque dessa pesquisa.

Com a dinâmica da combinação entre os descritores, o jornal Campo Grande News apresentou 13 notícias, o jornal Correio do Estado em suas amostras apresentou 08 notícias e o jornal Mídia Max seis notícias. Sendo assim, inicialmente, 27 notícias foram pré-selecionadas para análise.

Os jornais O Progresso, Diarionline e Dourados News apresentaram um número inferior de notícias e muitas delas relatando o mesmo fato que estavam presentes nos outros três jornais. Embora contivessem o mesmo contexto, não havia participação dos seguidores comentando as notícias, diferente dos outros jornais que apresentavam dezenas de comentários.

Feito isso, após escolher os jornais com maior número de notícias, seguindo para a quarta fase, foi a vez de escolher mais detalhadamente as notícias através de leitura, analisando a presença de imagens, me atentando e observando em cada uma delas como retratavam o trabalho docente, a interação e os discursos das pessoas que leem elas a partir de seu perfil e como elas expõem sua compreensão acerca da descrição do conteúdo através de seus comentários. Com isso, das 27 notícias pré-estabelecidas, foram selecionadas apenas 18.

Essa quarta e última fase, em que a etnografia on-line ainda está presente nesse processo, junto nesse estágio do trabalho de campo o método da bricolagem. É válido ressaltar que quando iniciei a bricolagem, não deixei de etnografiar. Para melhor entender a bricolagem enquanto método, explicou Meyer e Paraíso:

“Juntamos materiais impressos, textos, livros, projetos. Coletamos cartazes, desenhos, figuras, fotografias. Usamos o MSN, o Orkut, qualquer site de relacionamento, a internet. [...] Olhamos professores/as, alunos/as, crianças, jovens, adultos, meninas, meninos, brancos/as, negros/as, surdos, ouvintes, cegos, videntes, movimentos sociais. [...]. Perguntamos a pessoas, autores/as, filmes, programas televisivos, campanhas publicitárias. [...] Questionamos documentos de políticas, projetos pedagógicos, projetos de intervenção, diretrizes, leis. Em síntese, usados tudo que acreditamos nos servir em nossas pesquisas, fazendo bricolagem” (2012, p. 33-34).

Perante o exposto, a bricolagem no ambiente midiático, em especial às páginas de jornais on-line foi feita a junção dos conteúdos veiculados nesse ambiente, dentro desses conteúdos foram usados os números de pessoas que curtiram as notícias das páginas do *facebook*; quantidade de informações figuradas; a busca de legislação; decretos; portarias; interação do público através dos comentários, sejam eles formais ou informais (com uso de abreviações ou *emojis*¹); imagens que vinham junto com as notícias, ou seja, foi usado tudo aquilo que acredito que é de valia para essa pesquisa. Em todas as notícias escolhidas, analisei cuidadosamente se de fato contemplavam o tema dos ataques ao trabalho docente na pandemia.

A partir dessas fases metodológicas, os jornais e as notícias escolhidas apresentam grande potencial e muita relevância para o estudo, contendo informações valiosas que retratam os ataques ao trabalho docente na pandemia. Por questões de segurança e método, todas as notícias selecionadas foram salvas em arquivo pessoal contendo o *link*; título; conteúdo; data e hora de postagem e os principais comentários.

3.2 Etnografando e Bricolando um canal do *YouTube*

O canal do *YouTube* escolhido como ambiente on-line de pesquisa passou somente pelo processo do método etnográfico. Sua escolha já foi anteriormente justificada, mas gostaria de deixar aqui registrado nessa parte da dissertação que outro fator determinante para sua escolha se aproximou à escolha das páginas jornalísticas, quer dizer, assim como as 03 páginas escolhidas são da região da capital de nosso estado, o canal também é dessa mesma região e conta com um considerável número de inscritos, além disso, seus conteúdos dizem a respeito do trabalho docente durante a pandemia em contexto sul-mato-grossense.

O *YouTube* é uma plataforma de compartilhamento de vídeos criado no ano de 2005.

¹ Emojis são elementos visuais que surgiram no Japão na década de 1990, com a criação de um conjunto de desenhos que pudessem ser utilizados em troca de mensagens instantâneas.

Segundo Bressan “é um site de difusão e compartilhamento de arquivos audiovisuais que se baseia, principalmente, na participação dos internautas como provedores de conteúdo” (2007, p. 02). Nessa plataforma as pessoas criam seus canais, publicam seus vídeos, podendo ser criados, editados, profissionais ou caseiros. Tais vídeos podem ser humorísticos, de dança, música, informativos propagandas de determinados produtos etc. Há uma grande variedade desses vídeos nessa plataforma. Muitos profissionais inserem seus vídeos, como grandes cantores, que ao lançarem músicas, vídeo clipes, postam em seus canais para os fãs.

Pensando em suas inúmeras maneiras de uso, o *Youtube* também apresenta possibilidades de usos educacionais. Nele podemos encontrar vídeos educativos infantis, vídeo aulas, formações. É uma potente ferramenta pedagógica, disponibilizando uma gama de conhecimento de forma acessível. Como plataforma educacional, ela é utilizada por professores, que em suas aulas dinamizam o saber através de edições especiais, usando uma didática tecnológica e se aproximando de quem assiste. Nesse sentido, muitas instituições também a adotaram para formações, palestras entre outros. Com isso, apresento um canal de viés educativo que traz em formato de *lives* ensinamentos ao público-alvo, nesse caso, professores.

Criado em 29 de maio de 2020, o canal “Reflexões Pedagógicas On-Line” é pertencente a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Campo Grande (MS) com cerca de 18 mil inscritos. O canal conta com 265 vídeos postados em um viés de debate pedagógico. Com a intensificação da pandemia da covid-19, ocorreu um evento chamado “Roda de conversa: orientações pedagógicas sobre o retorno presencial das aulas da rede municipal de ensino (REME)” que aconteceu nos dias 21, 22 e 23 de julho de 2021 em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde por meio de *lives*. Ainda respeitando o marco temporal da pesquisa, se justifica a escolha dessa roda de conversa que aconteceram nos dias citados acima.

É importante salientar que as pessoas que não assistiram ao vivo as *lives* tiveram e ainda têm a oportunidade de assistir posteriormente, pois os vídeos ficaram salvos na página. Todos os três vídeos são *lives*, ou seja, são transmitidos ao vivo, em tempo real, na maioria das vezes em rede social, ou plataforma digital como o *YouTube*. Temos a possibilidade também de encontrar vídeos editados no referido canal *YouTube*, em que o vídeo passou por um processo de edição de imagens, áudio, presença de efeitos especiais etc. Diferente da *live*, que acontece em tempo real, os vídeos editados vão para o canal somente após um processo de edição. Esses vídeos editados, que não foram produzidos em forma de *lives*, eu não analiso por terem sido produzidos e postados fora do período pandêmico.

Essa formação em roda de conversa aconteceu nos 03 dias, atendendo às normativas da resolução SEMED n. 214 de 2020, acerca do plano de retorno às aulas presenciais da rede, que será apresentada no decorrer da análise de dados. Em cada um desses dias era uma *live* com temática diferente. Por meio do método etnográfico, assisti as três lives e produzi anotações sobre o que observava, inclusive os comentários ao vivo feito pela audiência do canal. A comunidade escolar, especificamente docentes e gestão assistiam e interagiam através de seus comentários, expressando opiniões acerca das falas que eram discursadas em cada uma das 03 *lives* no ciclo de formação.

Diante disso, quis analisar todos os vídeos, assistindo-os após baixar, observando as falas dos ministrantes como também os comentários do público que assistiu, com isso, foi possível estabelecer relações do trabalho docente com a pandemia da Covid-19 abrangendo ataques e descontentamentos dos profissionais, levando em consideração ao processo curricular que se manifestou nessa formação, criando um currículo que precisa ser melhor analisado e compreendido.

Além do levantamento dos dados ao vivo durante as *lives*, posteriormente assisti novamente cada vídeo dessas três *lives*, que foram baixados e salvo por mim, após eles terem sido publicados no canal. Também voltei ao canal para conferir novas reações (comentários e curtidas ou discutidas) da audiência. Ao “voltar a campo”, percebi que, muitos comentários já não constavam mais no canal, isso foi possível ao comparar os comentários visíveis no canal com o meu arquivo com os comentários salvos (em meu “diário de campo” digital) quando assistia às *lives* ao vivo. Foram apagados aqueles comentários que não eram favoráveis e convenientes ao administrador da página, a serem caracterizados e analisados posteriormente.

4. ARTEFATOS MUDIÁTICOS DA PESQUISA

4.1 Do artefato jornalístico à produção de currículo e pedagogia cultural

Ao fazer a imersão no ambiente on-line, seguindo o senso etnográfico, pude encontrar dados relevantes para a pesquisa no que concerne aos ataques ao trabalho docente durante a pandemia da Covid-19. Os ambientes on-line jornalísticos se mostraram ricos em postagens abordando o trabalho docente, como também mostrou a interação do público em geral através de comentários, dados essenciais para atribuir uma identidade e relevância a essa pesquisa, produzindo currículos e pedagogias culturais.

Primeiramente, trago as notícias postadas nos ambientes jornalísticos do *facebook* e os comentários atacando o trabalho docente, que por sua vez produz currículos próprios e transforma a cultura dentro de um viés pedagógico.

Etnografando os perfis no facebook dos jornais on-line, foi possível escolher 18 notícias (artefatos) que abordavam o trabalho docente no período pandêmico, mas o que chama a atenção não é o conteúdo postado, mas os comentários das pessoas em cada uma dessas notícias, pois a mídia digital enquanto artefato apresenta dispositivos pedagógicos, ensinando e produzindo diferentes narrativas.

Os dados trazidos aqui seguirão uma ordem, primeiramente evidenciarei as notícias e comentários presentes no jornal Campo Grande News, em seguida no Correio do Estado e depois no jornal Mídia Max. Além disso, enumero as notícias de 01 a 18, trazer o seu título, colocarei a imagem que vem junto dela, posteriormente evidenciarei o conteúdo da notícia bricolando ela na busca de legislações (leis, decretos, portarias, resoluções) citadas na notícia, por fim, os comentários aqui a serem analisados estarão em tabela, escritos conforme a maneira que a audiência escreveu, sem alterações, facilitando o entendimento do/a leitor/a e mantendo uma organização da escrita. Ademais, embora os nomes de quem comenta não serem divulgados, o pesquisador ao etnografar e bricolar tem a possibilidade de observar que os comentários são de pessoas diferentes, tanto do gênero masculino quanto do feminino, como também consegue acessar o perfil de quem comentou.

4.1.1 Campo Grande News

Notícia 01: *“Na volta às aulas, prefeitura corta professor obeso ou diabético e causa revolta”*(FRIAS, 2021)

De acordo com Frias (2021) um grupo de 18 professores convocados por meio de processo seletivo foram considerados “inapto temporariamente” pela prefeitura de Três Lagoas. Na lista, pessoas com obesidade ou diabetes que trabalharam em 2020 no ensino a distância, foram cortadas no ano de 2021, depois de já terem sido convocados em 1ª chamada. Todos foram pegos de surpresa, somente foram avisados na hora de atribuir as aulas. Segundo a professora convocada Janaína de Araújo Siqueira que foi selecionada e daria aulas para crianças do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, relatou que já prestou serviço para a prefeitura como professora convocada em 2020. Este ano de 2021, também designada, foi chamada para

preencher os documentos. “A última sala era da atribuição, aí, me chamaram e perguntaram, alguém já falou com você? Janaína respondeu que não e ouviu “Então, você está inapta””. A professora ficou surpresa pois não foi dada qualquer justificativa para a inaptidão, mesmo em caráter temporário. Como o mesmo aconteceu com outros colegas, eles conversaram e chegaram a conclusão, informalmente, que se devia ao resultado dos exames. No caso de Janaína, a obesidade, já que estava com 127 quilos. Como naquele ano a rede pública de ensino voltaria no sistema híbrido (50% presencial e 50% on-line), a prefeitura adotou critério previsto no decreto 49, de março de 2020, que afastava das atividades presenciais pessoas acima de 60 anos ou com comorbidade por conta da covid-19. Bricolando fui atrás do decreto mencionado na reportagem: *Decreto nº049, 18 de março de 2020: “Art. 1º Os funcionários públicos municipais pertencentes aos grupos de risco (doenças crônicas) listados no ANEXO ÚNICO deste Decreto, e aqueles com mais de 60 (sessenta anos), bem como as gestantes, ficam dispensados de suas atividades funcionais presenciais, mediante execução de suas tarefas via teletrabalho (home office), pelo período de 15 dias prorrogáveis por igual período, a contar de 19 de março de 2020”* (TRÊS LAGOAS, 2020).

Os comentários extraídos da reportagem são:

“se mandasse o grupo de risco trabalhar, eles estariam reclamando do mesmo jeito.”
“Mais está certo, são do grupo de risco. Não tem que ficar de mimimi”
“O problema das pessoas é que ninguém sabe ouvir um não Geração nutella e mimimi né 👍🔪🔥🇧🇷 🕒 A essa hora diretor?”
“E qual o erro nisso?! Tá mais do que certo. Está sendo poupada de ficar se expondo ao risco e tá com essa bobeira.”
“Só fazer um cardiozinho”
“só é risco para os convocados, pq os concursados não serão afastados”

Notícia 02: “Se rede privada pode voltar, por que a pública não? Perguntam pais” (RODRIGUES, CHUVA, 2021)

Rodrigues e Chuva (2021) evidenciam na notícia que a volta às aulas presenciais no ano de 2021 dividiu opiniões em todo o país, isto é, alguns se mostraram a favor, outros não. O

questionamento nessa notícia é que enquanto as aulas das redes municipais e estaduais irão seguir à distância no primeiro semestre, a rede particular está liberada para seguir as aulas com 50% da capacidade de estudantes. O tratamento diferenciado entre as redes por parte do Poder Público deixou alguns pais perdidos na lógica das decisões.

<i>“Básico! escola particular precisa cumprir com seus compromissos para pagar os funcionários, já o público, os professores estão recebendo e não correm risco de ficar sem salário! Acho que deveria ser cortado o salário de quem não quer voltar, já que a sociedade tá exigindo a volta, o professor é um servidor público a serviço da comunidade!”</i>
<i>“Porque o pessoal que trabalha no setor privado, se nao trabalha nao recebe, no público eles recebem do mesmo jeito”.</i>
<i>“Funcionário público não quer trabalhar, tem salário garantido”.</i>
<i>“Deixa o professor da rede estadual um mês sem salário e cobra mais produtividade para ver se não vão pedir a volta as aulas. Rapidão mudam de ideia kkkkkk”</i>
<i>“Já tão a quase um Ano sem trabalhar e ficam com frescura, por que sabem que o salário vai tá na conta no começo do mês, se eu fosse o governador falava ou vocês voltam ou vão receber só 50% do salário até voltarem de fato, aí quero vê neguinho reclamar, oq falta pros nossos governantes é pulso firme pra colocar quem não quer trabalhar no eixo, aí sim tudo vai melhorar, educação, segurança e etc...”</i>
<i>“Pq eles continuam recebendo do mesmo jeito!!!! Para de pagar ou corta na metade pra ver se não são os primeiros a querer voltar!!!!”</i>
<i>“Pq as particulares não tem funcionário público q gosta de ganhar sem trabalhar e esse o motivo de tanto mimimi, acaba com o funcionalismo público e privatiza tudo para ver como muda”</i>
<i>“Professores preguiçosos salário caiu na conta trabalhando ou não”</i>

Notícia 03: “Sindicato dos Professores é contra retorno das aulas presenciais na rede privada” (MOREL, 2020).

Morel (2020) abordou nessa notícia a fala do presidente do Sintrae/MS (Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Privado de Mato Grosso do Sul), onde ele afirma que profissionais serão sobrecarregados com aulas tanto presenciais quanto à distância. Suas indagações consistiram em "por que colocarmos em posição tão árdua e difícil os professores? ". Após o

questionamento, o presidente constatou que “os professores estão trabalhando em casa, com seu próprio computador, sua luz, e exaustivamente à distância, em atividades extras e não remunerados por elas”. Tal posicionamento acarretou ataques pelo posicionamento da instituição em relação ao trabalho docente.

<i>“Tinha que ser contra o salário tbm ”</i>
<i>“Mas é claro que são, ganhar salário em casa é bom demais né”.</i>
<i>“Já eram contra antes da pandemia...viviam fazendo grevezinha aqui é ali o tempo todo... educação é refém deles há muito tempo!”</i>
<i>“Brigar por aumento de salário eles sabem, voltar a sala de aula não querem, enquanto isso quem está dando aula são os pais, sem formação e nem capacitação pra isso, e ainda sob ameaça de ser denunciado ao conselho tutelar... Bora adaptar as salas de aula e voltar ao batente sim... 😞”</i>

Notícia 04: “Contra aula presencial, professores da UFMS ameaçam greve” (PORTELA, 2021).

O ensino superior também não ficou isento de ataques. O texto de Portela (2021) aponta que na tentativa de evitar o retorno das aulas presenciais na UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) antes de todos serem vacinados, professores ameaçam fazer até greve. “Há muitos anos não enfrentamos um contexto tão grave e nefasto que se coloca para os professores da rede de ensino superior público. Não apenas no atuar do magistério, nos obstáculos absurdos para realizar nosso trabalho, mas também agora com o fato da imposição de colocarmos nossas vidas, de nossas famílias e alunos em risco”, destacou o presidente da ADUFMS (Associação dos Docentes da UFMS), Marco Aurélio Stefanos. As reações foram:

<i>“Mas na hora de receber, ninguém liga pra aglomeração né?”</i>
<i>“Tô prá ver uma classe que não quer trabalhar de verdade, mas é fácil, salário integral na conta. Pra que trabalhar de verdade... Não vamos nem falar da eficiência e resultados, pois alguns vão falar que estão trabalhando até +, AFF.... Lamentar...”</i>
<i>“O Presidente .tem que cortar os salários desses professores que não querem dar aula presencial aí quero ver. #Chega de ficar em casa Professores .A vida tem que voltar ao normal.”</i>

“Já não gostam de trabalhar, vive de greve, agora com a pandemia essa sempre vai ser a desculpa.”

“Só corta o salário que a vontade de trabalhar vai aparecer!”

“Esta pandemia veio para mostrar a cara de alguns professores que não gostam de ser professores, mas não abrem mão dos salários.”

“Claro, querem ganhar em casa parado, Aí fica fácil essa mamata!”

“Exonera esses pilantra folgado, oh pega eles curtindo praia passeio, se divertindo surra eles...”

Notícia 05: *“Mesmo com vacinação, volta presencial das aulas na Reme divide professores”* (CHUVA, GAMARRA, 2021).

Com a chegada das vacinas, a esperança pela “volta ao normal” se mostrou muito forte, porém de acordo com a notícia de Chuva e Gamarra (2021) a volta presencial das aulas na redepública já está com data marcada. Ao contrário das escolas privadas, as municipais e estaduais permanecem com atividades remotas há pouco mais de 1 ano e quatro meses e o retorno dos alunos para as salas de aula ainda divide opiniões dos profissionais, mesmo com a vacinação contra covid-19. O novo momento dividiu opiniões, de acordo com entrevistados na notícia, uma mãe de aluno alegou que não acredita que seja o momento de retornar, porque não adianta só vacinar os profissionais da educação, tem que estar todo mundo vacinado. Já um pai de alunodefende a volta quando diz que todo mundo está com medo, o que para ele é natural, acreditando que deveria voltar sim da forma presencial, ainda relata que em casa os pais também estão esgotados porque estão cumprindo duas funções, de cuidar a casa e ensinar. As reações foram:

*“Povo hipócrita não querem aulas, mas estão todos aglomerados em barzinhos, praças...
E os professores não querem voltar por quê??? queriam vacinas...foram vacinados
...e agora querem o que???”*

“Receber sem trabalhar todo mundo quer.”

“Professor de hoje em dia se achar um barranco ali ele se encosta e não quer sair nuncamais.”

“Exonera quem não quer voltar. E, dá a chance pra professores que estão esperando ser chamados, pra pegar aulas!”

Notícia 06: *“Aula presencial é opcional e remota continua com professores a disposição”* (MALDONADO, 2021).

Sobre a notícia, Maldonado (2021) orienta que pais, mães e responsáveis podem escolher se os alunos da rede municipal da Capital voltam às salas de aula em sistema de escalonamento, no dia 26 de julho. Apesar do retorno não ser obrigatório, a prefeitura orientou que os estudantes frequentem as aulas, porque é muito importante para o aprendizado. Foi perceptível a adesão de pais que se sentiram seguros em retornar seus filhos à escola, como também houve pais que preferiram manter os educandos em regime domiciliar. Porém, ainda assim surgiram críticas e ataques aos docentes das unidades escolares.

<i>“Nada de obrigar e nem de ficarem bravos com as crianças que voltaram tá?”</i>
<i>“Funcionário público é um problema..... Professor de rede pública então um atraso de vida ao País”</i>
<i>“Aula remota não ensina, só passa apostila... ensinar conteúdo que é bom, nada..... Brasil vai aumentar o índice de aprendizagem para pior”</i>

Notícia 07: *“Quem será culpado pela contaminação na volta as aulas?”* (CAMPO GRANDENEWS, 2021)

Essa notícia trouxe em seu texto a FETEMS (Federação dos Trabalhadores em Educação de Mato Grosso do Sul) e os 74 SIMTEDs afiliados parabenizando todos(as) os(as) Prefeitos(as), que a exemplo do Prefeito de Campo Grande, mantiveram as aulas no Sistema Remoto, neste momento de avanço no índice de contaminação do covid-19. Eles lamentam o ato da Secretária Estadual de Educação em promover o retorno das Aulas Presenciais num momento em que o próprio Secretário Estadual de Saúde recomenda a manutenção do isolamento social para frear a pandemia. Evidenciaram a periculosidade do retorno às aulas e indagou de quem seria a responsabilidade pela contaminação das pessoas devido a decisão da secretaria estadual de educação em retornar as aulas presenciais. Logo, alguns questionamentos levou a população a interagir com novos ataques:

“Professores não querem voltar, porque estão ganhando em casa, já chega né, isso vai trazer sérios danos a educação que já é precária.

“Todo lugar funciona com protocolo porque a escola não pode funcionar?”

“E quando todos tomarem a vacina e aparecer um contaminado, a culpa será de quem???? Hipocrisia q fala??? Frescura do Caraí! Os filhos dos ricos estão com o futuro garantido, agora dos pobres q mais precisam tão aí nessa frescura desses professores!”

“Verdade a maioria dos professores já pegaram covid onde será????? Se não está tendo aula bater na porta que não foi né”

“Engraçado pra ir pra escola não pode!! Mas ir no shopping festas viajar ficar na rua o dia inteiro pode? O povo tem que parar de ser hipócrita os mesmos que são contra na volta as aulas são os mesmos que saem pra vários lugares. Se orienta cidadão.”

Notícia 08: *“Professores da rede particular reclamam que trabalho aumentou e salário caiu”* (MOREL, 2021).

Morel (2021) em sua notícia mostra que com salários menores, professores e profissionais administrativos de escolas e universidades privadas em Campo Grande negam reajuste zero para 2021. A categoria está em negociação salarial com o sindicato patronal, mas ainda não há definição de índice. Segundo o Sintrae-MS (Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Privado do Mato Grosso do Sul), 85 professores e administrativos em 26 escolas e faculdades particulares da Capital responderam ao questionário sobre salário e jornada de trabalho, o que confirmou a redução salarial em tempo de pandemia. De acordo com a notícia, do total de profissionais, “88,6%, confirmaram que os salários diminuíram no período da pandemia. Ao mesmo tempo 77,4% responderam que o trabalho dobrou ou triplicou, sendo que 88,9% dos professores afirmaram que não receberam computadores ou estrutura adequada para preparar suas aulas online”. Infelizmente, as pessoas não conseguem compreender a dificuldade que os professores enfrentam, ainda assim, mesmo com uma notícia informativa, em que expõe a realidade docente, as pessoas encontram maneiras de atacar e desqualificar.

“Professor nunca perde a mania de reclamar né?? Não to dizendo que eles não mereçam, mas o galerinha que reclama né?? Oq me deixa pensativo eh que ninguém obriga ninguém a ser professor, vontade própria msm sabemos dos salários e da falta de reconhecimento!!”

“Oxi eles começaram a dá aula agora e já tá reclamando”

“Só sabem reclamar aff invés de agradecer q tem um emprego”

“Aumentou a onde? Se agora que não fazem nada”

“Nunca deveria haver estabilidade, jamais .. meritocracia já ! Um absurdo não poder ser demitido ...desvaloriza os servidores que trabalham e pendura os folgados no nosso bolso”

Notícia 09: *“Professor denuncia casos de covid após volta aos trabalhos presenciais”* (PORTELA, 2021)

A saúde pública é uma questão que deve ser assegurada a todos, com meios de proteção e métodos de não contaminação. Frear um vírus que se propaga facilmente não é uma simples tarefa, com o retorno das aulas presenciais é sabido que alguns iriam se contaminar, de acordo com a notícia de Portela (2021) após os funcionários da rede estadual de ensino serem chamados para retomar as atividades presenciais, professores denunciam aumento nos casos de covid-19 nas escolas. De acordo com um professor “estamos percebendo o aumento dos casos de contaminação. Somente nessas semanas, seis pessoas já testaram positivo. Ainda tem alguns que esperam o resultado e outros que vão fazer o exame”, Ele comenta que na escola onde trabalha, tem mais de 150 professores, além dos profissionais que atuam no administrativo, na cozinha, na limpeza etc. Sabiam da periculosidade, mesmo assim insistiram no retorno, sendo possível perceber também a indiferença por parte das pessoas que comentaram sobre o assunto.

“Esses professores querem ficar casa fica inventando que pegou escola vai trabalhar bando desocupado que moleza”

“Hein no mercado, na praia, no açougue, no Banco, na farmácia ã pegam covid? Que estranho eles só se contaminam nas escolas, ave, quanto vitimismo! Contrata novos professores temporários, quem sabe eles voltem a ter noção da realidade!”

“Pois é ficar em casa recebendo salário é muito bom, agora pergunta pros professores contratados que só recebem si trabalhar o que eles pensam si prefere volta as aulas ou não.”

“Pqp, então muda de profissão, Covid é pra sempre!”

“E lógico que os professores iriam falar isto, ficar em casa ganhando é bem melhor”

“Estava demorando isso acontece eles começar a colocar empecilhos para voltar a trabalhar . Mais festas viagem etc. Pode né”

<p><i>“Pra ser professor basta fazer um cursinho por correspondência e pronto. Estudar estou estudando sim estou no quinto ano do curso de DIREITO posso até ser um funcionario publico um dia mas não serei covarde como a maioria que existe hoje. Louco pra ser não estou pois tenho minha empresa e ganho muito bem.”</i></p>

Notícia 10: *“Alunos e professores da rede estadual terão “Semana do Saco Cheio” fora de época”* (ZURUTUZA, 2020)

Algumas maneiras em que a notícia é escrita faz com que os leitores se apropriem de conclusões equivocadas. A exemplo disso, a notícia intitulada tem em seu subtítulo dizendo que *“Mini-férias”, de 31 de agosto a 7 de setembro, foi anunciada pela secretária estadual de Educação em transmissão ao vivo* tratando esses dias não letivos como mini-férias induzindo o leitor a acreditar que o professor não trabalha, isso se confirma quando os comentários aparecem. De acordo com a notícia, a secretária de educação lembrou que os educadores estão trabalhando dobrado, no preparo das aulas on-line e do material impresso para entregar aos estudantes que não têm acesso à internet. Os pais, mães e avós também têm se desdobrado para ajudar os adolescentes nos estudos. *“Faremos uma pausa, como se fosse a semana de outubro. Fechem os computadores, parem um pouquinho, cuidem das suas famílias”, disse a secretária.*

<p><i>“Mais férias!!! Melhor encerrar o ano que disque e letivo logo para descansar bem.”</i></p>

<p><i>“É uma piada isso...na altura do ano...com poucos conteúdos dados...os pais tbm vão poder pedir férias? 🤔🤔🤔🤔”</i></p>

<p><i>“Literalmente uma Patifaria..”</i></p>
--

<p><i>“É uma piada”</i></p>

<p><i>“E depois farão “o quê”??? 🤔🤔”</i></p>
--

4.1.2 Correio do Estado

Notícia 11: *“Com a piora da pandemia, apenas UFMS insiste no ensino híbrido”* (MAGALHÃES, 2021).

De acordo com Magalhães (2021), com a decisão da UFMS pelo retorno das aulas no dia 15 de março de 2021 de forma híbrida, em que as práticas serão realizadas presencialmente, provocou os professores da universidade, que se posicionaram de forma contrária ao parecer

divulgado em portaria. Com a decisão da UFMS, os professores da instituição se posicionaram contra a determinação por considerarem negligente. Entretanto, os acadêmicos se uniram aos mestres, em opinião que diverge do posicionamento da reitoria da universidade, gerando desconforto em quem defende o retorno de estudantes e profissionais.

<i>“Corta os salários que estes salafrários voltam logo ao trabalho.”</i>
<i>“Pra que trabalhar se salário tá garantido, bancado por nós. Professor de verdade não existe mais”</i>
<i>“Depois q vacinar os professores ainda vão fazer greve duvido se n já tão acostumado com a mordomia.”</i>
<i>“Professores adoram uma greve. E só falar de volta a trabalhar que eles ficam bravo kkk maioria dos professores tem ideologias são que nem petista que gosta de fica sem trabalhar e viver nas custa do governo. Quero vê se esse professores fossem autônomos e com família pra sustentar.”</i>

Notícia 12: *“Sindicato de Professores pede que as aulas continuem remotas na Capital”*
(MOREIRA, 2021)

Moreira (2021) relata que o Sindicato Campo-Grandense dos Profissionais da Educação Pública (ACP), encaminhou um ofício destinado à Prefeitura de Campo Grande, para que as aulas continuem no formato remoto na Capital já que o retorno presencial da Rede Municipal de Ensino (Reme) estava marcado para o dia 26 de julho de 2021.

O presidente da ACP, Lucílio Nobre, defendeu que o retorno presencial deveria acontecer apenas quando todos os profissionais da educação estiverem imunizados. Com o atraso das vacinas e a desinformação de grande maioria sobre a importância do ciclo da imunização, acarretou também em ataques diretos à profissão. Foi um momento de muitas dúvidas, tudo era novidade, não sabiam ao certo o verdadeiro grau de defesa da vacina às pessoas, e mesmo na incerteza as críticas não deram trégua.

<i>“A desculpa antes era: professores e funcionários de escola não eram vacinados. E agora qual o argumento??”</i>
<i>“Logico nao querem trabalhar , f*** _ ** as crianças , ja tem o salario garantindo mesmo ! Mas p passear no shopping , afonso pena e nos bares podem , nesses lugares nao existe covid , apenas no colegio 😞”</i>

<i>“Corta o salário dos sindicato dos professores pra vê se não vão pra rua pedir pra voltar as aulas só assim eles voltam”</i>
<i>“Gostaram da mamata de ficar em casa ...bora retomar a normalidade.”</i>
<i>“E uma vergonha, até quando o mundo inteiro tem aulas e aqui querem todos analfabetos!!”</i>
<i>“Muito simples, abrem processo administrativo para os concursados e mandem embora os contratados e convoque professores que queiram trabalhar simples assim.”</i>
<i>“Incrível como os profissionais da educação não querem mais TRABALHAR. É claro que deve haver o retorno às aulas presenciais, e uma das exigências desses mesmos, foi a prioridade na VACINAÇÃO.”</i>
<i>“Bora trabalhar cambada.”</i>

Notícia 13: *“Suspensão de aulas na rede pública pode ser prorrogada”* (ALBUQUERQUE, 2020).

De acordo com o texto de Albuquerque (2020), a suspensão das aulas na rede pública de ensino de Mato Grosso do Sul por conta da Covid-19 deve ser prorrogada até agosto de 2020, segundo instituições ligadas aos professores. Isso porque houve um aumento na curva de contágio no Estado nos últimos dias. Quando houve a prorrogação das aulas online até o final de junho, por exemplo, o Estado tinha apenas 479 casos confirmados da doença e um mês depois já são 3.785, um aumento de 790%. Os escritos evidenciaram que Mato Grosso do Sul estava em uma tendência de alta dos casos e não houve disposição da categoria, nem da secretaria, em voltar presencialmente. Falando pela FETEMS, a categoria não quer voltar até porque estaria expondo os profissionais e as crianças à rua, com salas de aulas lotadas, para que eles possam levar a doença para os pais e avós que estão em casa.

A afirmativa com dados comprovando o grau de infecção não foi suficiente, nem tampouco convincente para as pessoas que defendiam o retorno presencial das aulas, pois as escolas não ofereciam segurança suficiente para que quem nela estivesse não fosse contaminado pela doença, com isso, ataques se mostraram presentes, mesmo com o alto grau de periculosidade que a doença oferecia, quando o governo decidiu prorrogar a suspensão das aulas presenciais, visando a segurança geral.

<i>“O povo do sindicato não sabe o que e trabalho estão amando a pandemia”</i>
--

“E assim a ideia socialista comunista, comunista fique em casa fique na miséria prós comunistas quanto mais pobre melhor o povo ficará a mercê do comunismo”

“nunca tiveram vontade de trabalhar mesmo aí aproveita da situação dinheiro caindo na conta todo mês aí TD beleza e o mundo k se exploda”

“Eles "sindicalistas" nunca trabalharam nem sabe o que é isso!”

“Trabalhar que é bom????”

Notícia 14: *“Suspensão das aulas na rede estadual é prorrogada até 30 de junho”* (MATTOS, 2020)

De acordo com Mattos (2020), no ano de 2020, o governador de Mato Grosso do Sul, Reinaldo Azambuja (PSDB), prorrogou a suspensão das aulas na Rede Estadual de Ensino (REE) até 30 de junho. O decreto foi publicado em uma edição do Diário Oficial Eletrônico. As férias chegaram a ser antecipadas e terminariam em uma segunda-feira. No decreto, Azambuja orienta as redes municipais e particulares a tomarem a mesma medida. Desde 23 de março de 2020, os alunos da REE estão tendo aulas remotas, e no mês de maio, a Secretaria de Estado de Educação (SED) oficializou o uso da plataforma Google Sala de Aula para estudantes e professores, a fim de facilitar a comunicação entre ambos e a aplicação do conteúdo.

“Para de frescura e volta tudo ao normal! Não tem pandemia em MS e só baba ovo comissionado e funcionário público preguiçoso que fica com essa palhaçada de “fica em casa”. Já deu isso hein!”

Notícia 15: *“Aulas presenciais nas escolas estaduais de Mato Grosso do Sul só voltam em 2021”* (FLORES, 2020)

A notícia de Flores (2020) causou revolta entre os leitores em geral. De acordo com a notícia veiculada no jornal, as aulas da Rede Estadual de Ensino (REE) continuarão remotas até o próximo ano. A secretária de educação ressaltou nesta notícia que as aulas não serão suspensas e todas as atividades das escolas continuarão de forma remota. Disse ela na notícia: *“As escolas continuarão abertas para plantão de dúvidas e para reforço”*.

As aulas presenciais na Rede Estadual estavam suspensas desde 23 de março de 2020, quando foram confirmados os primeiros casos de coronavírus no Estado. Durante esse período, diversas prorrogações foram feitas devido ao crescimento de notificações da doença e falta de leitos hospitalares em Mato Grosso do Sul. A inquietude de quem se mostrou contra essa determinação foi transparente e manifestada com ataques ao que a notícia trazia de informação.

“Esses “professores” querem mesmo é ficar nas costas do governo sem precisar dar a contrapartida em sala de aula... se depender dos tais, essa história de pandemia só fez um intervalo para eles militarem nas eleições e cair na farra no carnaval, após, [#fiqueemcasa](#) com força”

“Finge que leciona, finge que aprende, e finge que valoriza. Tudo normal ”

“Não é fácil botar professor sindicalista pra trabalhar kkkkkkkk”

4.1.3 Mídia Max

Notícia 16: *“Desgaste de professores e alunos faz SED implantar ‘mini férias’ de 7 dias em escolas estaduais”* (CHIANEZI, 2020)

De acordo com as afirmações de Chianezi (2020) a SED (Secretaria Estadual de Educação) implantará uma ‘mini férias’ para que professores e alunos possam descansar neste mês. O período de pausa nas tele aulas deve acontecer entre os dias 31 de agosto a 7 de setembro. De acordo com a avaliação da secretária Cecília Motta, o período será para aliviar a sobrecarga tanto dos servidores, quanto dos pais e responsáveis das crianças e adolescentes que estão estudando de casa. Conforme a secretaria da SED, todos os funcionários têm enfrentado um desgaste em casa e que a pausa pode ajudar tanto os profissionais quanto aos alunos.

Analisando a maneira com que a notícia é levada até os leitores, o termo mini- férias empregado no texto é tendencioso para que levem a pensar que o professor não trabalha, surgindo um novo pensamento e variadas conclusões acerca do papel docente conforme as críticas comentadas na notícia.

“Se os professores estão desgastados, imagine os pais que estão ensinando os filhos em casa sem ter uma faculdade ou preparo p isso, os pais q precisam d ferias 🤔🤔🤔”

“é aquela velha frase : estou cansado de descansar então pra compensar vou descansar mais”

“Não fazer nada cansa kkkkkk”

A palhaçada estão mandando mais matérias do estivessem dando aula e cada trabalho que não tem nada a ver até peça de teatro acham que os pais não trabalham, tinha que fazer os professores visitar os alunos uma vez no mês”

Notícia 17: *“Há mais de um ano em aulas online, professores de MS reclamam falta de negociação salarial”* (CAMPOS, 2021)

Os desdobramentos que os docentes se submeteram acarretou o acúmulo de tarefas, múltipla jornada de trabalho, desgaste, inseguranças e quantidade de trabalho triplicado em regime remoto. Campos (2021) diz que o SINTRAE MS (Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Privado do Mato Grosso do Sul), divulgou a reclamação de professores de escolas e universidades particulares de Campo Grande que sofreram aumento na jornada, em aulas presenciais, e com baixo salário para categoria.

Segundo o presidente do sindicato, professor Eduardo Botelho, os trabalhadores destacam a dificuldade na pandemia, em que se desdobram nas atividades remotas, mas não têm valorização nos reajustes. Diante disso, os requerimentos de valorização salarial dos professores, nada mais do que é de direito, pois mesmo em casa trabalharam arduamente, muitas das vezes até mais do que quando estavam em regime presencial. Entretanto, críticas desmerecendo o desejo desses profissionais emergiram nos comentários da notícia postada.

“Eu quero o meu salário de professora substituta, estou a mais de um ano dando aulas pra minha neta no lugar dos professores, que colocam as aulas no telegran e somem, muitas vezes temos que recorrer ao Google se quisermos realmente tirar alguma dúvida, muitas vezes deixo de trabalhar de atender clientes pra estar do lado da minha neta pra ela aprender alguma coisa, e estão reclamando ?? Que vão fazer agora,? Greve virtual ?? Aaaaah ,façam me o favor 🙏🙏🙏🙏”

*“Já estão sentindo falta da greve programada de cada ano pra poder viajar de “férias
“ Já vai pro segundo ano sem essa tal greve né”*

*“Quem se desdobra ensinam realmente as crianças são os pais, pois desde quando começou a pandemia, são os pais que estão se desdobrando pra ensinar, e arranjar tempo ainda de trabalha pra não deixa falta sustento a sua família.
Esses professores tão bem folgadoinho pelo visto!”*

“Que absurdo um aprendizado tão ruim que nossos filhos estão tendo, e eles reclamando de salario, ficando em casa, se estão se achando desvalorizados deem espaço para os professores que realmente precisam trabalhar”

“Fala sério mais de um ano dando aula de casa com monte de feriado recessos e ferias sem gastar com deslocamento sem gastar nem mesmo com roupas os professores querem aumento, vsfd”

“Tão falando sério, se consegui um aumento reparte com as mães que estão fazendo serviço dos professores, os professores dao as atividades online mas quem tá em casa com a criança encima ensinando são os pais, isso já tá uma palhaçada não tem nem previsão de quando as crianças vão vacinar, mesmo que os professores tomem a vacina as crianças não vão.”

“Se trabalha presencial reclama, se trabalha remotamente reclama , a verdade é que querem ganhar sem trabalhar.”

*“Vagabundos !
Professores das escolhas particulares , esses sim são pessoas decentes que não gostam de ganhar sem trabalho”*

Notícia 18: *“Bolsonaro ataca professores e diz que eles não querem trabalhar”*
(ALVES,2020)

Por fim, e não menos importante, os ataques aos docentes também partiram de um uma importante autoridade política no país. O presidente da república não se absteve nas palavras ao deferir ataques aos professores do país. A notícia de Alves (2020) mostra o quanto a desmoralização do professorado está no mais alto escalão de poder que exerce sobre a sociedade. O presidente Jair Bolsonaro atacou professores durante live presidencial realizada ao lado do presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães. “Hoje mandei uma mensagem pro ministro Milton para se preparar e começar a orientar, já que a decisão é de governadores e prefeitos, para que se volte às aulas no Brasil. É inadmissível, perdemos o ano letivo”, disse o presidente, repetindo uma declaração na quarta-feira em que afirma que o Brasil é o país que teve o maior lock- down em escolas.

Posteriormente, Bolsonaro emendou em um ataque aos professores dizendo que os sindicatos de educadores são de “esquerda radical” e defendem o “Fica em Casa” para trabalhar menos e não pelo risco de contágio que a aglomeração nas escolas representa. “Para eles tá bom ficar em casa, por dois motivos: primeiro eles ficam em casa e não trabalham, por outro colabora que a garotada não aprenda mais coisas”. Sobre a interação do público acerca do conteúdo retratado na notícia:

“Todo mundo trabalhando e só o professor com medo do covid. Faz favor essa turma do fica em casa, bora trabalhar”

“Se cortasse o salário em menos de um mês todos os professores fariam passeatas pra volta das aulas.”

“Antes da Pandemia muitos já não queria mesmo!!!”

“A maioria dos professores são de esquerda então... Mais uma vez #Bolsonarotemrazão, se podem ir para vários lugares, para aula também oras bolas.”

*“Professores: "estamos trabalhando 5x mais ".
Ótimo, voltamos as aulas presenciais e vocês trabalham o normal , sem ter que "trabalhar 5x mais " , não precisa nem de mimimi !
Todos os lugares abertos , crianças em clubes , parquinhos , igrejas, festinhas de aniversários com 50 integrantes quase , porém as aulas presenciais são perigosíssimas , né? Ksksksk tem lógica uma coisa dessa ?”*

“Os professores e tudo gays só adora a apologia de sexo”

As notícias de uma forma geral, estavam preocupadas em mostrar o momento de fragilidade em que a educação passou durante a pandemia, uma vez que foi um dos pilares essenciais da vida humana que mais sofreu com este momento histórico, isto é, as notícias em si não configuram ataques ao trabalho docente, mas os ataques são encontrados nos comentários dessas notícias. Foi possível perceber nos comentários que havia também pessoas que defendiam o professor, o trabalho docente e suas dificuldades nesse período, mas não é o foco da pesquisa trazer aqui esses comentários. Apesar de toda situação, os professores continuaram trabalhando em regime de aulas remotas para garantir o direito à educação, construindo caminhos e possibilidades para que o aprendizado chegasse até a casa dos estudantes. Obviamente a chegada dessas aulas até a casa dos alunos foi atingida de maneiras variadas, levando em consideração que nem todos tinham ou têm recursos com terminais de acesso à internet.

Os professores, as comunidades escolares se empenharam em suas aulas, preocupados com a saúde de seus familiares e estudantes relutavam para que no momento mais crítico da pandemia as aulas presenciais não retornassem, decisão difícil, mas com objetivo de proteger as pessoas. Infelizmente tais decisões e as notícias que foram divulgadas geraram discursos atacando o trabalho que o docente exerce na sociedade, discursos de ódio e o desentendimento acerca do quanto o professor se esmerou, fez com que as pessoas recebessem as notícias e concebessem um olhar jamais visto sobre a educação.

Ao analisar todos os dados, podemos perceber grande interação do público com *likes*, o quantitativo de notícias veiculadas pelos jornais, sua audiência, notícias escritas por diferentes jornalistas em um único jornal pela qual quase todas notícias escritas eram de diferente autoria, surgimento de legislação para respaldar as decisões acerca das aulas, podemos perceber através dos comentários o quanto o ódio, a raiva e ao mesmo tempo a preocupação

com a educação de seus filhos trouxeram diferentes modos de entender o trabalho docente e sua importância durante a pandemia. Ao mesmo tempo, vimos que a mídia digital é dotada de um processo curricular que ensina as pessoas, indivíduos recebem as informações, interpretam e alegam que professor não trabalhou na pandemia, apenas receberam o salário sem nada fazer.

4.2 Sobre o canal do *YouTube*

Etnografando o canal do *YouTube*, com o início a esse ciclo de formação no canal selecionado, em seu primeiro dia, isto é, no dia 21 de julho de 2021, a *live* que deu abertura ao evento foi titulado como “Regras de Biossegurança no enfrentamento à Covid-19” com duração de 1 hora e 24 minutos. No dia 22 houve a *live* “Roda de conversa: orientações pedagógicas sobre o retorno presencial das aulas da rede municipal de ensino” com duração de 1 hora e 15 minutos. Já no dia 23 a *live* foi “Educador – Interação Socioemocional e a importância de acolher para fortalecer” com duração de 51 minutos e 37 segundos. Nesse mesmo dia ocorreu uma segunda *live*, mas ela não entra nas análises por não ter tido conteúdo produzido, seja pelas pessoas convidadas para falar, seja pela audiência, que se relacione ao enfoque de nossa pesquisa.

No decurso da formação, houve interação dos professores durante as *lives*, eles assistiam em casa, pois ainda não estavam trabalhando no regime presencial, as aulas estavam no regime de ensino remoto. Um dado precioso me mostrou o quanto esses espaços podem ser produzidos por quem administra, isto é, durante os acontecimentos nesta “roda de conversa”, as pessoas discordavam do que foi dito nos vídeos pelos palestrantes, se expressando com comentários em tempo real, porém, esses comentários que não eram convenientes para os administradores do canal, embora pertinentes, eram excluídos da lista de transmissão das mensagens, conforme mencionado nos procedimentos metodológicos. Durante minha pesquisa, tive o cuidado em salvar tudo pois sabia da possibilidade de exclusão.

Na *live* “Regras de Biossegurança no enfrentamento à Covid-19” a formação contou com uma enfermeira infectologista em que apresentou em forma de *slides* as normas de biossegurança para um retorno seguro das aulas na pandemia, nota-se que enquanto a palestrante se expressava verbalmente, a *live* contava também com intérprete de libras, havia dois, um do gênero masculino e outra do gênero feminino que se revezaram durante a palestra. No segundo dia, a *live* “Roda de conversa: orientações pedagógicas sobre o retorno presencial das aulas da rede municipal de ensino” conta com a participação de setores da

SUPED (Superintendências de Gestão das Políticas Educacionais), todas de gênero feminino, que inicia a palestra por uma professora responsável pela GEFEM/SUPED (Gerente do Ensino Fundamental e Médio); posteriormente a fala passa a ser dirigida por uma professora chefe da coordenação pedagógica da SUPED; logo após, a palestrante é uma professora da GEINF (Gerente da Educação Infantil); ademais, professora chefe da DAV (Divisão de Avaliação); posteriormente foi a vez uma professora da DEE (Divisão da Educação Especial) finalizando com uma professora responsável pela DED (Divisão de Educação e Diversidade). Todas tiveram o mesmo objetivo, dialogar e trazer orientações ao docente sobre o retorno das aulas presenciais e os meios pedagógicos que cada um poderá exercer em cada etapa de ensino. Durante a formação, todas utilizaram o recurso de *slides* e contaram com a participação do mesmo e da mesma intérprete que estavam no primeiro dia.

No terceiro e último dia, a *live* “Educador – Interação Socioemocional e a importância de acolher para fortalecer” as palestrantes foram servidores superintendentes de gestão e normas. Diferentemente dos outros dois dias, a formação foi dinâmica, não houve projeção de *slides*, além da palestrante a formação contou com a presença de 14 pessoas, sendo 01 do gênero masculino e 13 do gênero feminino que aconteceu em uma escola de tempo integral na cidade de Campo Grande. As dinâmicas iniciaram a partir de alongamentos com música de fundo, além de coreografias com outras músicas e dicas de acolhimento socioemocional aos estudantes.

Assim, como existe uma tabela com os comentários das notícias dos jornais do *facebook*, os comentários das *lives* do canal do *YouTube* também seguirão a mesma forma de escrita. Entre os comentários em todos os dias de formação, o professor se apresentava com seu nome e escola, creche que lecionada, além de cumprimentos de bom dia. Para além disso, conforme os comentários salvos durante a etnografia podemos perceber a intervenção por parte dos responsáveis pelo canal governamental em relação as críticas dos professores e outros comentários. Tive a sensação de que os professores descontentes expressaram sua dura realidade, entretanto, foi possível perceber também a imposição da volta às aulas pelo poder público municipal sem consultar os profissionais que enfrentam dificuldades de estrutura nas escolas.

Live 01: “Roda de conversa: orientações pedagógicas sobre o retorno presencial das aulas darede municipal de ensino

”Não vejo médico comprar bisturi, medicamentos , anestésico para sua sala cirúrgica ,não vejo juízes comprarem papel ou tinta para impressora porque acabou no fórum ,agora o professor pagar 5 ou 7 mil reais em um bom computador ser chamado de investimento, ;investimento é ir para Paris ou Paraty criar memórias de cultura e adquirir vocabulário sensorial pessoal com os momentos vividos .Normatizar nossas tragédias diária, onde gastamos nosso salário para tornar possível nosso trabalho é o fim .”

“O absurdo é não ser fornecido aos professores de toda a rede EPIs nesse momento.”

“Não tive que investir, tive que MORRER num NOT e um CELULAR só para as turmas que dou aula... ainda tudo usado pq nem condições de um novo eu tinha. Ainda mais que os notebooks estão muito mais caros, e conseqüentemente, os usados também tiveram seu aumento de preços. Difícil trabalhar, tirar do bolso pra poder dar mais qualidade em nossas aulas, e ainda ser massacrado pelos pais e nossos políticos. Mas isso, fazemos a muito tempo, juntando dinheiro para comprar lembrancinhas (principalmente em áreas mais pobres com crianças muito carentes), material diferenciado, realizando festas para arrecadar dinheiro para melhorar material e espaço físico da escola, cartazes, etc. Sempre tiramos do bolso pra melhorar. Quem está a muito tempo fora de sala, não lembra ou não trabalhou em uma escola de periferia. Nossa realidade é muito diferente, nossas necessidades são muito diferentes, falta muita empatia dos superiores.”

“é uma pena que cancelaram os comentários do vídeo da manhã- as 08h00, mas vamos lá!) O pessoal da SEMED está abordando temas relacionados a prática pedagógica: avaliações, função da escola, aprendizado etc o que já temos nas formações e quase consenso entre os/as docentes. O importante seria atender as necessidades do retorno e as angustias das professoras e professores já postas ontem através das perguntas!!!!!! Vejam, se fala tanto em perceber o momento para se planejar e isso não foi feito ou sentido para a proposta do segundo dia! Poxa vida!!!!”

Live 02: “Regras de Biossegurança no enfrentamento à Covid-19”

“Bom dia, Vamos lá, algumas dúvidas surgiram: 1- A Prefeitura, através da SEMED, disponibilizará máscaras aos profissionais? Ou cada um por si? 2- Como professor de educação física, me sentiria muito mais seguro se houver um documento normativo sobre as aulas "práticas" de educação física. Estão intimamente ligados a divisão de materiais, possibilidade de umedecer as máscaras, exigência maior da respiração, dentre outros. 3- A Alimentação em sala de aula não gera maior possibilidade de contágio? certo de uma resposta.”

“Formações como esta são muito importantes. Contudo, é uma fala única e protocolar sem responder a nenhuma das perguntas feitas no chat sobre questões fundamentais na nova rotina escolar como o uso dos jogos coletivos, melhor modo de verificar a temperatura dos alunos, quais EPIs nós receberemos de fato...”

“Muitos professores inseguros e assustados para o retorno presencial. Será que os professores e as escolas estão preparados para o retorno?”

Live 03: “Educador – Interação Socioemocional e a importância de acolher para fortalecer”

“Estamos vendo como a Semed está preocupada com a vida, sala fechada com a senhora no microfone sem máscara. Formações presenciais com professores, coordenadores e diretores de máscaras baixadas. Vidas são mais importantes do que qualquer outra coisa. Respeitem o colega ao lado, valorizem a vida!”

“É um contrasenso falar em valorização da vida quando o essencial está faltando. É desesperador o nível da falta de respeito pelo servidor, sem EPI, sem respostas.”

“Vamos lá, espero que hoje não desativem os comentários, fica feio para uma secretaria de educação não conceber o contraditório. 1- Falamos tanto em exemplos concretos, que aprendemos mais com a ação do que com as palavras, não é mesmo? Então qual é o motivo das pessoas não usarem máscaras e não manterem o distanciamento? Olha que legal seria a empatia? 2- Isso mostra mais uma vez a responsabilização dos professores/professoras em áreas que não temos o conhecimento técnico, incumbindo a nós uma tarefa enorme. Isso traz problemas no mínimo em quatro vias: a) despreza a formação em psicologia; b) força o/a docente a abarcar áreas de que não tem domínio; c) faz o encaminhamento de questões importantes como perda, luto e dor de maneira corriqueira, sem respaldo e através do senso comum. podemos inclusive, pelo despreparo ativar gatilhos dos quais não tenhamos possibilidade nenhuma de retomar. d) mais uma vez função social da escola é deixada de lado. 3- Os balões foram enchidos com a boca? Seguro hein???????????? 4- Se a alegria resolvesse os problemas do mundo, com toda certeza o Brasil não seria o que é. Por mais trabalhadores da área da saúde mental pela cidade e até mesmo nas escolas!!! 5- Sem esquecer as máscaras PFF5 para todos e todas as profissionais de educação. 6- Descobrimos que o Poço tem alçapão!”

A revolta por parte dos professores como demonstrado nos comentários nas tabelas acima tiveram seu início quando durante a *live* do primeiro dia, uma das locutoras normalizou os gastos que os docentes têm para que possam dar suas aulas, enquanto o Estado não cumpre com o seu papel de incentivar e valorizar a educação oferecendo todos os recursos necessários. A partir dos comentários foi possível evidenciar que o professor se deparou com gastos para sua docência em tempos de pandemia, em que precisavam investir seu próprio dinheiro para poderem trabalhar e ter seu retorno no começo do mês, ou seja, seu salário.

O reconhecimento por parte das palestrantes nos vídeos sobre a função docente e os embates cotidianos é visível quando as palestrantes falam aos professores: - “você são importantes na vida dos estudantes”; - “os professores inovaram a educação durante a pandemia”; - e ainda citam a defasagem e abandono do ensino dizendo que “com todos esses problemas tivemos que enfrentar o difícil acesso às tecnologias, porque todos foram pegos de

surpresa e não sabiam como trabalhar de forma remota”. Porém, ao assistir e ouvir as falas, a sensação que tem é que estão passando toda a responsabilidade para cima somente dos professores quando dizem que “os professores precisam estar atentos à saúde dos alunos, seguindo os protocolos de segurança e ter atenção na aprendizagem, acolhimento socioemocional dos alunos”. Uma vez que educação é também dever do Estado e da família, não basta oferecer, é preciso investir para a permanência e melhoria do aprendizado, tanto em estrutura, quanto na valorização dos profissionais da educação.

O antiético e antidemocrático também se mostrou presente quando um telespectador deixa um recado escrito pedindo que seu comentário não seja removido novamente. Pelo visto, os únicos comentários que eram aceitos durante as *lives* eram aqueles que davam apoio ao que estava sendo dito, saudações de bom dia, identificação de qual unidade escolar o professor fazia parte. Considero isso como uma censura, não diretamente ao trabalho docente, mas no direito de um docente se expressar.

Em outro momento, um professor faz o seguinte comentário: *Estamos vendo como a Semed está preocupada com a vida, sala fechada com a senhora no microfone sem máscara*”. Ele está se referindo ao último dia de formação, em que as palestrantes e os participantes estão em uma sala fechada, sentados próximos sem respeitar o distanciamento, justamente fazendo o contrário daquilo que deram como orientação nos dias de formação.

A respeito dessas considerações acerca dessa “roda de conversa” no canal do *YouTube*, o que considero aqui nessa pesquisa como ataque não transpareceram diretamente. Quero deixar claro que embora não ataca diretamente ao trabalho docente, diz respeito a como o docente se sente durante/após participar dessas formações, levando-me a refletir sobre as angústias que vivenciaram ao saber que retornariam presencialmente, se deparariam com novas realidades e que diretamente ou indiretamente trouxe novos currículos na prática docente que precisam ser levantados e estudados.

5. PROCESSOS CURRICULARES-PEDAGÓGICOS DAS PÁGINAS JORNALÍSTICAS E DO CANAL DO YOUTUBE

5.1 Do Currículo

O currículo como uma produção social, em específico no campo dessa pesquisa, está presente tanto nos jornais quanto no YouTube, pois os modos em que os conteúdos curriculares e os ataques aparecem me denotam uma análise que, embora partiram de artefatos midiáticos de origens diferentes, há a possibilidade dessa produção curricular ser identificada em ambos os campos.

O currículo como ato de ensinar determinados conteúdos que circulam entre as pessoas, também pode ser compreendido como aquilo que fazemos ao receber as informações, como também pode ser aquilo que as informações fazem de nós. Silva (2013) diz que:

O currículo nos ensina posições, gestos, formas de se dirigir às outras pessoas (às autoridades, ao outro sexo, a outras raças), movimentos, que nos fixam como indivíduos pertencentes a grupos sociais específicos. O currículo torna controláveis corpos incontroláveis. (2013, p. 197)

O currículo constrói os sujeitos, de acordo com Silva (2013) o currículo não está envolvido em um processo de transmissão ou revelação, ele se encontra em um processo de constituição e posicionamento. A maneira pela qual o currículo se constitui, os posicionamentos surgem, mas não de maneira homogênea, mas sim de maneiras particulares de cada sujeito que se é construído a partir de determinados currículos, pois “não existe uniformidade de narrativas, pois a sociedade é marcada por diferentes formas de pensamento” (NICOLINI, MEDEIROS, 2021, p. 289)

Como já sabemos, o currículo não envolve somente os tradicionais currículos escolares, há processos que acontecem fora da escola que também produzem currículo, e muitas das vezes refletem dentro do espaço educacional apresentando diferentes narrativas. Com isso, “as narrativas contidas no currículo, explícita ou implicitamente, corporificam noções particulares sobre formas de organização da sociedade, sobre os diferentes grupos sociais” (SILVA, 2013, p. 190).

Diante disso, as mídias digitais, tanto os jornais no facebook e o canal no YouTube apresentam currículos e produzem conhecimentos acerca dos conteúdos que ali circulam. Os conteúdos em formas de notícias, as *lives* que ocorreram e a interação das pessoas formam e transformam modos de pensar, agir e compreender o que está acontecendo naquele determinado

espaço, produzido e produtor da cultura. Para Almeida e Scheifer.

O espaço físico da casa e o tempo da vida doméstica, ao serem virtualmente invadidos pela escola que se apresenta em aulas virtuais (síncronas e/ou assíncronas) produz como efeito um espaço tempo híbrido no qual se misturam ritmos, sítios, práticas, códigos, artefatos, valores e papéis sociais relativos à vida na casa (como esfera privada) e na escola (como esfera pública)” (2021, p. 1202)

Entre o currículo produzido nesses artefatos, pode-se dizer que inicialmente há a presença da preocupação em relação ao trabalho docente durante a pandemia da Covid-19, pois “em tempos de pandemia, era mister saber em que condições o trabalho pedagógico estava sendo desenvolvido, considerando os desafios do ensino remoto [...]” (PEIXOTO; WANZELER; ESTÁCIO, 2021, p. 02). Para além da preocupação do trabalho docente, também podemos evidenciar que “esse marco temporal produziu profundas alterações na educação de modo geral, ao mesmo tempo em que agudizou as desigualdades existentes em nosso país. (CALDEIRA, 2021, p. 04).

Para Ferreira *et al.* (2021), a crise sanitária impactou diversos segmentos da sociedade, incluindo as instituições de ensino, por isso “é necessário reconhecer e refletir sobre as dificuldades que surgiram após a suspensão das aulas presenciais devido a pandemia da covid-19 (JUSTINO, 2021, p. 12). De acordo com Charczuk (2020) professores de todos os níveis educacionais ao redor do mundo se depararam com o desafio de operar o educar sem contar com o espaço físico da escola, apesar dessa situação ser necessária pelo risco de contágio. No jornal do facebook quando surge uma notícia alegando que “Sindicato dos professores é contra o retorno das aulas presenciais na rede privada” (MOREL, 2020). Essa preocupação partiu também das instituições de esfera pública, que devido ao grande risco de contágio da pandemia na época, havia receio do retorno das aulas em formato presencial, para preservar a saúde de toda comunidade, as aulas ficaram remotas. Assim, o sindicato e o governo se mostraram preocupados com os professores, como também há preocupação com o estado físico dos estudantes. Desse modo, “no âmbito educacional a situação de pandemia modificou as dinâmicas estruturais e organizacionais, interferindo diretamente nas relações de ensino e aprendizagem, nas estruturas curriculares, atividades presenciais e, evidentemente, no exercício do trabalho docente” (DIAS, 2021, p. 02).

Ainda, sobre a preocupação, no jornal a notícia envolve o sindicato que representa a classe professoral, mas a preocupação também partiu pelos próprios professores, isso foi

possível perceber em um comentário de uma live do YouTube quando um professor menciona que “Muitos professores inseguros e assustados para o retorno presencial. Será que os professores e as escolas estão preparados para o retorno?” (REFLEXÕES PEDAGÓGICAS ON-LINE, 2021). Apesar de que o estudo de Santos e Giraffa (2021) apontaram que mais de 66% dos professores consideraram que o processo de ensino remoto não foi democrático, mas isso não quis dizer que os professores estavam favoráveis ao retorno, mas sim preocupados com a saúde e com a educação secundariamente. Ademais, o estudo de Máximo (2021) aponta que além das dificuldades estruturais, no ensino remoto, grande maioria dos estudantes não participavam das aulas, ficavam com as câmeras fechadas, sem interação alguma. O mesmo se concluiu no trabalho de Freitas (2021), quando afirma que presenciou o relato das professoras entrevistadas sobre sua percepção das baixas frequência e interatividade durante as aulas síncronas, sendo referido também ao trabalho de Marques (2021) relatando que a falta de interação e participação dos alunos foi o aspecto que apareceu nos relatos dos professores entrevistados.

Diante disso, podemos perceber que ocorreram preocupações ao processo de ensino-aprendizagem, como quanto ao retorno das aulas, tendo em vista que ainda estavam sendo feitos testes de vacinas para imunizar a população e diminuir o risco da disseminação do vírus, isso porque “para os educadores, é indiscutível que a preservação da vida se sobrepõe ao desejo de convivência no espaço físico das escolas” (PUCCI; FERREIRA, 2021, p. 02).

Houve também a possibilidade de analisar a preocupação política com os professores e a comunidade escolar. De acordo com Troitinho *et al.* (2021) a saúde mental de educadores é um agravante que deve ser considerado na escolha de políticas complementares, isso porque “a principal preocupação de governos do mundo inteiro era evitar o colapso dos sistemas de saúde de seus países” (MAGALHÃES, 2021, p. 1264). Entretanto, gerou algumas narrativas que envolviam diretamente o trabalho docente, trazendo insatisfações tanto dos professores, quanto da população em geral sobre a percepção da classe afetada.

A notícia de Frias (2021) se dá a entender que a prefeitura quis preservar a saúde dos professores considerados de risco (obesos, gestantes, pessoas com problemas respiratórios etc.). Paralelamente, a prefeitura municipal de Campo Grande iniciou uma formação para professores sobre o retorno das aulas presenciais. Quero dizer que as questões políticas também foram encontradas em ambos os espaços virtuais. Em um caso, a professora considerada de risco não conseguiu aulas em seu município por impedimento de um decreto (FRIAS 2021), já em outro exemplo, uma prefeitura ofertou um ciclo de palestras através de *lives* para que os

docentes tivessem um retorno seguro (REFLEXÕES PEDAGÓGICAS ON-LINE, 2021). Diante disso, podemos situar aqui o que diz Machado, Silva e Bortolazzo (2021), quando em seu trabalho afirmam que “de um lado pedem a reabertura das escolas e a retomada do ensino presencial; do outro alegam que a reabertura é precipitada e que nesse momento o lugar mais seguro para as crianças é o ambiente doméstico” (MACHADO, SILVA, BORTOLAZZO, 2021, p. 05).

Como dito anteriormente, apesar dos processos políticos envolvidos, esses processos possuem descontentamentos em ambos os lados. No caso de o impedimento da professora conseguir aulas, embora ela não concordasse, surgiram comentários acerca desse conteúdo publicado: “Mais está certo, são do grupo de risco. Não tem que ficar de mimimi” (FRIAS, 2021), “se mandasse o grupo de risco trabalhar, eles estariam reclamando do mesmo jeito.” (FRIAS, 2021).

Dados como esse, que envolve questões de saúde e corpo, também apresentam a resistência por parte de quem está sendo atacado. Conforme a imagem postada na página jornalística, a professora que sentiu atacada pelo poder público não se absteve em demonstrar sua insatisfação, deixando o seguinte recado de indignação: “nunca soube o I.M.C. da minha professora, mas soube o que ela me ensinou”. A mesma fez questão de tirar foto de si própria, em sua casa, segurando essa mensagem de apelo, enquanto acima dela havia um trecho escrito “professora impedida de lecionar aulas no município por estrar acima do peso... Três Lagoas MS. Compartilhem!!” Ao analisar a notícia, essa professora estaria em caráter de contrato temporário, mas, ao mesmo tempo, não se sabe se essa decisão atingiu também os professores efetivos, pois se suspendessem suas aulas, a prefeitura pagaria o professor substituto e ainda o salário do professor do quadro efetivo. Com isso, fica a sensação de que essa normativa atingiu somente os professores contratados. Ela não envolve questões de profissionalismo, mas de imagem corporal.

Ademais, a notícia de Frias (2021) se solidariza com a professora, quando usa essa imagem no conteúdo da notícia e pedem que as pessoas “compartilhem”, porém, ao mesmo tempo, ao pedir para compartilhar, o jornalista pode estar também com a intenção de repercussão do assunto, que se torna positivo não apenas para a docente, mas também para o jornal – empresa de comunicação e seus patrocinadores.

Já em uma das *lives* do YouTube também houve descontentamentos quando um professor comenta que “O absurdo é não ser fornecido aos professores de toda a rede EPIs nesse momento.” (REFLEXÕES PEDAGÓGICAS ON-LINE, 2021). O descontentamento na notícia

é dos professores para com a prefeitura como mencionado acima, o descontentamento também é presente no YouTube, partindo por parte dos professores com as lives e a prefeitura. Sobre isso, concordamos que “com a pandemia da covid-19, as relações com os saberes e as condições humanas para o enfrentamento de novas formas de convívio social (na escola, em ambiente virtual de aprendizagem e em casa) provocaram mudanças e evidenciaram negligência do poder público” (ASSIS, 2021, p. 64).

Na notícia de Frias (2021) os comentários que surgiram atacando o professor e defendendo a posição da prefeitura em relação ao decreto partiram da população em geral que acessaram esse conteúdo que ensinou algo a eles. Essa defesa da normativa da notícia se mostra presente no comentário: “E qual o erro nisso?! Está mais do que certo. Está sendo poupada de ficar se expondo ao risco e está com essa bobeira.” (FRIAS, 2021).

A diferença desses comentários é algo interessante, isto é, a população comenta nas notícias dos jornais por ser um espaço que leva até elas as informações, não se limitando à questões educacionais, se a pessoa curte a página, ela não precisa ir atrás da informação, ela aparece em sua rede social via a atuação dos algoritmos. Já no caso do canal do YouTube, apesar de ser livre o acesso, as pessoas não interagem por ser um canal direcionado aos professores, pois trata somente de assuntos educacionais, sendo assim, a interação é dos professores. Ou seja, em um espaço a população apoia a prefeitura e ataca os professores, já em outro o professor se defendem dos ataques da prefeitura, sem os ataques da população.

Sobre o retorno das aulas, a notícia de Rodrigues e Chuva (2021) trata disso na rede privada, mas a pública ainda permanecia em sistema remoto, deixando dúvidas para os pais com essa diferença, em que uma retorna e outra não. Podemos analisar uma questão política, pois para que as aulas públicas voltem, precisam da autorização da prefeitura e do Estado, isso porque, “há uma grande dependência das escolas da rede pública com as secretarias de educação e os governos dos estados, tornando as decisões e as adaptações ao cenário vivido morosas” (TEIXEIRA, 2021, p. 128). Há uma relação direta dessa notícia de Rodrigues e Chuva (2021) com as lives de retorno às aulas presenciais, isto é, os pais de alunos como também a prefeitura municipal de Campo Grande estavam favoráveis ao retorno, mas os professores ainda não se sentiam preparados para esse retorno presencial, uma vez que “a responsabilidade pela educação dos filhos remete inicialmente à família e, neste contexto, a escola predispõe a um ambiente de ensino-aprendizagem (LUNARDI *et al.*, 2021, p. 15).

De um lado, descontentamento dos professores com a decisão do retorno das aulas através das *lives*, do outro o descontentamento dos pais com a opinião do professores, afinal,

em um estudo de Silva *et al.* (2021), “80% dos(as) professores(as) não estavam satisfeitos(as) com o trabalho docente. Essa “não satisfação” apresenta relação com a intensificação da pandemia” (SILVA *et al.*, 2021, p. 6127)

Ao questionarem o porquê da rede privada voltar e a pública não, percebemos na notícia o descontentamento com o comentário: “Porque o pessoal que trabalha no setor privado, se não trabalha não recebe, no público eles recebem do mesmo jeito” (RODRIGUES; CHUVA, 2021), e em um live do canal do YouTube temos o descontentamento expresso no seguinte comentário: “[...] O importante seria atender as necessidades do retorno e as angústias das professoras e professores [...]” (REFLEXÕES PEDAGÓGICAS ON-LINE, 2021).

Paralelamente, sobre o retorno, a preocupação do contágio fez com que um professor denunciasse a contaminação do vírus após o retorno das aulas, presentes na notícia de Portela (2021), por sua vez, essa situação dialoga quando Cipriani, Moreira e Carius (2021) dizem que a suspensão das aulas presenciais desencadeou nos professores uma série de pensamentos, sentimentos e atitudes, tais como depressão e preocupação/adaptação à situação. Sendo discutida também a depressão no trabalho de Freitas *et al.* (2021) quando eles concluíram que a prevalência de depressão na pandemia foi elevada.

Sua preocupação aparece centralizada na preservação da saúde, mas ainda assim gerou descontentamentos, pois comentários surgiram e, pelo visto, entenderam curricular mente através do conteúdo que o docente começou inventar para que não voltasse trabalhar: “Esses professores querem ficar casa fica inventando que pegou escola vai trabalhar bando desocupado que moleza” (PORTELA, 2021); “É lógico que os professores iriam falar isto, ficar em casa ganhando é bem melhor” (PORTELA, 2021). De acordo com a notícia de Portela (2021) a denúncia do professor relatava que estavam percebendo o aumento dos casos de contaminação, e que somente em duas semanas de retorno seis pessoas já testaram positivo.

Podemos perceber aspecto curricular de conteúdo político, quando em na notícia de Portela (2021) temos o seguinte comentário: “O Presidente tem que cortar os salários desses professores que não querem dar aula presencial aí quero ver. #Chega de ficar em casa Professores. A vida tem que voltar ao normal.” Essas questões políticas se mostraram presentes no conteúdo dos espaços virtuais analisadas, uma vez que o ex. presidente da República atacou professores em uma live, alegando que os mesmos não queriam trabalhar.

Esse ataque do ex-presidente contra os professores aparece desde o título da referida notícia, até o conteúdo presente nela. De acordo com a notícia de Alves (2020), o ex-presidente alegou que para os professores está bom ficar em casa, por dois motivos: primeiro, eles ficam

em casa e não trabalha; segundo a garotada não aprenda mais coisas, não se instruem. Ao mesmo tempo, evidencio aqui quando Marques e Tavares (2020) fazem uma crítica à privatização do ensino, isso porque governos idealizavam essa possibilidade, pois “propõe uma reflexão que considera que a imposição do ensino remoto, no contexto de pandemia, propicia o desenvolvimento da ideia de privatização da educação defendida pelo Governo Federal” (MARQUES; TAVARES, 2020, p. 03)

Esses aspectos políticos foram encontrados nos conteúdos das notícias dos jornais do facebook e na interação dos leitores que comentavam as notícias, por exemplo, em “Esses ‘professores’ querem mesmo é ficar nas costas do governo sem precisar dar a contrapartida em sala de aula... se depender dos tais, essa história de pandemia só fez um intervalo para eles militarem nas eleições e cair na farra no carnaval, após, #fiqueemcasa com força” (FLORES, 2020). Nela, produzem maneiras de pensar um aspecto curricular pelo qual o docente está sendo amparado pelo governo, mesmo quando estão trabalhando em casa, isso faz com que as informações recebidas que circulam nas redes a partir de suas narrativas é um modo de pensar que o professor está recebendo sem trabalhar às custas do governo.

Além desse exemplo claro de defesa ao governo e ataque aos professores através dos comentários citados, o ex-presidente da república não se absteve nas palavras para fazer ataques aos professores do país, com isso, seus apoiadores defenderam a fala do ex-presidente alegando uma legitimidade e desqualificando o trabalho dos professores, pois a partir das páginas de jornais do Facebook, os comentários se entrelaçavam ao que estou chamando aqui de currículo de conteúdo político: “A maioria dos professores são de esquerda então... Mais uma vez #Bolsonarotemrazão, se podem ir para vários lugares, para aula também oras bolas.” (ALVES, 2020) Outro exemplo desse currículo se deu no seguinte comentário: “E assim a ideia socialista comunista fique em casa fique na miséria pros comunistas quanto mais pobre melhor o povo ficará à mercê do comunismo” (ALVES, 2020).

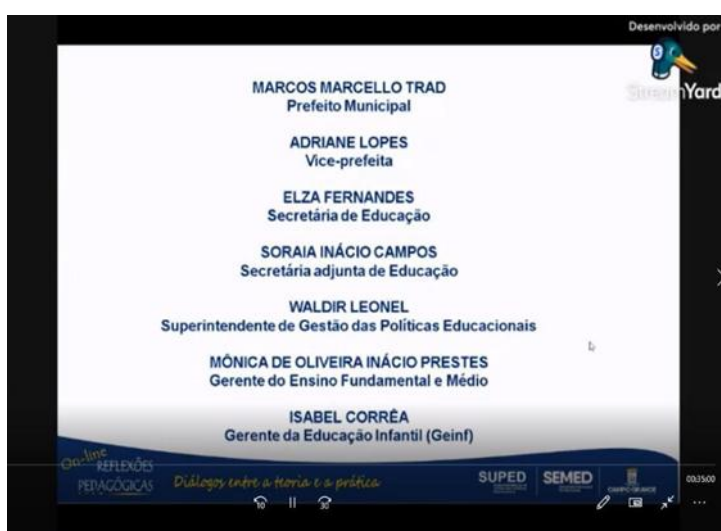
Pode-se dizer que essas aparições políticas dentro de um contexto social que estava em um momento atípico, ou seja, em uma pandemia, ensinou diferentes maneiras de entender os processos pelas quais as notícias perpassavam, quer dizer, foi notório identificar, tanto no Facebook quando YouTube a presença de autoridades de esfera pública e privada, todas com notícias e *lives* que retratavam sobre a profissão professor, em sua grande maioria com retratação de ataques ao trabalho que ele exerce.

Sobre a presença de autoridades, ao ler a notícia de Alves (2020), que tratava sobre uma *live*, fui atrás dela para analisar a fala do ex-presidente, autoridade política, que atacou os

professores. A *live* com duração de 40 minutos e 03 segundos tratava de vários aspectos de enfrentamento à pandemia da Covid-19. Aproveitando suas críticas presentes na *live*, o ex. presidente acabou emendando ataque aos professores dizendo que os sindicatos de educadores são de esquerda radical e defendem o “Fica em Casa” para trabalhar menos e não pelo risco de contágio. No estudo de Carvalho (2021), o autor diz que essas condutas fazem uma pedagogia em que são “operacionalizadas para governar as condutas dos sujeitos por meio da produção, partilha e viralização de práticas e de conteúdos odiosos, destruindo a humanização do outro [...]” (CARVALHO, 2021, p. 04)

Ainda, referindo às autoridades presentes, nas *lives* do canal do YouTube, encontrei nomes nas formações que são da esfera municipal, tal como nome do prefeito, vice prefeita, secretários e gerentes, servidores responsáveis por setores importantes da Educação. Diferentemente do ataque que aconteceu por parte do ex. presidente em *live*, o ataque sentido por parte dos professores não partiu do prefeito ou da vice prefeita do município, apenas seus nomes constavam na formação, isto é, tinha o apoio do governo municipal para o acontecimento do evento conforme mostra imagem abaixo:

Figura 1. Nome de autoridades na roda de conversa



Fonte: Reflexões Pedagógicas On-line (YouTube)

Sobre os currículos que estamos tentando identificar, surgem aspectos curriculares que se referem aos ataques ao trabalho docente, um desses aspectos que podemos perceber a partir do campo é um discurso de cunho sexual a partir de um comentário que envolve questão de gênero e sexualidade: “Os professores e tudo gays só adora a apologia de sexo” (ALVES, 2020).

O comentário estava completamente fora do contexto do conteúdo presente na notícia, pois ela retratava o ataque do ex-presidente aos professores. Em momento algum em sua *live* ele utilizou termos que envolvessem gênero e sexualidade. Achei interessante trazer aqui pois mostra como as pessoas que interagem com a notícia a recebem e de que maneira elas aprendem e interpretam o conteúdo.

Embora o foco não estivesse centralizado nas questões de gênero e sexualidade, elas acabaram aparecendo no campo. Comentário como esse faz com que essas questões de gênero e sexualidade ganhem força nas discussões de currículo. Houve também a pesquisa de Nussle (2021) quando trouxe o gênero feminino como a maioria do professorado brasileiro, tal como a múltipla jornada de trabalho. Também aponta a pesquisa de Ruffato (2021) mencionando que as questões de gênero também apareceram em sua pesquisa como retrato de uma classe profissional composta por 70% de mulheres que vivenciam inúmeras dificuldades enquanto mulheres e professoras. Ademais, também é trazido no estudo de Santos (2020) as diferentes maneiras de impacto na vida das pessoas. Em sua pesquisa, o autor relata que a pandemia aparentemente não reconhece distinções de classe, gênero etc., mas os grupos de comunidade negra, LGBTI+ e mulheres são os que sofreram impactos.

Adiante, outro aspecto curricular que os dados permitem identificar é o negacionismo diante da pandemia. “O Governo Federal assumiu postura negacionista, de modo que estados e municípios foram tomando decisões acerca dos procedimentos a serem adotados no enfrentamento à pandemia” (BARRETO, 2021, p.02). Isso foi possível analisar a partir de um comentário sobre a notícia de Mattos (2020) que falava sobre a prorrogação da suspensão das aulas, surgindo o seguinte comentário na notícia: “Para de frescura e volta tudo ao normal! Não tem pandemia em MS e só baba ovo comissionado e funcionário público preguiçoso que fica com essa palhaçada de ‘fica em casa’. Já deu isso hein!”.

Além do negacionismo apresentado, os ataques não estavam direcionados somente à profissão docente, como também ataques ao funcionalismo público em geral, “Funcionário público não quer trabalhar, tem salário garantido” (RODRIGUES; CHUVA, 2021) e “Funcionário público é um problema. Professor de rede pública então um atraso de vida ao País” (MALDONADO, 2021), considerando que os professores também fazem parte e são funcionários públicos, dialogando quando diz que “as condições de trabalho também foram modificadas, apresentando-nos claramente a face da precarização, não somente para a categoria docente, como para toda a classe trabalhadora” (ROSA, 2021, p. 04). Ainda, esse atraso relatado no comentário podemos concordar quando Lima (2018) diz que de fato, o professor

responsabilizado pelo fracasso das escolas públicas.

Dito isso, em que o negacionismo acima apresentado esteve presente nos comentários das notícias de jornais do Facebook, as *lives* do YouTube, ao serem analisadas, e que tratei aqui posteriormente demonstram uma sensação de que o negacionismo também se apresentava, ainda que de maneira muito discreta, pois percebi não através dos comentários de quem estava interagindo, mas das próprias pessoas que estavam palestrando. Essa análise me remete a um modo de ensinar determinado currículo, pensando nisso, tratei ela mais detalhadamente ao discutir a pedagogia cultural e o modo que ela está ensinada.

Outro ponto que foi marcante no campo foi a presença do discurso de ódio contra os professores, narrativas com inúmeros comentários ofensivos. A forma com que a notícia chegava até as pessoas e ensinava algo a elas acarretavam nesses discursos violentos contra a classe professoral. A representação do trabalho docente nesse momento de análise esteve pautada em um conteúdo que ensina as pessoas a pesarem a agirem contra o professor: “Professores preguiçosos salário caiu na conta trabalhando ou não” (RODRIGUES; CHUVA, 2021) ou ainda “Exonera esses pilantra folgado, oh pega eles curtindo praia passeio, se divertindo, surra eles...” (PORTELA, 2021). Como diz Freire, Rodrigues e Urt (2020) o que se percebe é que o momento atual, isto é, época da pandemia, despontou uma crescente desvalorização deste profissional e uma enxurrada de críticas indevidas pelos mais diversos motivos.

Ao pensar sobre esse conteúdo curricular, circularam certos ensinamentos através dos comentários que, mesmo em ensino remoto, o professor não trabalhou e continuou recebendo salário, conforme o seguinte comentário: “Receber sem trabalhar todo mundo quer.” (CHUVA; GAMARRA, 2021). Além desse comentário que ataca o professor, há também de se considerar que no ensino remoto “a necessidade de gravarem aulas que podem ser expostas na internet também traz risco de serem alvo de críticas públicas fora do contexto de sala de aula (MILLIET, 2022, p. 151).

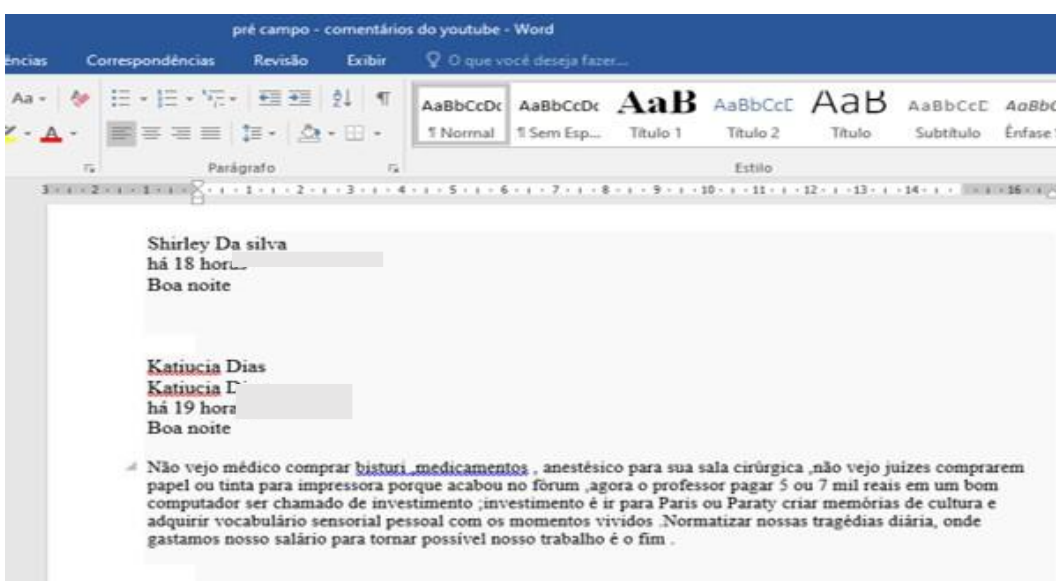
Houve também a ausência do direito do professor a partir da notícia de Morel (2021) quando relatou que trabalho aumentou e o salário diminuiu, essa notícia que apresentava as dificuldades dos professores não foram suficientes para que os ataques não acontecessem, pois isso se confirma com os seguintes comentários: “Aumentou onde? Se agora que não fazem nada”, como também “Só sabem reclamar aff invés de agradecer que tem um emprego” (MOREL, 2021) e “obriga ninguém a ser professor, vontade própria mesmo sabemos dos salários e da faltade reconhecimento!!” (MOREL, 2021). Isso dialoga com a seguinte

afirmativa de que “o professor é incluído para ser criticado, responsabilizado pelas mazelas da educação, e é excluído pelo discurso que o desqualifica e desmoraliza.” (CARMAGNANI, 2009, p. 500). Sendo assim, “com a redução de investimentos dos entes federativos nos direitos sociais, a educação escolar pública e seus profissionais ficaram mais à mercê [...] de ataques ideológicos [...]” (SILVA, MENDES, 20221 p. 03)

Pensando sobre o aspecto de ausência de direitos, no canal do YouTube foi possível perceber um silenciamento, isso ocorreu quando alguns comentários de professores que não estavam de acordo com as *lives* foram apagados, aqueles que não eram convenientes para os organizadores do ciclo de formação eram excluídos, silenciando os professores e seu direito de expressar-se.

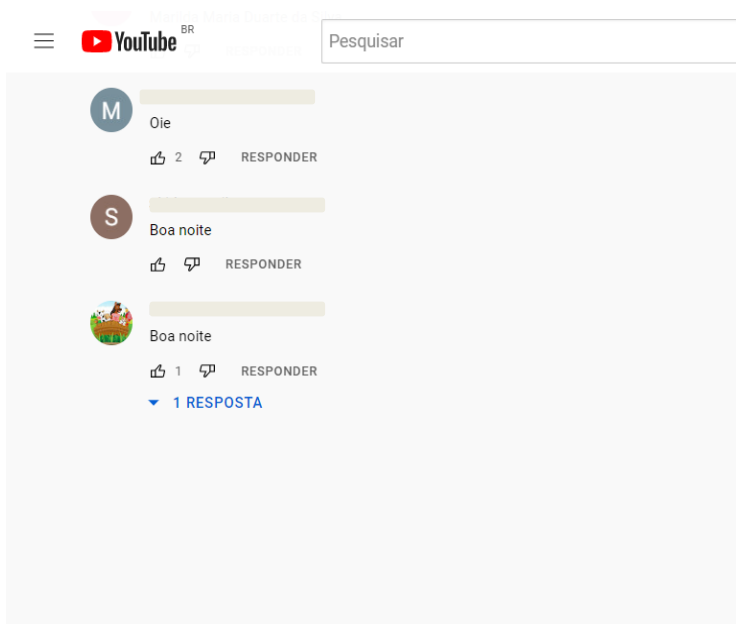
Conforme explicado anteriormente, ao analisar os vídeos do canal do Youtube e salvar os comentários, ao retornar, percebi que alguns deles já não constavam no canal, mas estavam salvos em meu arquivo pessoal de campo. Conforme as imagens abaixo, a primeira se refere a meu arquivo pessoal, ou seja, os comentários que salvei; a segunda imagem se refere aos comentários presentes no canal do YouTube. É possível notar, na sequência dos comentários, que o último comentário que está salvo em meu arquivo pessoal não aparece mais nos comentários do canal do Youtube.

Figura 2. Print de Arquivo Pessoal



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 3. Print de comentários da Página do YouTube



Fonte: Reflexões Pedagógicas On-line (YouTube)

Sobre o silenciamento por parte dos responsáveis do canal, os professores persistiram e deixaram o seguinte comentário: “é uma pena que cancelaram os comentários do vídeo da manhã- as 08h00, mas vamos lá! O pessoal da SEMED está abordando temas relacionados a prática pedagógica: avaliações, função da escola, aprendizado etc. o que já temos nas formações e quase consenso entre os/as docentes. O importante seria atender as necessidades do retorno e as angústias das professoras e professores já postas ontem através das perguntas!” (REFLEXÕES PEDAGÓGICAS ON-LINE, 2021). Atender às necessidades relatada no comentário é compreender que na teoria das *lives* há uma certa facilidade do retorno às aulas, dialogando com Jesus (2011) quando relatou que a simplificação do trabalho do professor segue em via contrária ao que realmente vem acontecendo.







O canal além de silenciar os professores, não se comprometeu em sanar às dúvidas em relação ao tema abordado no dia da *live*, ainda o comentário “Vamos lá, espero que hoje não desativem os comentários, fica feio para uma secretaria de educação não conceber o contraditório [...]” (REFLEXÕES PEDAGÓGICAS ON-LINE, 2021) reafirma o silenciamento dos comentários desses docentes.

Esses artefatos ensinam as pessoas, e a partir desses ensinamentos surgem as ações e os modos de pensar, as notícias, a pandemia, os discursos apresentados e os conteúdos que eles criaram mostraram uma representação do quanto o trabalho do professor foi atacado, além da disseminação de ódio e violência contra essa classe, denotando a ideia de que professor não

trabalhou durante a pandemia da Covid-19, sendo “uma ação que questiona e denuncia os discursos que constroem identidades cada vez mais negativas sobre o professor e sua relação com a escola, excluindo-o de vários modos” (CARMAGNANI, 2009 p. 508). Essa ação que questiona e denuncia os discursos são o agir das pessoas em relação ao conteúdo que elas acessaram, conforme mostraram os comentários das notícias.

Uma outra possibilidade de produção curricular que o campo ofereceu foi a presença dos emojis em alguns comentários, conforme o quadro abaixo:

Quadro 6. Emojis

Emojis	Significado	Fonte	
1		Pode mostrar uma pessoa refletindo, pensando ou desconfiando de algo, além de tom iônico.	Coelho (2022)
2		O emoji com os olhos virados para cima é perfeito para indicar desprezo, impaciência, desdém, ou até irritação com algo.	Coelho (2022)
3		É para aquelas mensagens ou momentos que te fazem gargalhar!	Coelho (2022)
4		A carinha com tarja preta na boca, representa xingamento.	Coelho (2022)
5		Indica um “ok” ou um sinal de aprovação / dinamite, explosivo / colisão / Bandeira do Brasil	Coelho (2022)
6		As carinhas zangadas podem transmitir graus mais intensos de raiva	Coelho (2022)

Os emojis apareceram em alguns comentários após ter algo escrito, os dados selecionados não continham apenas a presença de emojis, estavam sempre acompanhados de frases contendo comentários sobre determinado conteúdo da notícia das páginas de jornal. Já os comentários do canal do YouTube não tinham a presença de emojis. Os emojis têm significados reais que não precisam ser escritos, apenas com eles conseguimos decifrar e entender sua finalidade, para Duarte (2021) é necessário pensar sobre as condições sociais e os efeitos das imagens e seus modos de distribuição. Neste caso, as imagens estão se referindo aos emojis.

Pensando em um currículo que ensina algo às pessoas, os emojis também apresentam uma possibilidade de interpretação, isto é, eles têm uma finalidade dentro dos comentários.

Consecutivamente, podemos perceber que o primeiro emoji da tabela demonstra uma expressão de pensamento, de reflexão; ele estava acompanhado do seguinte comentário: “É

uma piada isso...na altura do ano...com poucos conteúdos dados...os pais tbm vão poder pedir férias?😞😞😞😞”. A pessoa que comentou teve um tom de ironia sobre o conteúdo textual que trazia a notícia (ZURUTUZA, 2020).

O emoji 2 contém outra expressão; ao “revirar” os olhos a pessoa que comentou pode apresentar um sentimento de desprezo, ou até mesmo evidencia um sarcasmo: “E depois farão “o quê”??? 😞😞” (ZURUTUZA, 2020).

O emoji 3 esteve presente no seguinte comentário: “Se os professores estão desgastados, imagine os pais que estão ensinando os filhos em casa sem ter uma faculdade ou preparo p isso, os pais q precisam d férias 😂😂😂”. (CHIANEZI, 2020). Ele demonstra que o conteúdo que chegou até a pessoa fez com que ela achasse engraçado. Além disso, a pessoa usa dessa figura para também ironizar o papel do professor que, no seu entendimento, não está sendo exercido por eles, mas sim pelos responsáveis dos estudantes.

Os emojis 4 e 7, embora sejam figuras diferentes, podem significar a mesma coisa. Elas denotam a sensação de insatisfação, raiva, xingamentos. Os comentários foram: “Brigar por aumento de salário eles sabem, voltar a sala de aula não querem, enquanto isso quem está dando aula são os pais, sem formação e nem capacitação pra isso, e ainda sob ameaça de ser denunciado ao conselho tutelar... Bora adaptar as salas de aula e voltar ao batente sim... 😞” (MOREL, 2020) e “Que vão fazer agora? Greve virtual?? Aaaaah, façam-me o favor 🤡🤡🤡🤡” (CAMPOS, 2021). Em especial, no emoji 4 percebemos que a boca da figura é substituída por alguns letreros, isso significa que a pessoa está xingando, não sabemos quais palavras ela usa, pois não escreveu, apenas colocou a figura.

Já o emoji 6 fez uma mistura, para isso vamos rever o comentário: “O problema das pessoas é que ninguém sabe ouvir um não. Geração Nutella e mimimi né 🇧🇷🔪🔥” (FRIAS, 2021). A notícia de Frias (2021) falava sobre a decisão do governo municipal em não contratar uma professora por ser obesa e diabética, isto é, o ataque partir do lado político e por uma pessoa que interage com a notícia. O emoji “ok” 🇧🇷 afirma a concordância do comentarista

sobre o que foi noticiado; a bomba o estouro 🔥; e a bandeira do Brasil 🇧🇷 possivelmente, apresenta uma característica política, isso porque durante o governo 2018-2022 o uso da bandeira do país, entre outros elementos, se tornou corriqueiro como um símbolo político de apoio ao ex-presidente, além do termo “mimimi” surgir, durante esse período, algo pejorativo para se referir a pautas ligadas aos direitos humanos de minorias políticas.

5.2 Da Pedagogia

Como a educação das pessoas não ocorre somente dentro da escola, quando se fala em pedagogia não podemos nos referir somente a ela, pois em outros espaços também é possível identificar pedagogias. Nesse sentido, o campo das mídias digitais também é um espaço em que circula um currículo, e se torna necessário compreender o modo que se está ensinando. Se há a presença desse currículo, possivelmente haverá também um repertório cultural que produzirá uma pedagogia, afinal o currículo e a pedagogia estão intrinsecamente ligados embora não haja um conceito unificado para ambos os termos.

A produção de cultura em qualquer espaço apresenta enormes possibilidades de investigação, por isso “a cultura precisa ser estudada e compreendida tendo-se em conta a enorme expansão de tudo o que está associado a ela, e o papel constitutivo que assumiu em todos os aspectos da vida social” (COSTA; SILVEIRA; SOMER, 2003, p.38).

Há modos de se pensar a educação, a pedagogia e a cultura, pois são atuantes em nossas vidas cotidianamente, mas não seguem um padrão e não se estabelecem da mesma forma, havendo hierarquia ou não na sua produção através da relação de sujeitos. Bortolazzo (2020) define que:

Pedagogia Cultural não é simplesmente uma nova expressão que conecta pedagogia e cultura, mas reitera uma importância significativa conferida às questões culturais no campo pedagógico. Denominar uma “pedagogia” como “cultural” vai além da justificativa teórica, já que é constitutiva de saberes e produz conhecimentos sobre os sujeitos. É um conceito construído a partir de diferentes campos do conhecimento que foram legitimando as relações da pedagogia com as práticas culturais cotidianas (2020, p. 316).

Conforme disse o autor, a pedagogia cultural não é somente uma junção entre pedagogia e cultura, mas que ao se juntarem somam potencialidades a partir dos conhecimentos adquiridos e determina as maneiras que as pessoas estão aprendendo a partir dos fenômenos que produzem cultura, isto é, a pedagogia é a forma com que os conhecimentos estão sendo produzidos pelas pessoas a partir de uma cultura presente na sociedade.

Sabemos que historicamente e culturalmente o trabalho docente passou por críticas, desafios e resistências, afinal, a defesa de Miranda (2021) nos faz refletir que a docência representa muito mais do que uma profissão, trata-se de uma missão de vida, apesar das dificuldades encontradas. Com isso, os dados mostram que a pedagogia presente na mídia

digital por parte dos artefatos jornalísticos deu continuidade a essas críticas que já eram feitas antes da pandemia. Para Pinho *et al.*, “a precarização do trabalho docente não é nova, mas parece se intensificar nos novos contextos” (2021, p.03).

Um exemplo dessa pedagogia presente nas mídias digitais está na notícia de Morel (2021), quando informa que os professores da rede privada não tiveram reajuste no ano de 2021, e que uma grande porcentagem alegou que o salário diminuiu, mesmo com o aumento da carga horária em trabalho remoto, isso dialoga com a afirmativa de que “a pandemia gerou, para a maioria dos profissionais, sobrecarga de trabalho e desgaste emocional em relação às cobranças de todas as partes diante da reponsabilidade de, nem sempre, alcançar as crianças da forma desejada” (FANTIN; SANTOS, 2021, p. 01). A questão salarial sempre foi uma luta pelos professores, essa alegação de falta de reajuste não surgiu somente na pandemia, antes dela já havia essa situação que desqualifica o trabalho profissional dos professores, que de acordo com os estudos de Castro e Alonso (2021) os docentes relataram situações de excesso de trabalho sem o mínimo de reajuste, como exemplo desse excesso “durante a pandemia, professore(a)s respondem e-mails e mensagens de WhatsApp em diversos horários, inclusive, além da carga horário de trabalho contratada” (SOUZA *et al.*, 2022, p. 06).

As continuidades que se deram durante a pandemia em relação a ataques ao trabalho docente também estão presentes na notícia de Portela (2021). Nela relata-se que docentes do Ensino Superior ameaçam greve contra o retorno das aulas presenciais. Vale a pena evidenciar que as greves ocorrem após idas e vindas de negociações que não obtiveram sucesso ou acordo. Desse modo, podemos dizer que a última alternativa para que os professores adquiram aquilo que estão solicitando é a greve. Não somente a educação básica passou por esses momentos de dificuldade, como também o ensino superior, pois “o impacto da pandemia da COVID-19 modificou os modos de aprender e ensinar já que foi estabelecido um novo modelo de ensino, denominado remoto que foi incorporado por todos os níveis de ensino, inclusive o Ensino Superior” (LOPES, 2021, p. 04).

Infelizmente, quando as greves ocorrem, inúmeros ataques surgem, como os seguintes comentários: “Já não gostam de trabalhar, vive de greve, agora com a pandemia essa sempre vai ser a desculpa.” (PORTELA, 2021) e “Já eram contra antes da pandemia...viviavam fazendo grevezinha aqui é ali o tempo todo... educação é refém deles há muito tempo!” (MOREL, 2020). Sobre o último comentário, o trecho “[...] educação é refém deles [...]”, a palavra “deles” se refere aos sindicatos quando os professores decidem fazer greve.

Em termos conceituais não podemos esquecer do conceito isolado de pedagogia, cultura

e educação, embora sua junção se extrapole para além de limites imagináveis, os termos também se engendram no plural, pois não há somente uma pedagogia, uma cultura e uma educação. Nesse sentido, a pedagogia também pluralizou os campos de sua atuação (BORTOLAZZO, 2020).

A partir dessa afirmativa de Bortolazzo (2020), encontramos nas páginas de jornais do Facebook a notícia de Rodrigues e Chuva (2021) informando sobre um grupo que questionava o porquê de não retornar as aulas do ensino público. Existe um aspecto pedagógico aqui quando essa notícia diz que, enquanto as aulas das redes municipais e estaduais seguem à distância, a rede particular estava liberada para seguir as aulas com 50% da capacidade de estudantes. Com isso, surgem os questionamentos em tentar justificar o porquê o tratamento é diferenciado entre as redes por parte do Poder Público, com isso, de acordo com alguns autores, “a reabertura das escolas é uma missão complexa, pois requer a adequação ao novo padrão de comportamento em que a prioridade é salvaguardar vidas” (SILVA; OLIVEIRA; FERREIRA, 2021, p. 03)

A diferenciação de tratamento entre as redes também fez com que ocorressem ataques aos professores, porém, algo muito interessante aconteceu. Nessa notícia houve um comentário que compreende o professor da rede privada, mas na mesma notícia também houve um comentário de ataque ao funcionalismo público: “Pq as particulares não têm funcionário público q gosta de ganhar sem trabalhar e esse o motivo de tanto mimimi, acaba com o funcionalismo público e privatiza tudo para ver como muda” (RODRIGUES; CHUVA, 2021).

Não somente ocorreu diferenciação do retorno das aulas, como também ocorreu comentários opostos, em defesa e ataque entre a esfera privada e pública, isto é, defende funcionário de uma instituição e ataca o de outra. Isso ocorreu a partir do seguinte comentário: “Vagabundos! Professores das escolhas particulares, esses sim são pessoas decentes que não gostam de ganhar sem trabalho” (CAMPOS, 2021), ou seja, os “vagabundos” são os professores das escolas públicas.

Bortolazzo (2020) diz que pensar pedagogicamente a cultura não está tão ligada a territórios, tradições ou classes sociais, mas estão mais interligadas aos produtos materiais, artefatos midiáticos práticas e situações de cada sociedade. A partir disso, a pedagogia cultural por parte dos artefatos midiáticos aqui analisados nos traz formas de entender o processo em que a pedagogia acontece e de que maneira a cultura se propaga. Teruya (2009, p. 151) diz que:

Os recursos midiáticos possibilitam as novas formas de ver, de ler, de escrever e de entrar em contato com outro universo cultural, mas também sufocam a nossa inteligência com o excesso de informações que contribuem para fragilizar a nossa capacidade de conceituar, de pensar e de estabelecer relações dialéticas para compreensão da realidade social.

A pedagogia cultural presente nas mídias digitais está envolvida em um processo que ensina, produz identidades, representações e posicionamentos sociais, ela se mostra presente nos processos formativos pela sua facilidade de acesso. A busca desses recursos midiáticos para a informação tem se intensificado por sua facilidade de acesso, uma vez que não precisam se deslocar para que acessem os conteúdos presentes na mídia. A maneira pela qual as informações são postas ao leitor agem como instrumento pedagógico para produção de cultura, para Wagner e Sommer:

A noção de pedagogia cultural possibilita considerar como educativos a mídia impressa, programas de televisão, filmes, desenhos animados, museus, publicidade...Educativos porque nos ensinam determinadas formas de ser, de se ver, de pensar e agir sobre as coisas e sobre os outros. Educativos porque tais produções e artefatos culturais, ao colocarem em circulação determinadas representações (seja de que natureza for), vão se constituindo como materiais a partir dos quais as crianças, jovens e adultos vão construindo suas identidades de classe, de gênero, de sexualidade, de etnia (2007, p. 02).

De acordo com essa citação de Wagner e Sommer (2007), que aponta a mídia como educativa, isto é, que colocam em circulação determinadas representações, podemos pensar um aspecto da pedagogia cultural que se mostrou presente no canal do Youtube. As recomendações dos órgãos de Saúde orientavam o uso de máscara e o distanciamento social, mas em uma das *lives* apresentadas no canal do YouTube faziam totalmente ao contrário, por isso, Neves (2021) defende que é necessário um retorno às atividades presenciais de forma segura para toda a comunidade escolar, isto é, com todo aparato oferecido aos servidores, além de vacina.

Diante das *lives* presentes no canal “Reflexões Pedagógicas On-line” houve três palestrantes, cada uma em tempo diferente de discussão, juntamente com as demais pessoas presentes, que estavam em uma sala de aula fechada, sem o distanciamento recomendado. A palestrante estava sem o uso de máscara. Isso pode ser observado nas *lives*. Por exemplo, em um determinado momento, uma palestrante estava palestrando com microfone na mão, sem máscara, em uma sala de aula que continha uma mesa com livros. Sobre eles havia balões, sendo quatro balões com letreiro escrito “vida”. Em outro momento, estavam nessa mesma sala de aula, uma palestrante e quatro mulheres sentadas, com um espaço entre elas de uma cadeira que não chegava a um metro e meio, desrespeitando a distância recomendada. Mas

todas de máscara, exceto a palestrante em questão. Por fim, em outro momento observado, havia seis mulheres e uma palestrante, também sem o uso de máscara. Todas de pé sem o devido distanciamento, fazendo atividades laborais, como alongamento. Era um momento de distração da formação para as pessoas que estavam ali presentes, mas fora dos parâmetros sanitários exigidos para quem assistia aos vídeos.

Com isso, podemos pensar em um modo pedagógico que está sendo ensinado, uma vez que a área da Saúde orienta uma coisa a se fazer no período pandêmico (uso de máscaras e distanciamento social, principalmente em lugares fechados), mas ensinam o contrário com as atitudes presentes no canal. É possível afirmar isso não apenas com a análise do vídeo, mas também verificando um comentário de um professor que dizia:

Estamos vendo como a Semed está preocupada com a vida, sala fechada com a senhora no microfone sem máscara. Formações presenciais com professores, coordenadores e diretores de máscaras baixadas. Vidas são mais importantes do que qualquer outra coisa. Respeitem o colega ao lado, valorizem a vida! (REFLEXÕES PEDAGÓGICAS ON-LINE, 2021).

O ocorrido é um aspecto de pedagogia cultural que não está praticando o que dizem que temos que praticar, isto é, o modo pela qual ensinam não é coerente com o conteúdo que estão ensinando. Em detrimento dessas ações percebidas na *live*, podemos evidenciar também as orientações vindas do Estado, mas o mesmo não fornece subsídio para aquilo que está sendo solicitado, Brum (2022) menciona que os docentes precisaram adequar o domicílio para executar o trabalho, sem auxílio algum de políticas públicas, além de “se reinventar e reorganizar suas práticas pedagógicas fazendo o uso de ferramentas digitais, até então, desconhecidas” (BEZERRA, 2022, p. 34). Delmondes reluz que:

Se por um lado, as escolas continuam sendo preparadas para receber e acolher alunos e profissionais, o que daria condições para a realização presencial de uma pesquisa com os cotidianos escolares, por outro, os discursos e imagens de governantes enunciam o não uso ou a utilização errônea das máscaras, as aglomerações e o descaso com o isolamento social. (2021, p.02)

As pedagogias culturais demonstram o quão rico são os modos com que as pedagogias se unem às práticas culturais e que essas práticas conduzem os sujeitos que através de suas manifestações vão constituindo identidades e representações pluralizadas que são passíveis de transformações. Para Costa e Andrade (2015, p. 851)

ao representar determinados tipos de sujeito ou determinados comportamentos, atribuindo-lhe um conjunto de significados, os artefatos midiáticos criam padrões, modos desejáveis que educam e produzem sujeitos constituídos segundo seus preceitos.

Dialogando com Costa e Andrade (2015), quando mencionam sobre a representação de determinados sujeitos, a pedagogia cultural presente nos artefatos midiáticos utilizados nessa pesquisa desenha essa relação quando um dos comentários no canal representa como um estudante de licenciatura, e inclusive os que já formados é visto por alguém que não cursa licenciatura. Diz ele: “Pra ser professor basta fazer um cursinho por correspondência e pronto. Estudar estou estudando sim estou no quinto ano do curso de DIREITO posso até ser um funcionário público um dia, mas não serei covarde como a maioria que existe hoje” (PORTELA, 2021).

Com o comentário acima, percebemos um aspecto da pedagogia cultural que apresenta ataques explícitos e que coloca em hierarquia os cursos de ensino superior, isso ocorre quando o comentarista coloca em caixa alta o seu curso de “DIREITO”. Esse aspecto acontece na forma com que a palavra foi escrita, como se estivesse colocando as licenciaturas abaixo e o Direito em destaque, e ainda defere ataque a funcionários públicos.

Os discursos que envolvem política apresentam aspectos da pedagogia cultural no comentário: “Professores adoram uma greve. E só falar de volta a trabalhar que eles ficam bravo kkk maioria dos professores tem ideologias são que nem petista que gosta de fica sem trabalhar e viver nas custa do governo. Quero vê se esse professores fossem autônomos e com família pra sustentar” (MAGALHÃES, 2021).

Tal comentário envolve uma questão política ao citar que professores são adeptos a ideologias de um determinado partido.

Ainda nesse mesmo rumo de discussão, o comentário a seguir também possui um aspecto político, pois: “E assim a ideia socialista comunista fique em casa fique na miséria pró comunistas quanto mais pobre melhor, o povo ficará à mercê do comunismo” (ALBUQUERQUE, 2020). Comentários esses que, no meu entendimento, são considerados ataques ao trabalho docente, envolvendo a profissão com aspectos políticos ideológicos.

Os artefatos a qual aqui utilizo são possibilidades de estudo que apresentam um currículo e uma pedagogia, pois é encontrado uma rede de conexão de múltiplas pessoas que interagem offline juntamente com o conteúdo do artefato. Essa interação ocorre nas notícias das páginas de jornais do Facebook quando as pessoas comentam, curtem e/ou compartilham, e no YouTube quando as pessoas acessam e comentam as *lives* em tempo real.

Podemos arriscar aqui dizer que culturalmente falando do papel docente, ele tem construído uma identidade e uma representação de importância, mas que ainda assim passa por diversas transformações e dificuldades em que a desvalorização cada vez mais se intensifica e que durante a pandemia o professor não trabalhou, para Figueiredo e Bonini (2017) a representação do professor se propõe como um professor perdedor, coitado, pobre, com baixo status social, alguém que exerce seu ofício quase sempre em condições precárias de trabalho.

É interessante aqui criar uma expressão para tratar desse pensamento social de representação que o docente passou durante o período pandêmico, sendo assim irei chamar de o “não trabalho”, como um modo curricular pedagógico de atacar o professor, pois Freire; Rodrigues e Urt (2020, p. 02) dizem que “o que se percebe também é que o momento atual despontou uma crescente desvalorização deste profissional e uma enxurrada de críticas indevidas pelos mais diversos”.

Essa nova forma de pensar e agir sobre o “não trabalho” do professor não estava somente presente nos comentários das notícias jornalísticas e das *lives* do canal do YouTube, mas também no título delas e no corpo textual. Irei demonstrar alguns títulos de notícias jornalísticas que me ajudaram a pensar nesse termo que aqui utilizo.

A notícia “Alunos e professores da rede estadual terão ‘Semana do Saco Cheio’ fora de época” (ZURUTUZA, 2020) contava com um subtítulo ‘Mini férias’ de 31 de agosto a 7 de setembro, foi anunciada pela secretária estadual de Educação em transmissão ao vivo”. O subtítulo nos leva a pensar de que maneira as pessoas recebem essa informação. A pessoa já está com um conhecimento e uma opinião sobre o docente na pandemia, e ao ler esse tipo de notícia gera ataque ao trabalho docente. Situação como essa dialoga com Costa (2021) quando foi possível identificar em seu estudo que as professoras se confrontavam com diversas vozes sociais que circundavam o trabalho docente.

Ao comentarem “Mais férias!!! Melhor encerrar o ano que disque e letivo logo para descansar bem” (ZURUTUZA, 2020) podemos dizer que hipoteticamente o professor só teve férias e não cumpriu com o seu dever. Também sobre o comentário “Bora trabalhar cambada” (ZURUTUZA, 2020), nos indagamos: o que leva as pessoas pensarem que professor não trabalhou na pandemia? Isso está justamente ligado ao currículo que foi instituído, pois o que aprendem é o que chamamos de processo curricular e a maneira que aprendem é a pedagogia cultural.

O comentário “Se trabalha presencial reclama, se trabalha remotamente reclama, a verdade é que querem ganhar sem trabalhar” (CAMPOS, 2021), somente reafirma que sujeitos

foram formados culturalmente. Isso indica a maneira que eles veem o trabalho docente: “Tô prá ver uma classe que não quer trabalhar de verdade, mas é fácil, salário integral na conta. Pra que trabalhar de verdade... Não vamos nem falar da eficiência e resultados, pois alguns vão falar que estão trabalhando até +, AFF... Lamentar...” (PORTELA, 2021)

Em todo o processo de busca de pedagogias presentes nas mídias digitais, ao analisar as *lives* e os comentários presentes no canal do YouTube me deparei com algo que não aconteceu nos comentários das notícias dos jornais do Facebook. Houve exclusão de comentários, originando-se um modo de ensinar as pessoas que ao se depararem com críticas e não concordarem, basta “silenciar” essas pessoas apagando seus comentários, tirando o direito delas de se expressarem, que esse ato em si já se configura também como ataque.

O silenciamento das críticas é um aspecto da pedagogia cultural presente nos ataques, pois é uma forma de ataque ao direito de interagir e se posicionar em relação ao conteúdo curricular. Ademais, o trabalho docente na pandemia se deparou, além dos ataques, com uma questão de gastos com materiais didáticos. Sei que as estruturas são precárias e há falta de materiais pedagógicos para que os professores possam trabalhar com mais qualidade, Ferreira (2021) relata que o desamparo docente não é um conceito novo quando se trata da profissão docente nas escolas públicas. Digo isso porque sou professor e leciono. Isso se demonstra quando um professor comenta que:

Não vejo médico comprar bisturi, medicamentos, anestésico para sua sala cirúrgica não vejo juízes comprarem papel ou tinta para impressora porque acabou no fórum, agora o professor pagar 5 ou 7 mil reais em um bom computador ser chamado de investimento; investimento é ir para Paris ou Paraty criar memórias de cultura e adquirir vocabulário sensorial pessoal com os momentos vividos. Normatizar nossas tragédias diárias, onde gastamos nosso salário para tornar possível nosso trabalho é o fim. (REFLEXÕES PEDAGÓGICAS ON-LINE, 2021)

Com o comentário acima, podemos dialogar com Machado; Lobo e Castro (2021, p. 04) quando dizem que “os docentes, em diversos momentos, foram responsabilizados pelas dificuldades encontradas pelos discentes, até as econômicas, como a falta de eletrônicos e acesso à internet para realização das atividades”, como também “os professores foram compelidos a utilizar os meios digitais em suas práticas, vivenciando muitos desafios, incertezas e inseguranças acerca das ações possíveis neste cenário” (WILL, ESPÍNDOLA; CERNY, 2021, p. 01).

O que chama atenção no comentário acima relatado foi a palavra “normatizar”, como se fosse instituído uma norma/regra para que se o professor quisesse lecionar, precisa como norma

gastar para poder trabalhar, comparando sua profissão com a profissão de um médico. É interessante a maneira em que ele explica o comentário, pois ele discorda da palestrante quando diz em uma das *lives* (REFLEXÕES PEDAGÓGICAS ON-LINE, 2021) que o professor precisa investir sempre para que sua aula seja de qualidade, se referindo principalmente à tecnologia, isso porque “com a imposição do isolamento físico de grande parte da população mundial como medida de enfrentamento à pandemia da COVID-19 salientou a necessidade dos usos dos dispositivos e das redes. (CASTRO; SANTOS, 2021, p. 01).

Comumente, professor compra esses equipamentos, pois ele precisa disso para trabalhar, não há como deixar de lado essa necessidade. Conforme diz um professor “[...] difícil trabalhar, tirar do bolso para poder dar mais qualidade em nossas aulas, e ainda ser massacrado pelos pais e nossos políticos. Mas isso, fazemos há muito tempo, juntando dinheiro para comprar lembrancinhas (principalmente em áreas mais pobres com crianças muito carentes), material diferenciado, realizando festas para arrecadar dinheiro para melhorar material e espaço físico da escola, cartazes etc. [...]” (REFLEXÕES PEDAGÓGICAS ON-LINE, 2021). Tal comentário acima corrobora a afirmação de pesquisadores quando dizem que “a pandemia tanto evidenciou as mazelas de nossa sociedade como também ampliou a desigualdade social, fruto do legado neoliberal que, desde sempre, vem romantizando a precarização do trabalho”(CAMIZAO; CONDE; VICTOR, 2021, p. 03).

A precarização do trabalho se encontrou presente a partir do comentário “É um contrassenso falar em valorização da vida quando o essencial está faltando, afinal, “pela sobrecarga de trabalho e pelo sentimento de incapacidade no uso obrigatório dos novos recursos tecnológicos, acabou aumentando ainda mais a frustração frente às políticas de precarização” (GUIMARÃES, 2021, p. 72). É desesperador o nível da falta de respeito pelo servidor, sem EPI, sem respostas” (Reflexões Pedagógicas On-line, 2021), dialogando com o seguinte trecho, “há que se considerar que essa reestruturação do trabalho docente, em circunstâncias de pandemia, aprofundou a intensificação e a precarização das condições de trabalho de professoras e professoras” (SOUZA et al, 2021, p. 05). Menciono isso aqui porque o comentário se mostra como uma crítica, insatisfação de um professor, o docente se sente atacado porque há a possibilidade de retorno às aulas, mesmo faltando o básico para que se sintam mais seguros em sala de aula, o docente faz um apelo quando diz que é “desesperador” e quando fica “sem respostas” por parte de quem os representa, afinal, “tais dificuldades já existiam antes da pandemia, e nesse contexto é visível que o sofrimento e esforços dos professores e alunos foram romantizados, naturalizados endossando o discurso meritocrático”.

(SILVA; ROLIM; CARVALHO, 2021, p. 04). E sobre tudo isso, ainda podemos dizer que “todos os custos relacionados às condições materiais do trabalho e infraestrutura física, como computador, câmera, microfone, impressora, internet, luz elétrica, mobiliário, entre outros, ficaram a cargo dos docentes” (SOUZA *et al.*, 2021, p. 05).

Como dito anteriormente, as pedagogias e os currículos são mutáveis, flexíveis e subjetivos, devemos estar sempre atentos aos modos que as notícias jornalísticas vão criando diferentes aspectos curriculares-pedagógicos dentro de um mesmo conteúdo, em especial ao ataque à professores que acontecem do discreto ao nítido, do conteúdo textual aos comentários. É óbvio que outras classes foram afetadas, mas aqui nesse estudo trouxemos considerações aos docentes, Macedo (2021) relata que a pandemia impactou também as famílias da escola de muitas maneiras, tais como econômicas, sociais e de saúde.

Para Zanchetta (2007) a análise da cultura midiática encontra fôlego, revigorada pelo consumo no mundo globalizado e consequente diversificação dos produtos culturais. É justamente o que a discussão de análise nos faz refletir, o que circula e ensina enquanto currículo, e o modo que se está sendo ensinado enquanto pedagogia cultural.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação tratou dos ataques ao trabalho docente em um período histórico da pandemia da Covid-19, um momento em que muitas áreas foram atingidas, inclusive a Educação. Essa ocasião fez com que professores se deparassem com aulas remotas devido às possibilidades de contágio. Essa nova realidade do trabalho docente causou reações muito diversas, na população em geral, e em setores governamentais. Parte dessas reações dizem respeito a ataques ao trabalho docente. Por isso, seu objetivo geral foi analisar o currículo e pedagogia cultural de parte dos artefatos das mídias digitais que produziram ataques contra o trabalho docente durante a pandemia da Covid-19 em contextos sul-mato-grossenses.

Quando penso sobre aquilo que está sendo produzido e circulado, estou me referindo a um certo conteúdo curricular-pedagógico. Nesse caso, o conteúdo curricular-pedagógico dos artefatos demonstrou estar pautado, em sua grande maioria, na dificuldade que os professores vivenciaram durante a pandemia. As notícias e os vídeos tinham, muito frequentemente, conteúdo específico sobre a realidade do trabalho docente frente a Covid-19. A partir disso, a maneira pela qual as pessoas reagiram a esse conteúdo fez com que houvesse posicionamentos heterogêneos em termos de ataques. Isto é, os ataques ao trabalho docente mostraram diversas faces.

Estive empenhado em pesquisar os processos curriculares-pedagógicos nos artefatos das mídias digitais por meio de etnografia on-line nos ambientes jornalísticos e em um canal do YouTube. Os ambiente jornalísticos são páginas oficiais no Facebook de jornais locais, e o ambiente no YouTube é de um canal educacional governamental. Ao discutir os conteúdos por parte desses artefatos midiáticos, foi possível perceber diferentes manifestações que evidenciavam ataques ao trabalho docente. Atingindo assim o objetivo proposto em termos curricular-pedagógico. Nesse processo, por exemplo, não deixei de perceber as especificidades institucionais e do próprio modo de existir desses dois espaços distintos em relação aos ataques: no Facebook a população apoia a prefeitura e ataca os professores, já no Youtube o professor se defendem dos ataques da prefeitura, sem os ataques da população.

O currículo apresentado no Facebook como no YouTube, primeiramente, caracteriza-se com conteúdo de preocupação com professores e estudantes no ambiente escolar, principalmente quando o foco é o retorno às aulas. Os ataques partem também desse clima de preocupação, não apenas compartilhando desse sentimento, mas reagindo de forma ofensiva diante dele. Esses ataques vão além do professor em si, afinal, as manifestações de

ataques estiveram também abrangendo o funcionalismo público em geral. Isto é, muitas vezes os professores foram atacados por serem funcionários públicos, e, conseqüentemente, sofreram ataques considerando o conteúdo que já circula em relação a discursos desqualificadores sobre as diferenças entre o “setor público” e “setor privado”. Mesmo quando houve denúncias sobre contágio em um retorno de aulas presenciais, os ataques não cessaram, ficou a ideia de que tudo era inventado para que o professor não trabalhasse, mas continuasse recebendo o salário.

Os ataques ao trabalho docente estavam ligados à escola, mas pensamos no currículo e pedagogia cultural nos processos que aconteceram fora dela, ou seja, no artefato das mídias digitais. Não foi necessário ir até a escola para evidenciar os ataques que os professores tiveram, tampouco esses ataques não apareceram somente quando as notícias jornalísticas falavam diretamente sobre o professor. Como foi possível perceber, tivemos notícias jornalísticas que trataram de falas de autoridades ou de sindicatos, e mesmo assim os professores foram atacados com vários discursos desmoralizadores da profissão. Os ataques envolveram, por exemplo, pedagogicamente e curricularmente processos já antigos de desqualificação da profissão, quando comparada com outras, por supostamente bastar fazer um cursinho à distância para ser professor, ou por ser uma categoria que só vive de greve.

Quando a pandemia se instaurou no país, a maior preocupação era a gravidade, o risco de contágio e as pessoas com comorbidades. Dessa maneira, houve a preocupação em relação ao trabalho docente também, porque educação é contato, é encontro entre professor e estudante. Essa preocupação esteve entre os sindicalistas, e entre os próprios professores ao comentarem a *live* no canal analisado. Conforme mencionado, até mesmo pelo poder municipal quando realizou o ciclo de palestra para o retorno das aulas presenciais – buscando considerar a segurança de todos. Mesmo em meio a tanta preocupação, as características dos ataques aos docentes não se isentaram.

As tentativas de defesa, por parte dos professores, ante aos ataques, foram quase nulas. Isso pode ser observado tanto no canal como nos artefatos jornalísticos. No caso dos jornais, a reação dos leitores e o conteúdo curricular, fez com que o espaço dos comentários, aparentemente, ficasse disponíveis apenas para ataques, sem ninguém aparecendo para se defender em meio a tanto discursos ofensivos contra os professores de ódio à classe. Mesmo quando um professor se defendeu, para que tivesse o direito de lecionar mesmo tendo comorbidades, a população apoiou a posição da prefeitura em ter exonerado um professor por essa condição.

As características curriculares-pedagógicas dos ataques foram tão intensas, que até mesmo o presidente da república do período deferiu ataques à profissão docente, dessa maneira o conteúdo político instaurado nas notícias jornalísticas também se mostrou presentes. Parte dos ataques generalizavam os professores como sendo todos de “partido de esquerda”, colocando-os em oposição ao governo. A pedagogia dos ataques envolveu práticas de posicionamentos políticos não apenas antagônicos, mas divididos em extremos, alocando professores genericamente ao campo da esquerda apenas por defenderem o isolamento social ou um retorno para as aulas em segurança.

Outra característica curricular são as marcas de gênero e sexualidade, que se mostraram presentes quando os ataques aconteciam nos comentários dos jornais. Embora o foco não fosse gênero e sexualidade, acabaram surgindo no campo e que me fez refletir ainda mais sobre como o conteúdo curricular dos ataques é caracterizado por diferentes aspectos, nesse caso a pedagogia desmoralizante do trabalho docente vinculou acusatoriamente um suposto desprestígio da homossexualidade a esse conteúdo dos ataques aos docentes.

Outra aspecto currículo-pedagógico dos ataques foi a imposição de um silenciamento aos professores por parte dos responsáveis pelo espaço do canal. Os comentários que não eram bem aceitos pelas pessoas responsáveis pelo ciclo de palestra foram excluídos e deixados sem respostas. Esse silenciamento se mostra como um aspecto não só do conteúdo curricular, mas também da pedagogia cultural encontrada nesse artefato. Inclusive, em termos curriculares pedagógicos, além do silenciamento, há certa conduta ensinada na tela que não condizia com a realidade escolar.

Nem mesmo com a realidade escolar exibida na tela quando do ensinamento aos professores. Se de um lado ensina que deve usar a máscara e a necessidade do distanciamento, mas, ao mesmo tempo, quem ensina está sem máscara e sem a distância orientada, o conteúdo curricular-pedagógico em tela é em si uma forma de atacar o trabalho docente. Afinal, ainda que tenha podido perceber, por parte do governo, a preocupação do retorno das aulas, em contrapartida, quem defendia o retorno não oferecia meios para que a segurança das pessoas fosse prioridade dentro da escola, pois não tinham os EPIs necessários.

Em síntese, o que foi encontrado de curricular-pedagógico no que se refere aos ataques, é que os professores não trabalharam durante a pandemia, recebendo seus salários. Seriam todos esquerdistas e gays. Os ataques foram proferidos por pessoas de diferentes instâncias, inclusive pelo então presidente da república. As tentativas de enfrentamento a esses ataques, acabou acarretando muitos comentários violentos, palavras de baixo calão,

desmoralização e, em um dos casos, exoneração por ter comorbidade. Mesmo em espaço governamental, os artefatos analisados identificavam violentos silenciamentos e ensinamentos de como proceder sem ter os meios para tal.

Esses artefatos ensinaram a mim, enquanto professor que trabalhou durante o período pandêmico, o quanto esse momento foi turbulento para a área da Educação e para a imagem dos professores, produzindo compreensões de sujeitos, isto é, trabalhadores moralmente desqualificados e, ao mesmo tempo, privilegiados por não precisarem trabalhar. Ainda, esse processo de pesquisa me trouxe a novidade de que estudar Educação não precisa, necessariamente, etnografar o espaço físico escolar. Fora da escola, mas nas redes sociais, nos espaços virtuais, também podemos encontrar meios de produzir Ciência, potencialidades e possibilidades de criar espaços de análise para buscar enfrentar antigos desafios, como a valorização do trabalho docente, da área da Educação e do serviço público.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, Márcia Adriana Brasil; GONÇALVES, Josiane Peres. Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de sua história e propostas. **Revista Conhecimento Online**, Novo Hamburgo, v. 1, p. 36-44, mar. 2017.

ALBUQUERQUE, Daiany. Suspensão de aulas na rede pública pode ser prorrogada. **Correio do Estado**, 17 jun. 2020.

ALMEIDA, Ana Cláudia Pereira De; SCHEIFER, Camila Lawson. Caindo na rede, caindo na real: Em busca do inédito viável no mundo em (pós)pandemia. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 21, p. 1193-1218, 2021.

ALVES, Diego. Bolsonaro ataca professores e diz que eles não querem trabalhar. **Mídia Max**, 18 set. 2020.

ASSIS, Ana Paula De Alcântara. **Desafios do trabalho docente em Educação Física Escolar durante a pandemia'** 30/07/2021 112 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Rede Sirius

BARRETO, Raquel Goulart. A escola entre os embates na pandemia. **Educação & Sociedade**, v. 42, p. 1-16, 2021.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 3°. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2001. v. 01. 100p.

BEZERRA, Danilly De Sousa. **Letramento digital em tempos de pandemia: o olhar de professores e alunos sobre o ensino remoto emergencial e as tecnologias digitais'** 30/04/2021 143 f. Mestrado em Ensino Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros Biblioteca Depositária: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

BORTOLAZZO, Sandro. Os usos do conceito de pedagogias culturais para além dos oceanos: uma análise do contexto Brasil e Austrália. **Momento: Diálogos em Educação**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 315–336, jan./abr., 2020.

BRESSAN, Renato Teixeira. YouTube: intervenções e ativismos. In: XII Congresso da Comunicação na Região Sudeste / V Encontro Regional de Comunicação, 2007, Juiz de Fora. **XII Congresso da Comunicação na Região Sudeste / V Encontro Regional de Comunicação**, 2007.

BRUM, Raissa Garcia. **Trabalhador docente do ensino fundamental e as cargas de trabalho vivenciadas no ensino remoto emergencial'** 10/01/2022 103 f. Mestrado em Enfermagem Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande Biblioteca Depositária: Setorial da Área da Saúde.

CALDEIRA, Maria Carolina Da Silva. Um currículo em dois tempos: reflexões sobre a transição educação infantil/ensino fundamental no contexto da pandemia. In: 40 Reunião

Nacional ANPEd: Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo! 2021, Belém. **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPEd**, 2021.

CAMIZÃO, Amanda Costa; CONDE, Patricia Santos; VICTOR, Sonia Lopes. A implementação do ensino remoto na pandemia: qual o lugar da educação especial? **Educação e Pesquisa**, v. 47, p. 1-17, 2021.

CAMPOS, Karina. Há mais de um ano em aulas online, professores de MS reclamam falta de negociação salarial. **Mídia Max**, 06 abr. 2021

CARMAGNANI, Anna Maria Grammatico. Linguagem e exclusão: O discurso da mídia sobre o professor e a escola. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 9, p. 499-514, 2009.

CARVALHO, Felipe Da Silva Ponte De. Pedagogias ciberfascistas: uma análise sobre o trabalho das milícias digitais. In: 40ª Reunião Nacional da ANPEd: Educação como prática de liberdade: cartas da Amazônia para o mundo, 2021, Belém, **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPEd**, 2021.

CASTRO, Luis Henrique Monteiro De; SANTOS, Rosemary Dos. Ambiências formativas em tempos de pandemia: aprendendo ensinando com o uso do google e do whatsapp. In: 40ª Reunião Nacional ANPEd: Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo! 2021, Belém. **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPEd**, 2021.

CASTRO, Michele Marta Moraes; ALONSO, Katia Morosov. A educação básica e o uso das TIC na pandemia: entre o insólito e o possível. In: 40ª Reunião Nacional ANPEd: Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo! 2021, Belém. **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPEd**, 2021.

CHARCZUK, Simone Bicca. Sustentar a transferência do ensino remoto: docência em tempos de pandemia. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, p. 1-20, 2021.

CHIANEZI, Mariane. Desgaste de professores e alunos faz SED implantar “mini férias” de 7 dias em escolas estaduais. **Mídia Max**, 18 ago. 2020.

CHUVA, Ana Paula; GAMARRA, Jhefferson. Mesmo com vacinação, volta presencial das aulas na Reme divide professores. **Campo Grande News**, 08 jul. 2021.

CIPRIANI, Flávia Marcele; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CARIUS, Ana Carolina. Atuação docente na educação básica em tempo de pandemia. **Educação e Realidade**. Edição eletrônica, v. 46, p. 1-24, 2021.

COELHO, Taysa. Significado dos emojis populares do WhatsApp em 2022. **Dicionário Popular**.

CORREIA, Karen Cristini De Andrade; CARMO, Cláudio Márcio Do. Professores, mídia e estado: representações em torno da figura docente nas manifestações de 2015 no Paraná. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 62, n. 00, p. 1-22, 2021.

COSTA, Míriam Fernanda. **Os conflitos vivenciados em torno do trabalho docente na perspectiva de professoras da educação básica em contexto de pandemia'** 05/04/2021 328 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal de Juiz de Fora.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte De. (2015). Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. **Perspectiva**, 33(2), 843–862.

DELMONDES, Maria De Oliveira. As pesquisas com os cotidianos escolares em tempo de pandemia e necropolíticas: insurgências possíveis. In: 40 Reunião Nacional ANPED: Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo! 2021, Belém. **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPED**, 2021.

DIAS, Jorge Lucas De Oliveira. Trabalho docente no ensino médio amazônico em contexto de covid-19: análise sobre antes e durante a pandemia na Escola José do Patrocínio (AP). In: 40ª Reunião Nacional da ANPED: Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo! 2021, Belém. **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPED**, 2021.

DUARTE, Ludmilla Pollyana. Visualidades da infodemia: memes, desinformação e os desafios para a educação. In: 40ª Reunião Nacional da ANPED: Educação como prática de liberdade: Cartas da Amazônia para o mundo! 2021, Belém. **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPED**, 2021.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 9, n. 9, p. 87-97, 1998.

FANTIN, Monica; SANTOS, Lizyane Francisca Silva Dos. As trilhas percorridas por docentes da educação infantil na pandemia: entre meios, produções e mediações. In: 40 Reunião Nacional ANPED: Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo! 2021, Belém. **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPED**, 2021.

FERNANDES, Jocelma Lima Pereire; LIMA, Antonio Marcos Da Cruz; OLIVEIRA, Andreia Cristiane De; ROCHA, Simone Albuquerque Da. Pandemia da covid 19 nas práticas de professoras iniciantes em Mato Grosso: Por entre Pedras. In: XV Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste, Reunião Regional da ANPED, 2020, Uberlândia-MG. **Anais das reuniões regionais da ANPED**, 2020.

FERREIRA, Heidi Jancer; MIOTTO, Keila; PEREIRA, Juscélia Cristina; LOPES, Josué; GONTIJO, Karla Queiroz; PEREIRA, Claudia Catarino; KLEHM, Renata Beatriz; SANTOS, Wagner Edson. E a educação física? Narrativas de professores-pesquisadores sobre as aulas remotas em institutos federais. **Revista Movimento**, v. 27, p. e27070, 2021.

FERREIRA, Sonja Gabriella Moll. **Docência no contexto da pandemia da covid-19 em 2020: possíveis representações de professores sobre seu trabalho'** 27/08/2021 80 f. Mestrado Profissional em Educação: formação de formadores Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca da PUC-SP (Campus Monte Alegre).

FIGUEIREDO, Débora De Carvalho; BONINI, Adair. Recontextualização e sedimentação do discurso e da prática social: como a mídia constrói uma representação negativa para o professor e para a escola pública. **Delta**. Documentação de estudos em linguística teórica e aplicada (PUCSP. Impresso), v. 33, p. 759-786, 2017.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n.2, p. 59-79, 1997.

FLORES, Ana Karla. Aulas presenciais nas escolas estaduais de Mato Grosso do Sul só voltam em 2021. **Correio do Estado**, 05 out. 2020.

FREIRE, Silvia Segovia Araujo; RODRIGUES, Adaline Franco; URT, Sonia Da Cunha. A (des) empatia emergida e denunciada em tempos de pandemia: os dissabores vivenciados pelo professor. In: XV ANPED-CO Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste, 2020, Uberlândia. **Anais das Reuniões Regionais da ANPEd**, 2020.

FREITAS, Maria Fernanda Lopes De. **A transformação do trabalho do professor: coanálise das atividades docentes durante a pandemia covid-19 através da clínica da atividade'** 22/02/2021 439 f. Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais Instituição de Ensino: Universidade Federal do Paraná, São Carlos Biblioteca Depositária: Universidade Federal do Paraná.

FREITAS, Ronilson Freitas; RAMOS, Daniel Santos.; FREITAS, Tahiana Ferreira.; SOUZA, Gleydson Rocha.; PEREIRA, Eryka Jovânia; LESSA, Angelina do Carmo. Prevalência e fatores associados aos sintomas de depressão, ansiedade e estresse em professores universitários durante a pandemia da covid-19. **Jornal brasileiro de psiquiatria** (online), v. 70, p. 283-292, 2021

FRIAS, Silvia. Na volta às aulas, prefeitura corta professor obeso ou diabético e causa revolta. **Campo Grande News**, 16 fev. 2021.

GODOY, Arilda. Schimidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **RAE. Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, 1995.

GUIMARAES, Lislaine Mara Da Silva. **O ensino remoto emergencial e o mal-estar docente: uma análise dos seus impactos sobre as condições de trabalho dos professores de Sociologia no Estado do Paraná diante da pandemia de covid-19'** 04/03/2021 115 f. Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional Instituição de Ensino: Universidade Federal do Paraná, Fortaleza Biblioteca Depositária: Biblioteca de Ciências Humanas UFPR.

JESUS, Dourivan Camara Silva De. **O programa mídias na educação: relações de aproximação e distanciamento entre o trabalho docente e a mídia'** 01/05/2011 251 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Marília, Marília Biblioteca Depositária: Faculdade de Filosofia e Ciências.

JUSTINO, Aline De Sousa. **Percepção dos professores da rede pública de ensino sobre sua saúde no contexto da pandemia da covid-19 em um estado do Nordeste'** 31/08/2021 85 f. Mestrado em Saúde e Comunidade Instituição de Ensino: Fundação Universidade Federal do

Piauí, Teresina Biblioteca Depositária: UFPI

LIMA, José Edson Ferreira. **O discurso sobre o trabalho docente em textos jornalísticos: sentido, história e memória** Maceió/AL' 26/07/2018 99 f. Mestrado em Linguística e Literatura Instituição de Ensino: Universidade Federal de Alagoas, Maceió Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.

LOBO, Thamy; MACHADO, Marcelo Ferreira; CASTRO, Maria Cecilia Sousa De. Cotidianos, travessias e criações - pandemia e possibilidades de migrações curriculares. In: 40 Reunião Nacional ANPED: Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo! 2021, Belém. **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPED**, 2021.

LOPES, Ana Lucia Souza. Cultura Digital e Prática Docente: rupturas e continuidades no contexto do ensino superior pós Covid19. In: 40a. Reunião Nacional ANPED, 2021. **Anais da 40ª Reunião Nacional ANPED**, 2021. v. 1. p. 1-5.

LUNARDI, Nataly Moretzsohn Silveira Simões.; NASCIMENTO, Andrea; SOUSA, Jeff Barbosa; SILVA, Núbia Rafaella Martins; PEREIRA, Teresa Gama Nogueira; FERNANDES, Janaína Silva Gonçalves. Aulas Remotas Durante a Pandemia: dificuldades e estratégias utilizadas por pais. **Educação e realidade**, 2021.

MACEDO, Renata Mourão. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e o desafio de uma escola pública. **Estudos Históricos**, v. 34, p. 262-280, 2021

MACHADO, Roseli Belmonde; DUTRA, Isabela; BORTOLAZZO, Sandro Faccin. Educação em tempos de pandemia: uma análise dos movimentos mães & pais pela democracia e lugar de criança é na escola. In: 40ª Reunião Nacional da ANPED, 2021, Belém. **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPED**, 2021.

MAGALHÃES, Beatriz. Com piora da pandemia, apenas UFMS insiste no ensino híbrido. **Correio do Estado**, 05 mar. 2021.

MAGALHÃES, Rodrigo Cesar Da Silva. Pandemia de covid-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** (impresso), v. 28, p. 1263-1267, 2021.

MAKNAMARA, Marlécio. Quando artefatos culturais fazem-se currículo e produzem sujeitos. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 2, jun. 2020.

MALDONADO, Caroline. Aula presencial é opcional e remota continua com professores à disposição. **Campo Grande News**, 08 jul. 2021.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Conceitos Básicos In: Martino, Luís Mauro Sá. **Mídias Digitais**. Petrópolis, Vozes, 2015, pp. 19-54.

MARQUES, Marina Lima; TAVARES, Rejane Gomes. Educação, pandemia e ensino remoto: reflexões a partir de notas públicas e lives. In: XV ANPED-CO Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste, 2020, Uberlândia. **Anais das Reuniões Regionais da ANPEd**, 2020.

MARQUES, Pedro Paulo Mendes Da Rocha. **Desafios impostos pelo ensino remoto emergencial nas práticas de professores de matemática'** 23/12/2021 124 f. Mestrado em Ensino de Matemática Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Prof. Leopoldo Nachbin.

MATO GROSSO DO SUL. **Educação permanente em saúde: plano estadual de Mato Grosso do Sul**, Campo Grande, 2011.

MATTOS, Adriel. Suspensão das aulas na rede estadual é prorrogada até 30 de junho. **Correio do Estado**, 15 jun. 2020.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães De. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, CLG.; CASTRO, PA., (Orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83.

MÁXIMO, Maria Elisa. No desligar das câmeras: experiências de estudantes de ensino superior com o ensino remoto no contexto da covid-19. **Civitas: Revista de Ciências Sociais (impresso)**, v. 21, p. 235-247, 2021.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MILLIET, Joana Sobral. **Ensino remoto emergencial e letramentos midiáticos de professores na pandemia de covid-19'** 11/02/2022 181 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MIRANDA, Michele Castanho Machado. **Peso de estar em casa: uma análise acerca da percepção das profissionais docentes em relação a sobrecarga de trabalho no home office'** 07/07/2021. Mestrado em Administração Instituição de Ensino: Fundação Universidade Federal do Pampa, Sant'Ana do Livramento

MOREIRA, Rafaela. Sindicato de Professores pede que as aulas remotas continuem naCapital. **Correio do Estado**, 16 jul. 2021.

MOREL, Lucia. Professores da rede particular reclamam que trabalho aumentou e salárioscaiu. **Campo Grande News**, 05 abr. 2021.

MOREL, Lucia. Sindicato dos Professores é contra retorno das aulas presenciais na redeprivada. **Campo Grande News**, 14 out. 2020.

NEVES, Mateus Santos. **Narrativas dos/as professores/as de ciências da natureza de uma escola em tempo integral em tempos de pandemia'** 30/06/2021 87 f. Mestrado em Ensino deCiências e Matemática Instituição de Ensino: Fundação Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão Biblioteca Depositária: BICEN

NICOLINI, Cristiano; MEDEIROS, Kênia Erica Gusmão. Aprendizagem histórica em tempos de pandemia. **Estudos Históricos**, v. 34, p. 281-298, 2021.

NUSSLE, Flora Santos. **Como as professoras de escola privada vivenciam o seu trabalho durante a pandemia do covid-19?** 23/08/2021 Mestrado em Psicologia Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n.122, p. 283-303, 2004.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (Orgs.) **Pesquisas sobre currículo, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018, p. 23- 45.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIXOTO, Leonardo Ferreira; WANZELER, Eglê Betânia Portela; ESTÁCIO, Marcos André Ferreira. Pode ser a gota d'água: vozes de professoras e a pandemia na Amazônia. In: 40 Reunião Nacional ANPEd: Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo! 2021, Belém. **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPEd**, 2021.

PEREIRA, Samira Cristina Silva; MENDES, Sérgio Procópio Carmona. Um debate sobre o campo online e a etnografia virtual. **TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 21, jan./jun. 2020, p. 196-212.

PINHO, Paloma de Sousa; Freitas, Aline Macedo Carvalho; CARDOSO, Mariana de Castro Brandão; SILVA, Jéssica Silva Da; REIS, Livia Ferreira; MUNIZ, Caio Felipe Dias; ARAÚJO, Tânia Maria De. Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde (online)**, v. 19, p. 1-21, 2021.

PORTELA, Alana. Contra aula presencial, professores da UFMS ameaçam greve. **Campo Grande News**, 03 mar. 2021.

PORTELA, Alana. Professor denuncia casos de covid após volta aos trabalhos presenciais. **Campo Grande News**, 19 fev. 2021.

PUCCI, Renata Helena Pin; FERREIRA, Luciana Haddad. Formação, autoria e resistência: a escuta de professoras no tempo-espço da pandemia da covid-19. In: 40ª Reunião Nacional da ANPEd: Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo! 2021, Belém. **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPEd**, 2021.

Quem será culpado pelas contaminações na volta às aulas? **Campo Grande News**, 02 mar. 2021.

RIBEIRO, M. P. Teorias críticas e pós-críticas: pelo encontro em detrimento do radicalismo. **Movimento – Revista em Educação**, v. 3, p. 298-333, 2017.

RODRIGUES, N; CHUVA, A. P. Se rede privada pode voltar, por que a pública não? Perguntam pais. **Campo Grande News**, 24 fev. 2020.

ROSA, Aline Caroline Da. Sentidos e significados do trabalho docente na educação infantil: um diálogo a partir das condições de trabalho. In: 40ª Reunião Nacional da Anped- 'Educação como prática de liberdade': Cartas da Amazônia para o mundo! 2021, Belém. **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPEd**, 2021.

RUFATO, João Antônio. **Práticas docentes na educação básica em tempos de covid-19: implicações para o processo de formação continuada e condições de trabalho no ensino remoto**' 31/03/2021 183 f. Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias Instituição de Ensino: Centro Universitário Internacional, Curitiba Biblioteca Depositária: Biblioteca do Centro Universitário Internacional Uninter.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 1, p. 04-21, 2001.

SANTOS, Adriana De Araujo; GIRAFFA, Lucia Maria Martins. A experiência docente em tempos de pandemia: pedagogia e desafios tecnológicos na rede estadual de Pernambuco. In: 40ª Reunião Nacional ANPEd: Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo! 2021, Belém. **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPEd**, 2021.

SANTOS, Carolina Gil. **Ensino remoto na pandemia: urgências e expressões curriculares da cultura digital**' 21/12/2020 125 f. Mestrado em Educação (Currículo) Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: PUC-SP.

SANTOS, Otavio Henrique Rodrigues Dos; TAQUES, Marcelo José; LEVANDOSKI, Gustavo. A violência no cotidiano escolar: um estudo envolvendo professores de Dourados – MS. **Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas**, Ponta Grossa, v. 27, p. 175- 183, 2019.

SILVA, Iolete Ribeiro Da; ROLIM, Dalvina Teixeira; CARVALHO, Tereza De Jesus Pires. Os desafios da educação escolar quilombola no contexto da pandemia da Covid- 19 em uma comunidade no município de Barreirinha AM. In: 40ª Reunião Nacional da ANPEd, 2021, Belém. **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPEd**, 2021.

SILVA, Josiele Oliveira Da; FERREIRA, Maira. Representação de professores em redes sociais: discursos sobre a docência e identidade docente. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 1, p. 68-84, 2017.

SILVA, Rosalina Dantas Da; BASTA, Leandro. A regulamentação do ensino remoto na rede estadual de ensino de Goiás. In: XV ANPEd-CO Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste, 2020, Uberlândia. **Anais das Reuniões Regionais da ANPEd**, 2020.

SILVA, Rosângela Ramos Veloso; BARBOSA, Rose Elizabeth Cabral; SILVA, Nayra Suze Souza ; PINHO, Lucinéia de ; FERREIRA, Thalita Bahia.; MOREIRA, Betânia

Borja; BRITO, Maria Fernanda Santos Figueiredo; HAIKAL, Desirée Sant'Ana. Pandemia da covid-19: insatisfação com o trabalho entre professores(as) do estado de Minas Gerais, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 6117-6128, 2021.

SILVA, Reginaldo Do Socorro Martins Da; OLIVEIRA, Ney Cristina Monteiro De; FERREIRA, Maria Cristina Afonso. Gestão escolar e pandemia da covid-19: o papel do gestor os desafios para a (re)organização da escola básica na Amazônia Paraense. In: 40ª Reunião Nacional da ANPEd: Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo! 2021, Belém, **Anais das Reuniões Regionais da ANPEd**, 2021.

SILVA, Rafael; MENDES, Claudio Lucio. Quando o ensino híbrido se encontra com a pandemia. In: 40ª Reunião Nacional da ANPEd: Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo! 2021, Belém, **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPEd**, 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu Da. **Currículo e identidade social: territórios contestados**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 185-201.

SILVA, Tomaz Tadeu Da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SILVEIRA, Rosa Hessel; COSTA, Mariza Vorraber; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, n.23, p. 36-61, 2003.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. Governo dos Algoritmos. In: **Revista de políticas Públicas**. V.21,n.1, 2017, p. 267-281.

SOUZA, Katia Reis De; SANTOS, Gideon Borges Dos; RODRIGUES, Andréa Maria Dos Santos; FELIX, Eliana Guimarães; GOMES, Luciana; ROCHA, Guilhermina Luzia Da; CONCEICAO, Rosilene De Carmo Macedo; ROCHA, FábioSilva Da; PEIXOTO, Rosaldo Bezerra. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde (online)**, v. 19, p. e00309141, 2021.

SOUZA, Kátia Reis de; SANTOS, Gideon Borges dos ; RODRIGUES, Andréa Maria dos Santos; FELIX, Eliana Guimarães; GOMES, Luciana. Diários de professores(as) na pandemia: registros em cadernetas digitais de trabalho e saúde. **Interface (Botucatu. Impresso)**, v. 26, p.e210318, 2022.

TEIXEIRA, Luana Correia De Melo. **Percepções sobre a prática docente e sentimentos dos professores de ciências e matemática durante a pandemia: uma análise à luz do TPACK'**29/06/2021 160 f. Mestrado em Educação em Ciências e Matemática Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre Biblioteca Depositária: PUCRS

TERUYA, Teresa Kazuko. **Sobre mídia, educação e Estudos Culturais**. In. MACIEL, Lizete Shizue Bomura; MORI, Nerli Nonato Ribeiro (Org.) Pesquisa em Educação: Múltiplos Olhares. Maringá: Eduem, 2009. p. 151-165

TOLEDO, Priscila Ramos. **A apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação na prática pedagógica de professores: um olhar a partir dos cursos de formação continuada de alfabetizadores**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) -

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. (Campus do Pantanal), Corumbá.

TRÊS LAGOAS. **Decreto nº049, de 18 de março de 2020**. Adota novas medidas de enfrentamento ao coronavírus – covid-19, para definir as categorias de risco clínico dos servidores públicos municipais com indicação para dispensa de trabalho, e dá outras providências. Diário Oficial da Associação dos Municípios de Mato Grosso Do Sul, n.2565, p.569.

TROITINHO, Maria Da Conceição Ribeiro; SILVA, Ivonilce Brelaz Da; SOUSA, Maiana Maia; SANTOS, Adriana Damascena Da Silva; MAXIMINO, Caio. Ansiedade, afeto negativo e estresse de docentes em atividade remota durante a pandemia da covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde (online)**, v. 19, p. 1-20, 2021.

WAGNER, Irmo; SOMMER, Luis Henrique. **Pedagogias Culturais**. 2007. (Relatório de pesquisa).

WILL, Daniela Erani Monteiro; ESPÍNDOLA, Maria Bazzo De; CERNY, Roseli Zen. Formação docente na pandemia de covid-19: iniciativas mapeadas nas redes estaduais de ensino brasileiras. In: 40ª Reunião Nacional da ANPED: Educação como prática de Liberdade: cartas da Amazônia para o mundo! 2021, Belém. **Anais da 40ª Reunião Nacional da ANPED**, 2021.

ZANCHETTA, Juvenal. Estudos sobre recepção midiática e educação no Brasil. **Educação e Sociedade**, v. 28, p. 1455-1475, 2007.

ZURUTUZA, Anahi. Alunos e professores da rede estadual terão “Semana do Saco Cheio” forade época. **Campo Grande News**, 18 ago. 2020.